

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

Karla Fernanda Fonseca Corrêa Avanço

**PERFORMATIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE
GÊNERO NA REVISTA VIP**

Goiânia – GO
2006

Karla Fernanda Fonseca Corrêa Avanço

**PERFORMATIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE
GÊNERO NA REVISTA VIP**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Letras e Linguística da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Goiás, para obtenção do
título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto

Goiânia – GO
2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Avanço, Karla Fernanda Fonseca Corrêa.

A946p Performatividade e constituição das
 identidades de
 gênero na revista VIP / Karla Fernanda
 Fonseca Corrêa
 . – Goiânia, 2006.

96f. : il., tabs.

Orientadora: Joana Plaza Pinto.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de
Goiás, Faculdade de Letras, 2006.

Bibliografia: f. 93-96.
Anexos.

1. Linguagem - Identidade - Gênero 2. Identidade na
linguagem - Periódico 3. Mídia - Identidade – Periódico 4.
Comunicação de massa e linguagem 5. Lingüística aplica-
da I. Pinto, Joana Plaza II. Universidade Federal de Goiás.
Faculdade de Letras III. Título.

CDU:81

Karla Fernanda Fonseca Corrêa Avanço

**PERFORMATIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE
GÊNERO NA REVISTA VIP**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre em Letras e Lingüística, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Profa. Dra. Joana Plaza Pinto – UFG
Presidente da Banca

Profa. Dra. Iara Beleli – IFCH / Unicamp

Profa. Dra. Kátia Menezes – UFG

A minha mãe, in memoriam, que,
infelizmente, não pôde presenciar este
momento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu esteio em todos os momentos da vida.

À professora e orientadora desta dissertação, Profa. Dra. Joana Plaza Pinto, pela dedicação e paciência.

Ao Mestrado em Lingüística da UFG, especialmente aos/às professores/as que possibilitaram reflexões e crescimento.

Aos/Às integrantes do Grupo de Estudos “Lingüística Pós-Estruturalista e Práticas Identitárias” que, junto comigo, refletiram sobre questões de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. E a todos/as os/as colegas que me auxiliaram nos momentos de dúvida.

A meu pai, mestre e guia nas descobertas da língua, pelas acaloradas discussões sobre lingüística.

Ao Leonardo, pelo apoio nas horas difíceis, de desânimo e de mudança de humor.

A todos familiares e amigos/as pela compreensão sempre que estive ausente.

What I shall have to say here is neither difficult nor contentious; the only merit I should like to claim for it is that of being true, at least in parts. The phenomenon to be discussed is very widespread and obvious, and it can not fail to have been already noticed, at least here and there, by others.

John L. Austin

AVANÇO, K.F.F.C. Performatividade e constituição das identidades de gênero na revista VIP: s.d., 2006. 96 p. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é discutir o papel da linguagem no processo de constituição das identidades de gênero. Para tanto, baseamo-nos em uma concepção performativa da linguagem, em outras palavras, na noção de que dizer é fazer. Tomamos como base para essa discussão a obra de John L. Austin (1976), *How To Do Things With Words*, além de leituras feitas por estudiosos/as como Jacques Derrida (1991) e Judith Butler (1997, 2003). Fizemos um percurso, começando pela dicotomia constativo/performativo, passando pelos atos de fala, até chegarmos a essa concepção de linguagem enquanto ação. A partir daí, analisamos como, através de um ato de fala interpelativo, ou seja, de um ato de nomeação, as pessoas são constituídas sujeitos e o nome recebido passa a ser visto como representação da essência, como algo anterior, pré-existente. Tratamos, também, de outras questões fundamentais para o estudo das identidades como agência e responsabilidade.

Para fazer tal análise, utilizamos material já elaborado e publicado no ano de 2004: a seção *Atitude*, da revista *VIP* (Editora Abril). Devido à natureza do corpus, apresentamos, ainda, uma concepção de mídia, discutimos suas características e seu papel no processo de constituição das identidades. Se, no passado, as identidades eram constituídas em interações com a família e com outras pessoas da comunidade, sob influência de instituições como a igreja, a escola e o Estado, hoje elas são formadas com base também em uma outra instituição: a mídia.

Pensando na vulnerabilidade lingüística dos sujeitos e na sua dependência de conteúdos mediados falamos, primeiramente, sobre o processo de descentramento das identidades. Em outras palavras, discutimos que a identidade não é centrada, fixa e coerente. Em seguida, com base nos estudos de gênero, analisamos, nos textos que compõem o corpus desta pesquisa, a estereotipização de aspectos como corpo e sexualidade.

Por fim, discutimos como a revista *VIP* utiliza a linguagem e lida, ao mesmo tempo, tanto com um discurso homogeneizante quanto com identidades descentradas. Além disso, tentamos questionar a linguagem que não apenas nos constitui como sujeitos, mas também (nos) mantém (nos) sistemas de opressão.

Palavras-chaves: linguagem, performatividade, identidade, gênero, revista VIP

AVANÇO, K.F.F.C. Performatividade e constituição das identidades de gênero na revista VIP: s.d., 2006. 96 p. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the role of language in the process of gender identities constitution. In order to do so, we have taken a performative conception of language, that is to say, the notion that “saying is doing”. This discussion was based on John L. Austin’s *How To Do Things With Words* (1976), as well as some work by Jacques Derrida (1991) and Judith Butler (1997, 2003). We have followed a path which began from the dicotomy performative/constative, going through the speech acts, and getting to the conception of language as action. From this point we analysed how, through an interpellative speech act, i.e., through the act of naming, people are constituted into subjects and how such naming is then seen by many as the representation of their pre-existing essence. Moreover, we discussed other fundamental questions to the study of identities such as agency and responsibility.

To perform this analysis, we used material that had been already elaborated and published in 2004: the section *Attitude*, from *VIP* magazine (Abril Publisher). Due to the nature of our corpus, we also presented a media conception, discussing its characteristics and its role in the process of identities constitution. Whereas in the past, the identities had been seen as constituted in interactions with the family and other people from the community, under the influence of institutions such as the church, the school and the State, now their formation is also seen as based on another institution: the media.

Reflecting about the linguistic vulnerability of the subjects and of their dependency on mediated contents, we first talked about the identities descentration process. In other words, we argued that the identities are neither centered, nor fixed, nor coherent. Then, based on gender studies, we analysed, in the texts that compose this research corpus, the stereotyping of aspects such as body and sexuality.

Finally, in this work we discussed how the *VIP* magazine uses language and presents both homogenizing discourse and descentred identities. Furthermore, we tried to question language, that not only constitutes us as subjects but also keeps (us in) the constrain systems.

Key-words: language, performativity, identity, gender, VIP magazine

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
Algumas observações sobre o conceito gênero.....	13
A trajetória deste texto.....	15
 CAPÍTULO 1	
Uma concepção de linguagem para o estudo das identidades.....	17
1.1 Performativo e constativo.....	18
1.2. Chegando aos atos de fala.....	21
1.3. Os atos de fala.....	24
1.4. Performatividade da linguagem e constituição das identidades..	27
 CAPÍTULO 2	
Uma concepção de mídia para o estudo das identidades.....	33
2.1 O que é a mídia.....	34
2.2 Por que estudar a mídia.....	35
2.3. A relação entre mídia e identidade.....	40
2.4. O papel das colunas de opinião.....	45
2.5. A revista <i>VIP</i>	48
2.6. A seção <i>Atitude</i>	56
2.6.1. As colunas e os/as colunistas.....	57
 CAPÍTULO 3	
A constituição das identidades de gênero.....	63
3.1. A identidade.....	64
3.2. A constituição das identidades de gênero.....	65

3.2.1. O gênero e o corpo.....	72
3.2.2. O gênero e a sexualidade.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
Referências bibliográficas.....	93

Anexos

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tomamos muitas cacetadas, mas acabamos finalmente compreendendo e aceitando que, sim, [...] nós mulheres, somos diferentes [dos homens]. [...] Não adianta, é da natureza.

Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G4

As pessoas, em nossa sociedade, dividem-se em diferentes grupos. Elas podem ser ricas ou pobres, brancas ou negras, jovens ou velhas, letradas ou iletradas... As divisões ou grupos são inúmeros e, normalmente, dentro deles há subclassificações. Existe a classe baixa, a classe média. Existem crianças, adolescentes, adultos, e assim por diante. Há, contudo, uma classificação primária, que antecede a qualquer outra. As pessoas ou são mulheres ou são homens.

As pessoas são reconhecíveis, em nossa sociedade, de acordo com aquilo de que são chamadas. O problema é que ao receberem um “nome”, esse nome deixa de ser visto como uma classificação posterior e as pessoas passam a acreditar que isso é o que elas naturalmente são. Em outras palavras, o nome que foi dado à pessoa passa a representar seu interior, sua essência.

Dessa forma todos nós somos construídos, adquirimos uma identidade, ao mesmo tempo em que nos diferenciamos dos outros. A identidade é, então, vista como idêntica a si mesma e que permanece, ao longo do tempo, internamente coerente, estável, fixa. Essa visão relaciona-se com outras concepções de sujeito e da própria identidade.

Em tempos pré-modernos, o sujeito era divinamente determinado, o que impossibilitava mudanças e transformações. O sujeito surgiu, de fato, no Iluminismo, com o nascimento do indivíduo soberano, graças a movimentos como a Reforma Protestante, o Renascimento Humanista e as revoluções científicas.

Tratava-se, nessa época, de uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade. Stuart Hall afirma que havia uma

concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2004, p.10-11).

O *centro*, o núcleo interior era a identidade que era vista como um produto acabado, como a essência do indivíduo.

De extrema importância para essa concepção de sujeito foi o pensamento do filósofo René Descartes, que refocalizou o grande dualismo existente entre *mente* e *matéria*, localizando o sujeito no centro da mente. Isso originou o sujeito conhecido como *cartesiano*, pensante, racional e que se situava no interior do conhecimento. Tratava-se de uma concepção bastante individualista; além disso, o sujeito do Iluminismo era normalmente tratado como sendo masculino.

Um novo sujeito surgiu com a biologia darwinista e o desenvolvimento de novas ciências sociais, como a economia, a psicologia e a sociologia. Esse sujeito era formado subjetivamente por meio de sua participação em relações sociais mais amplas, isto é, a identidade era formada a partir das relações entre o “eu” e a sociedade. Tem-se, então, uma *concepção interativa* do sujeito. No entanto, apesar de o “eu” do sujeito modificar-se graças a um diálogo constante com as estruturas sociais e culturais, a identidade ainda era vista como algo centrado e unificado. O processo de constituição das identidades ainda se dava em bases dicotômicas: interior/exterior, individual/social. A identidade era aquilo que ligava o sujeito à sociedade, estabilizando tanto um quanto o outro.

A identidade do homem e da mulher, como ela é retratada nos diversos discursos da nossa sociedade, é um exemplo claro dessa concepção de sujeito soberano e de identidade estável e coerente. Constantemente vemos enunciados do tipo:

O metrossexual é a rendição do *homem como entidade única e intransferível*. [...] O mundo será melhor, ou pelo menos não tão ridículo, enquanto *os homens parecerem homens e as mulheres, mulheres* (Juan Iglezias – O Homem mais irado da cidade – Anexo D1; grifo nosso).

Gosto de ser mulher e não fico incomodada com minhas *características intrínsecas*; acho *natural* a tendência a ser emotiva, carinhosa, protetora, a gostar de mimo. (Ailin Aleixo – A mulher honesta – Anexo A3; grifo nosso).

Os trechos acima, retirados da seção Atitude, da revista VIP, mostram uma concepção de identidade de homens e mulheres como sendo natural, essencializada, fixa. Ela se baseia em um binarismo, o que cria a idéia de que mudanças provocariam desestabilidade, seriam não-naturais.

O objetivo deste trabalho é, precisamente, discutir isso, ou seja: como somos constituídos/as sujeitos em nossa sociedade por meio do chamamento do outro, isto é, quando somos interpelados/as pelos termos da linguagem. Buscaremos discutir, particularmente, a

constituição das identidades de gênero. Para tanto, analisaremos um produto da mídia: uma seção da revista VIP (Editora Abril) chamada Atitude.

Vamos discutir a constituição das identidades de gênero porque, em nossa sociedade, como afirma Judith Butler, “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero” (BUTLER, 2003, p.37). Em outras palavras, as pessoas só assumem viabilidade e significado sociais por meio de papéis e funções de gênero, baseados na diferença de sexo. Por isso a discussão sobre identidade de gênero deve ser feita antes mesmo da discussão sobre a identidade do sujeito. Não pensar no gênero *a priori* é correr o risco de se tratar de um sujeito “abstrato”, “neutro”, retornando, justamente, ao que criticamos aqui.

Algumas observações sobre o conceito gênero

As feministas, buscando ferramentas teóricas mais adequadas para desnaturalizar a opressão vivenciada pelas mulheres, começaram a desenvolver estudos sobre as mulheres. Com o tempo, contudo, percebeu-se que tratar *mulheres* como um grupo homogêneo essencializa e naturaliza sua condição de opressão, além de ignorar as diferenças referentes a outros aspectos identitários (raça, etnia, classe, geração etc.). Além disso, para se garantir mais reconhecimento político para o campo de pesquisa, era preciso utilizar um termo mais objetivo e neutro, uma vez que a militância feminista, como afirma Guacira Lopes Louro, sempre foi “usualmente negada ou marginalizada numa ciência androcêntrica” (LOURO, 1995, p.102).

O termo *gênero*, então, começou a ser usado, na década de 1970, pelas feministas americanas, como palavra que se refere, de forma mais literal, à organização social da relação entre os sexos. O objetivo das feministas era tentar enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em sexo, rejeitando-se, assim, o determinismo biológico, impondo um novo olhar, mais crítico, sobre os parâmetros e as premissas dos trabalhos científicos que tratam de situações de desigualdade e opressão. O termo gênero tornou-se, então, uma forma de indicar as construções culturais sobre os papéis adequados a mulheres e homens.

Relacionar o gênero apenas à cultura, entretanto, pode ser tão limitador quanto creditar à natureza as causas da desigualdade entre os sexos e a opressão experienciada pelas mulheres. Somente uma discussão do gênero enquanto categoria analítica é capaz de explicar

como ele funciona nas relações sociais, como ele participa da organização e da percepção do conhecimento e como a história relaciona-se com as práticas presentes.

O conceito de gênero, enquanto categoria analítica, surgiu apenas no final do século XX. Esse conceito nos permite ver os processos de maneira interligada de tal forma que não há como buscar origens únicas para os problemas. Pensar dessa maneira implica lidar tanto com o sujeito individual quanto com a organização social. Segundo Joan Scott (1995), no interior da organização social, dos processos e estruturas de constituição das identidades de gênero, há espaço para uma noção de agência do sujeito, sendo que tal noção é concebida como uma tentativa de construção de uma identidade, por meio da linguagem, e estabelecida dentro de determinados limites.

Scott discute um conceito de gênero, enquanto categoria analítica, que apresenta duas partes inter-relacionadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86).

O primeiro aspecto da definição de gênero implica as representações simbólicas culturalmente disponíveis, além dos conceitos normativos (educacionais, religiosos, políticos etc.) que definem de maneira clara, fixa e opositiva o que é “homem” e o que é “mulher”, o que significa o “masculino” e o que significa o “feminino”. Esses conceitos, dicotomizados, apresentam a posição dominante como única possibilidade, enquanto delimitam e reprimem outras alternativas.

Além disso, o gênero supõe uma certa concepção da política, das instituições e das organizações sociais. A esse respeito, Louro (1995) afirma que o gênero “é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero)” (LOURO, 1995, p.103). Por fim, gênero possibilita um exame das formas através das quais as identidades subjetivas generificadas são substantivamente constituídas, tentando solucionar o problema trazido pela universalização.

De acordo com a segunda parte do conceito de Scott (1995), o poder é articulado no interior do gênero, ou por meio dele. Em outras palavras, é o conceito de gênero que estrutura a percepção e a organização, tanto concreta quanto simbólica, da vida social. Estabelecendo distribuições de poder, o gênero participa da concepção e da construção do próprio poder.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder (SCOTT, 1995, p.92).

Além de se relacionar com o poder, o gênero não pode ser separado das intersecções políticas e culturais nas quais ele é produzido e sustentado. Isso se deve ao fato de ele apresentar um caráter relacional. Os discursos de gênero são marcados pela diferença e, devido a isso, mulheres e homens são levadas/os a assumir posições diferentes e os diversos eixos identitários, também marcados pela diferença – classe, raça, geração, etnia etc. – fazem intersecção com o gênero e oferecem posições diferentes para o sujeito.

É claro que as diferentes sociedades apresentam discursos de gênero variados, mas esses discursos costumam ser oposicionais. Em outras palavras, são construídos em torno da idéia de que o gênero apresenta duas formas mutuamente excludentes: feminilidade e masculinidade. Devido a esse aspecto relacional, mulheres e homens não podem ser compreendidas/os a partir de estudos separados, mas, devem, por outro lado, ser definidas/os em termos recíprocos, lembrando que reciprocidade supõe independência de um sujeito em relação ao outro (enquanto complementaridade supõe que um sujeito só se completa em relação, ou na relação com outro).

Por isso é possível analisar uma revista masculina para se discutir a constituição das identidades de gênero. Homens e mulheres são constituídos/as, simultaneamente, ao reconhecerem que – e como – cada um/a se diferencia do outro.

A trajetória deste texto

Neste trabalho, apresentaremos uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, feita com base em material já elaborado e publicado – a revista VIP, da Editora Abril. Todas as edições do ano de 2004 (de janeiro a dezembro) foram adquiridas. Embora façamos, posteriormente, uma descrição detalhada de toda a revista, nosso corpus constitui-se apenas por uma de suas seções, a Atitude, na qual foram publicados 37 textos durante o ano em questão.

Os textos encontram-se nos anexos deste trabalho. As colunas foram organizadas de acordo com o sobrenome do/as autores/as: ALEIXO, Ailin – Anexo A; CHOPELL, Tenzin – Anexo B; HERNANDEZ, Fábio – Anexo C; IGLEZIAS, Juan – Anexo D; MENEZES, Cynara – Anexo E; PAIVA, Marcelo Rubens – Anexo F; e RAO, Gisela – Anexo G. Em cada um dos anexos, correspondentes às colunas, os textos foram ordenados por mês. A partir do material publicado nessa seção, analisaremos, então, como a linguagem é utilizada no processo de constituição das identidades de gênero.

Discutiremos, no primeiro capítulo, uma concepção de linguagem performativa, baseada na obra de John L. Austin (1976), *How to do things with words*. Nós nos apoiaremos na leitura que alguns/algumas autores/as fizeram dessa obra, como Shoshana Felman (1980) e Jacques Derrida (1991). Falaremos, então, sobre como a linguagem, enquanto ação, interpela os sujeitos e os constitui. A partir de um texto de Judith Butler (*Excitable Speech*, 1997), trataremos de noções fundamentais para a discussão sobre identidades, como agência do sujeito e responsabilidade.

No capítulo seguinte, falaremos de uma concepção de mídia, de quais são suas características e de como ela participa do processo de constituição das identidades dos sujeitos. Aproveitaremos para apresentar a revista VIP. Em seguida, detalharemos a seção Atitude (o corpus deste trabalho) descrevendo suas colunas e seus/suas colunistas.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos os textos da seção Atitude, da revista VIP, a fim de verificarmos como as identidades de gênero são constituídas, nesse veículo da mídia, por meio dos termos da linguagem. Discutiremos algumas questões identitárias específicas, como o descentramento da identidade, além de alguns aspectos do gênero como corpo e sexualidade.

Em boa parte do texto, sempre que for possível, tentaremos relacionar teorias sobre a linguagem, sobre a mídia e sobre o gênero com a análise que faremos do corpus, pois acreditamos que teoria e prática não podem ser separadas. Utilizaremos, também, as formas do masculino e do feminino, simultaneamente, pois acreditamos que nem a gramática nem o estilo são neutros. O uso do masculino generalizante não é neutro, ele apenas homogeneiza as diferenças e finge tratar de sujeitos sem corpo, sem gênero, sem cor. Se o gênero é constituído pelos termos da linguagem, uma contestação da gramática, através da qual ele é produzido, é o primeiro passo para transformações mais profundas. Nosso objetivo final, portanto, é fazer um exercício de questionamento da linguagem, pois, se ela constitui os sujeitos, ela também mantém os sistemas de opressão.

1. UMA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM PARA O ESTUDO DAS IDENTIDADES

Speaking is itself a bodily act.

Judith Butler

A Lingüística de Saussure privilegiou o estudo da língua, considerada um todo em si, um conjunto de convenções estabelecidas socialmente as quais permitem que as pessoas se comuniquem umas com as outras. A língua é, sob essa perspectiva, vista como uma manifestação da linguagem que, sendo multiforme, heterogênea e pertencente, ao mesmo tempo, tanto ao domínio individual quanto ao social, não se deixa classificar ou categorizar. A opção de Saussure de privilegiar o estudo da língua permitiu, sem sombra de dúvida, que a Lingüística se desenvolvesse e se estabelecesse como ciência. Esse estudo da língua em si mesma e por si mesma, entretanto, não dá conta da complexidade de relações existentes, por exemplo, entre a linguagem e a sociedade ou entre ela e o sujeito.

Até pouco tempo, muitos lingüistas tratavam a linguagem – ou, simplesmente, a língua – e a sociedade – e seu intrincado sistema de relações – distintamente, mas esse tipo de abordagem não torna os estudos menos complexos. O objetivo dos lingüistas, contudo, deveria ser tentar compreender o comportamento lingüístico dos/as falantes (que são seres sociais) e o uso que eles ou elas fazem da linguagem enquanto atividade social. Igualmente problemático é ver o sujeito falante, simplesmente, como aquele/a que utiliza a linguagem. Ao invés disso, é preciso observar qual é o papel da linguagem na constituição desse sujeito falante.

Os fenômenos lingüísticos não são puramente convencionais, eles são também criativos, inovadores e não comportam uma visão de linguagem como simples meio que permite aos sujeitos ter um contato com o mundo e com a realidade. “A linguagem, em outras palavras, não é mais um simples instrumento, mas um fenômeno poderoso em si, alheio à vontade humana e, freqüentemente, às suas intenções (e pretensões) conscientes” (RAJAGOPALAN, 1996, p.113).

As idéias acerca da linguagem, que têm como base a teoria dos atos de fala desenvolvida por Austin (1976), estão de acordo com essa concepção. Austin discute uma visão de linguagem como ação, ou seja, é possível fazer através do dizer. Por meio dessa concepção, podemos analisar como a linguagem participa da constituição das identidades.

Sabemos que o assunto não será esgotado, mas, neste capítulo, apresentaremos a visão performativa da linguagem e trataremos de algumas questões relacionadas a essa visão, como a relação entre a linguagem e o corpo e a noção de agência do sujeito.

1.1. Performativo e constativo

John Langshaw Austin, filósofo da Escola Analítica de Oxford, desenvolveu seu trabalho no interior da Filosofia da Linguagem Ordinária. Os filósofos adeptos dessa corrente não acreditavam em uma linguagem ideal, mas, sim, na idéia de que a linguagem, em suas manifestações mais cotidianas e corriqueiras, poderia resolver ou, no mínimo, esclarecer as questões mais complexas da filosofia. Austin interessava-se em estudar a linguagem ordinária, justamente porque a considerava “um depósito de todo um pensar filosófico que o ser humano vem desenvolvendo desde os primórdios dos tempos” (AUSTIN, 1939, apud RAJAGOPALAN, 1996, p.112).

Austin caracterizava-se por ser um problematizador. Logo no início de sua obra, organizada em conferências, ele afirma que “O que eu devo dizer não é nem difícil nem polêmico”¹ (AUSTIN, 1976, p.1)². Diz que *não é difícil*, mas, nesse momento, ele está dando início a uma argumentação cerrada que leva o leitor a acompanhar os “movimentos” de seu pensamento durante toda a obra e, muitas vezes, suas análises são mais fecundas no reconhecimento de seus impasses (aos quais ele chega a todo instante) do que no estabelecimento de posições (Derrida, 1991). Diz que *não é polêmico*, mas seu primeiro passo nessa argumentação é quebrar a tradição que acreditava que as declarações eram proposições cujo objetivo era descrever algo ou declarar um fato, fazendo isso de maneira verdadeira ou falsa e, “com a ajuda de um punhado de argumentos engenhosamente arregimentados, Austin desfaz num passe de mágica qualquer vestígio remanescente da certeza milenar” (RAJAGOPALAN, 1990, p.235).

Para Shoshana Felman (1980), o filósofo é, na verdade, um “íconoclasta”, um destruidor de fetiches, como o fetiche da oposição verdadeiro/falso e o das noções de valor e fato. Segundo essa autora, o filósofo afirmou ainda, a respeito das declarações (ou enunciados constativos, como ele passará a chamá-las), que elas deveriam ser retiradas do pedestal em

¹ Todas as traduções foram feitas por nós, especialmente para este trabalho.

² “What I shall have to say here is neither difficult nor contentious” (AUSTIN, 1976, p.1).

que se encontravam, pois nada mais eram do que atos de linguagem (assim como os enunciados performativos, que serão apresentados a seguir, também o são).

Austin, então, rompeu com o estudo das proposições descritivas e contrariou a tradição filosófica que conferia importância apenas às proposições que informam a respeito de fatos ou que descrevem eventos e situações de modo verdadeiro ou falso, e que via a linguagem como um instrumento de transmissão da verdade, do saber, do conhecimento. Desse rompimento surgiu a distinção *performativo/constativo*. Considerando que nem todas as declarações que podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas são descritivas, Austin preferiu chamá-las de *constativas*. Para contrastar com a idéia de enunciado constativo, Austin introduziu a do enunciado *performativo*.

Esse tipo de enunciado considerado pelo filósofo é o que ele classificou como “*masquerades*” (ou enunciados que se disfarçam), pois se trata de declarações que têm um propósito diferente: elas nada descrevem ou relatam; também não são verdadeiras nem falsas. Além disso, a enunciação desse tipo de sentença é, no todo ou em parte, a realização de uma ação. Enunciar essas sentenças, em condições apropriadas, não é descrever o ato que se está praticando nem dizer que se está praticando tal ato. Enunciar essas sentenças, ou melhor, enunciar o performativo é *fazer*. Isso significa que dizer certas palavras pode ser realizar uma ação, ou que realizar uma ação, em alguns casos, consiste simplesmente em dizer algumas palavras.

Um fator importante na realização do performativo são as circunstâncias: as circunstâncias em que as palavras são enunciadas devem ser apropriadas. Segundo Austin (1976):

é sempre necessário que as *circunstâncias* nas quais as palavras são enunciadas sejam, de alguma forma, ou formas, *apropriadas*, e é freqüentemente necessário que o falante, ou outras pessoas, *também* realizem [performem] *outras* ações, sejam elas físicas ou mentais, ou mesmo enunciem outras palavras (AUSTIN, 1976, p.8)³.

Quanto ao fato de a enunciação ser verdadeira ou falsa, Austin afirma que o enunciado performativo não pode ser classificado nesses termos, mas pode ser vão, pode ser feito de má-fé ou pode não ser levado a cabo. Quando o performativo fracassa de alguma maneira, mesmo que em parte, não se diz que ele foi falso, mas, sim, *infeliz*. Da mesma

³ “[...] it is always necessary that the *circumstances* in which the words are uttered should be in some way, or ways, appropriate, and it is very commonly necessary that either the speaker himself or other persons should *also* perform certain *other* actions, whether ‘physical’ or ‘mental’ actions or even acts of uttering further words” (AUSTIN, 1976, p.8).

forma, se a enunciação realiza-se com êxito, diz-se que ela foi *feliz* (e não que seja verdadeira). De acordo com Felman (1980), o gesto fundamental de Austin, nesse ponto, em relação aos enunciados da língua, é substituir o critério de verdade pelo de satisfação. Essa dimensão do gozo, bem diferente daquela do conhecimento (própria do constativo), está implícita nas condições de sucesso/fracasso, felicidade/infelicidade.

Para que um performativo seja feliz, as circunstâncias devem ser adequadas (aspecto importante, que deve ser levado em consideração e que já foi mencionado aqui). A partir da observação dessas circunstâncias, Austin elaborou algumas regras necessárias para o funcionamento feliz do enunciado performativo. Essas regras envolvem os procedimentos convencionais, as palavras enunciadas e as pessoas envolvidas. Além disso, devem ser levados em consideração, também, os pensamentos, os sentimentos e as intenções dessas pessoas. Quando essas regras são desrespeitadas, temos desacertos (ou seja, o ato pode ser nulo ou sem efeito) ou temos abusos quando o ato é vazio.

Isso implica dizer que, para analisarmos se um determinado enunciado é feliz, precisamos considerar *o ato de fala total*, isto é, a situação total na qual a sentença é enunciada. O problema em tentar reconhecer a situação total de enunciação do ato de fala é que não é possível determinar tais circunstâncias em sua plenitude. Em outras palavras, o contexto da enunciação não é saturável.

O enunciado performativo, como Austin (1976) afirmou, envolve uma convenção, ele tem um caráter ritual. Considerando o rito como algo que se repete no tempo, ele, então, não se limita ao momento da enunciação, o qual se caracteriza por ser uma historicidade condensada. Em outras palavras, o ritual extrapola a si mesmo em direção ao passado e ao futuro e escapa do momento (presente) da enunciação. É esse excesso que impossibilita que o contexto seja completamente identificável, recuperável. Isso, de acordo com Butler (1997), faz com que a situação de fala não seja um tipo simples de contexto que pode ser definido por barreiras espaciais e temporais. Sendo assim, “parte do que constitui a ‘situação total de fala’ é um fracasso para alcançar a forma totalizada em qualquer uma de suas instâncias dadas” (BUTLER, 1997, p.3)⁴.

O ritual tem, ainda, um caráter iterativo, sendo que tal iterabilidade não é acidental, mas, sim, estrutural. Ao ser citado, qualquer signo lingüístico rompe com todo contexto dado, ele se separa de todas as formas de referente presente e objetivo, podendo, assim, “engendrar infinitamente novos contextos, de forma absolutamente não-saturável”

⁴ “[...] part of what constitutes the ‘total speech situation’ is a failure to achieve a totalized form in any of its given instances” (BUTLER, 1997, p.3).

(DERRIDA, 1991, p.362). Quando ocorre essa ruptura, ou seja, quando determinado tipo de fala torna-se citacional, rompe-se com o contexto tido como “primário”, “original” em que tal fala fora enunciada e se instauram novos contextos, que podem ser não-pretendidos ou não-esperados, para a enunciação.

Qualquer signo lingüístico, qualquer fala pode ser reavaliada, pode apresentar efeitos diferentes. Essa possibilidade de transformação marca a performatividade como sendo “uma cadeia ritual de re-significações, cuja origem e fim permanecem não-fixadas e não-fixáveis” (BUTLER, 1997, p.14)⁵. Nesse sentido, uma iterabilidade ocasiona o ato de fala, mas ela é condensada no momento de realização do ato. O ato não é um acontecimento do tempo presente, ele é uma extrapolação do passado e do futuro.

1.2. Chegando aos atos de fala

Após conceituar o performativo, Austin procurou estabelecer critérios (preferencialmente gramaticais ou de vocabulário) para definir se um enunciado é performativo ou não; contudo, nem mesmo o critério de identificação de performativos explícitos (primeira pessoa do singular do presente do indicativo na voz ativa) resolve todas as dificuldades, pela simples razão de os performativos poderem ser confundidos, em algumas situações, com sentenças descritivas ou constativas. A preferência pela primeira pessoa do presente do indicativo na voz ativa se deve ao fato de que quem realiza (*performa*) a ação são pessoas e, nesse caso particularmente, o/a falante/enunciador(a) deve ser o/a realizador/a da ação: há um sujeito que realiza a ação, o que faz com que o critério não seja puramente gramatical.

Uma outra dificuldade: Austin ainda concluiu que os performativos (assim como os constativos) dependem de ter, pelo menos em parte, uma adequação com os fatos. Essa necessidade de adequação aos fatos ou, em outras palavras, o retorno à noção de verdade, acontece devido a uma certa importância que Austin dá à intenção do/a falante (é verdadeiro que lhe dou as boas-vindas, é verdadeiro que peço desculpas, é verdadeiro que me comprometo a fazer algo subsequente). Por outro lado, as infelicidades atingem tanto os enunciados performativos como os constativos.

Sintetizando todo o pensamento austiniano nesse percurso, pode-se dizer que o filósofo percebeu que (a) “eu prometo que p” pode ser o mesmo que “p” (por exemplo: “eu

⁵ “[...] a ritual chain of resignifications whose origin and end remain unfixed and unfixable” (BUTLER, 1997, p.14).

prometo que vou” pode ser o mesmo que “eu vou”), se respeitadas algumas condições, e que (b) a obtenção dessas condições é mais importante que o dizer puro e simples, e isso o levou à conclusão que (c) *qualquer enunciação pode valer por um ato* e, conseqüentemente, (d) *o constativo não passa de um performativo disfarçado*.

Rajagopalan (1990) afirma que, assim que Austin estabelece a dicotomia performativo/constativo, ele começa a desfazê-la; no entanto, “ele o faz dando-nos a impressão de que estaria engajado, contrariamente, em salvaguardá-la diante de todos os argumentos que começam a pipocar” (RAJAGOPALAN, 1990, p.236). Estudando mais detalhadamente o texto do filósofo é possível compreender melhor essa afirmação.

Na primeira conferência, ao tentar diferenciar o enunciado constativo do performativo, Austin afirma que enunciar o primeiro é fazer uma declaração, enquanto que enunciar o segundo é, por exemplo, fazer uma aposta ou uma promessa. Mas *fazer uma declaração* não seria realizar uma ação da mesma forma que *fazer uma aposta ou uma promessa*, introduzindo aí uma idéia de linguagem como ação?

Na segunda conferência, ao discutir as infelicidades, Austin começa a pensar a declaração não como sentença ou proposição, mas, mais do que isso, como um ato de fala: “Quanto mais consideramos uma declaração não como uma sentença (ou proposição), mas como *um ato de fala* (fora do qual os outros são construções lógicas), mais estamos estudando a coisa toda como um ato” (AUSTIN, 1976, p.20; grifo nosso)⁶.

Ainda na segunda conferência, o autor fala sobre o que gostaria de considerar em sua discussão: os casos em que dizer alguma coisa é fazer ou ainda aqueles em que, *ao* dizer ou *por* dizer alguma coisa, se faz algo. Será que não podemos pensar que desde o início já se vêem marcas do que irá ser apresentado: os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário? O filósofo já não nos está deixando pistas de onde pretende chegar com sua argumentação? Um outro prenúncio da distinção entre os atos de fala, principalmente o ilocucionário e o perlocucionário, aparece quando Austin percebe que é possível dizer “*eu o repreendo*” [“I reprimand you”], mas que não se pode dizer “*eu o insulto*” [“I insult you”], considerado como uma convenção não aceita (AUSTIN, 1976, p.30).

E mais, na terceira conferência, Austin trata dos casos em que as circunstâncias (no próprio sentido austiniano de procedimentos convencionais, realizados de forma correta e completa) nada dizem para definir se o enunciado é um performativo (isso quando o performativo é implícito) ou não. O autor afirma que se poderia até pensar em um mal-

⁶ “And the more we consider a statement not as sentence (or proposition) but as an act of speech (out of which the others are logical constructions) the more we are studying the whole thing as an act” (AUSTIN, 1976, p.20).

entendido (o que ele não faz, na verdade), mas esse mal-entendido seria de um tipo especial, pois não diz respeito ao significado do enunciado, mas à sua força, que depende de como o ouvinte vai tomar esse enunciado (por uma ordem, uma sugestão etc.). A força é justamente o elemento que será utilizado mais adiante para caracterizar o ato ilocucionário.

A introdução da idéia de enunciado performativo (versus o constativo), da noção de felicidade (versus a de verdade), a interpretação de Felman (1980) que apresenta a dimensão do gozo na linguagem (versus a de conhecimento) já proporcionam grandes transformações para o estudo da linguagem. A superação da dicotomia performativo/constativo, que parece ser o objetivo de Austin desde o início, traz conseqüências ainda maiores e mais importantes para esse estudo. Segundo Rajagopalan (1990)

[essa superação] implica também abandono definitivo de qualquer esperança de ‘ancorar’ a linguagem a um fundo ‘sólido’ e ‘estável’ [...] ou, alternativamente, abandono definitivo da esperança de contemplar a linguagem de um ponto de vista fixo e imóvel, a uma distância segura em relação ao objeto de análise – portanto, fora da linguagem, enfim, transcendental. Não há, em outras palavras, como lidar com a ação humana, senão mediante e no interior dela mesma (RAJAGOPALAN, 1990, p.239).

Segundo Felman (1980), Austin está consciente de que a performance do próprio performativo consiste na performance da perda do solo, da perda de fundamento – “Eu tenho que explicar novamente que estamos tropeçando aqui. Sentir o solo firme do preconceito escorregando sob nossos pés é divertido, mas traz seus problemas” (Austin, 1976, p.61)⁷. Ainda a esse respeito, Felman (1980) afirma que a performance da perda de fundamento não pode, ela mesma, servir de fundamento para a teoria, pois, enquanto fundamento, ela não pode subverter a ela mesma nem deixar que o solo falte sob seus pés.

Na pesquisa austiniana, por ela ser uma repetição de começos, não há um final único e definitivo e a satisfação não é alcançada. Devido a isso, a própria pesquisa é um ato performativo. Ela é mais uma performance que uma constatação. Aliás, “como encontrar a verdade daquilo que, como tal, desconstrói o próprio critério de verdade?” (FELMAN, 1980, p.88)⁸.

Austin, então, abandona a oposição performativo/constativo, que se mostrou pouco objetiva e bastante complicada, em troca de uma teoria mais geral do performativo.

⁷ “I must explain again that we are floundering here. To feel the firm ground of prejudice slipping away is exhilarating, but brings its revenges” (Austin, 1976, p.61).

⁸ “Comment en effet trouver la vérité de ce qui, comme tel, déconstruit le critère même de vérité?” (FELMAN, 1980, p.88).

1.3. Os atos de fala

A partir da VIII conferência de sua obra, Austin (1976) procura dividir o ato de fala em três partes: ato fonético (emissão de sons), ato fático (enunciação de palavras segundo uma gramática) e ato rômico (enunciação com um sentido e uma referência). O filósofo afirma que o ato de dizer alguma coisa em seu sentido completo normal, é a realização (*performance*) de um ato locucionário. Em geral, realizar um ato locucionário é realizar um ato ilocucionário: realizar um ato locucionário é também realizar o ato de perguntar ou responder uma questão, de dar informação, de fazer uma advertência, de anunciar um veredito, de pronunciar uma sentença, de marcar um compromisso etc. Em outros termos, certas palavras ou certas expressões têm a *força* de uma pergunta, de uma ameaça etc. Trata-se da realização (*performance*) de um ato *ao* dizer algo (ilocução), em oposição à realização do ato *de* dizer algo (locução).

Por fim, realizar um ato locucionário e, assim, um ilocucionário, pode ser também realizar um ato de outro tipo. Dizer alguma coisa produzirá com freqüência, ou mesmo normalmente, certos efeitos como conseqüência nos sentimentos, pensamentos ou ações do/a ouvinte, do/a falante ou de outras pessoas; e isso pode ser feito com propósito, intenção ou com o objetivo de produzi-los. Trata-se da perlocução. Os efeitos conseqüentes mencionados aqui não são de um tipo específico, como o comprometimento da pessoa que fala em cumprir sua promessa, por exemplo, pois esses efeitos relacionam-se com o ato ilocucionário.

Ao diferenciar ailocução da locução e da perlocução, Austin analisa os atos de fala enquanto linguagem e enquanto ação. Pode-se pensar no uso da linguagem para argumentar ou advertir ou ainda para persuadir ou alarmar. Esses usos, à primeira vista, parecem bastante semelhantes, mas os dois primeiros, típicos do ilocucionário, são convencionais, enquanto os dois últimos não o são. O ato ilocucionário, portanto, pode ser explicitado por fórmulas performativas como “*eu ordeno que*” ou “*eu prometo que*” etc.; porém, não é possível dizer “*eu convenço você de que*” ou “*eu insulto você*”. Quanto à realização da ação, é necessário diferenciar entre fazer e tentar fazer. Da mesma forma, é preciso distinguir entre a produção de efeitos intencionais e a produção de efeitos não-intencionais.

Em suma, em se tratando dos usos da linguagem, Austin distingue três atos: o ato *de* dizer algo (locucionário – equivale a enunciar uma sentença com determinado *sentido* e determinada *referência*); o ato *ao* dizer algo (ilocucionário – ordenar, prometer etc. – enunciados que apresentam uma certa *força* convencional) e o ato *por* dizer algo

(perlocucionário – produção de certos efeitos porque dissemos algo). Nesse momento, são cercadas todas as possibilidades do fazer em relação ao dizer, pois dizer é fazer e, ao dizer, fazemos, e, por dizer, fazemos também. Quanto ao aspecto de ação dos atos de fala, a tentativa de realização do ato é diferente do ato consumado (com sucesso), e essa diferença entre fazer e tentar fazer é intrínseca ao ilocucionário, e um ato intencional é diferente de um ato não intencional.

Ao continuar a diferenciar o ato ilocucionário do perlocucionário, estudando as conseqüências, Austin revela características importantes da performatividade da linguagem. O ato ilocucionário relaciona-se com a produção de conseqüências em três sentidos. Em primeiro lugar, o ilocucionário só será feliz, performado com sucesso, se tiver alcançado determinado(s) efeito(s). Isso não significa dizer que o objetivo do ilocucionário seja alcançar determinado efeito, mas que um efeito deve ser alcançado se o ato ilocucionário for realizado completamente. Efeito, nesses termos, corresponde a proporcionar a compreensão do significado e da força da locução. Em outras palavras, a realização do ato ilocucionário implica assegurar o *uptake*⁹. É importante ressaltar aqui que nem sempre o performativo será feliz; aliás, o fracasso faz parte de sua estrutura.

Uma outra relação do ilocucionário com a produção de conseqüências é que o ilocucionário tem efeito de maneira diferente da produção de conseqüências que causa modificações no curso natural dos eventos. Aqui é importante lembrar que as conseqüências das ações físicas são diferentes das conseqüências da ação de dizer: as primeiras são outras ações físicas, enquanto as segundas não são, geralmente, outras ações de dizer. O ilocucionário marca uma ruptura entre a ação e suas conseqüências.

A terceira relação diz respeito ao fato de o ato ilocucionário ter uma resposta ou seqüela, uma vez que ele é convencional. Devido à existência de uma resposta, faz-se necessária a realização de um outro ato por parte do/a falante ou de outras pessoas; no entanto, devemos diferenciar “eu ordenei e ele obedeceu” de “eu fiz com que ele me obedecesse”. Quando se diz “fiz com que ele...”, tem-se um ato perlocucionário.

Essas três formas de se relacionar o ato ilocucionário a efeitos – assegurar o *uptake*, ter efeito e levar a uma resposta – são diferentes da produção de efeitos característica do perlocucionário. No ato ilocucionário o dizer e o fazer são simultâneos, ou seja, os efeitos

⁹ Repetimos aqui a mesma nota feita por Ottoni (1998): “Utilizo esse termo em inglês por considerar a sua significação mais abrangente e mais consistente do que a sua tradução em português” (OTTONI, 1998, p.80). O termo traduzido em português – apreensão – não abrange toda a possibilidade de significado de *uptake* que, como veremos a seguir, relaciona-se como uma noção de sujeito, de referência e de intencionalidade.

são produzidos sem lapso de tempo. Já no ato perlocucionário o dizer e as conseqüências produzidas são temporalmente distintos.

O ato perlocucionário pode ser tanto a obtenção de um objeto perlocucionário (como convencer ou persuadir) quanto a produção de uma seqüela perlocucionária (por exemplo, a ação de avisar pode alcançar seu objetivo perlocucionário de alertar e ainda ter uma seqüela perlocucionária de alarmar). O objeto perlocucionário de uma ilocução pode ser a seqüela de outra. Alguns atos perlocucionários têm apenas seqüelas: aqueles que não apresentam uma fórmula ilocucionária. Em outras palavras, é possível surpreender alguém, aborrecer alguém, humilhar alguém por meio de uma locução, mas não é possível dizer “eu surpreendo você” ou “eu humilho você”.

A questão mais importante aqui, entretanto, é se a resposta ou seqüela pode ser alcançada por meios não-convencionais. Podemos obter respostas ou seqüelas de atos perlocucionários por meios totalmente não-convencionais, mas não pode haver um ato ilocucionário, a menos que os meios empregados sejam convencionais. O complicado é dizer onde começam e terminam as convenções, uma vez que elas são repetidas no tempo e não se limitam ao momento da enunciação.

Ainda a respeito da convencionalidade do ato de fala, Derrida (1991) ressalta que Austin não considera a convencionalidade intrínseca em toda locução, mas apenas aquela própria das circunstâncias da enunciação. Derrida resume esse problema da convencionalidade do ato locucionário sob o rótulo de “arbitrariedade do signo”. Isso leva a uma outra exclusão feita por Austin (1976), a de que o performativo pode ser citado (Austin considerava a citação como um uso parasitário da linguagem, não-sério, não-ordinário). Seria possível, contudo, que um performativo fosse realizado com sucesso, se “a sua formulação não repetisse um enunciado ‘codificado’ ou iterável, dito de outro modo, se a fórmula [...] não fosse identificável como conforme a um modelo iterável, se, portanto, não fosse identificável de qualquer maneira como ‘citação’” (DERRIDA, 1991, p.368-369)?

Essas características que diferenciam o ato ilocucionário do perlocucionário envolvem uma outra concepção de sujeito, de intencionalidade, de referência, sem mencionar a importância do *uptake*.

Ottoni (1998) comenta essas questões acerca da performatividade da linguagem. Ele afirma que, para Austin, “qualquer enunciado tem implicitamente um sujeito, um ‘eu’ que produz a fala” (OTTONI, 1998, p.81), mas esse sujeito constitui-se no momento da enunciação, do uptake. Em outras palavras, não existe um sujeito que precede a fala, ele passa a existir no momento da fala, apesar de não haver dependência da intenção do/a falante. O que

sustenta o ato de fala é a convenção, e isso faz com que a voz do sujeito falante nunca seja completamente singular, uma vez que não há reflexão sobre a convenção evocada no momento da enunciação e, como já foi apontado, a convenção caracteriza-se por uma historicidade que não pode nunca ser totalmente determinada.

A referência também está ligada ao momento da enunciação. Em outras palavras, ela acontece no momento em que os interlocutores reconhecem que o “objetivo ilocucionário” foi realizado por meio de sua força. Com o *uptake*, então, fica mais claro que a referência relaciona-se com o nível performativo da linguagem (e não com o constativo).

Felman (1980) também discute a questão da referência. Ela afirma que se cria uma ilusão referencial de um enunciado, ou seja, cria-se a ilusão de que o referente é externo à linguagem. Os enunciados, no entanto, são sui-referenciais e, ao jogar com essa propriedade, os enunciados performativos realizam aquilo que nomeiam. Em outras palavras, aí está explícita a concepção de linguagem de Austin (ou a visão performativa da linguagem). Não se trata de uma linguagem que é instrumento de transmissão de verdade, de conhecimento do real, de adequação entre o enunciado e seu referente, mas, sim, de uma linguagem que faz, que é capaz de se referir a si mesma, de refletir a si mesma.

Por fim, a intencionalidade deixa de ser unilateral. O sujeito falante deixa de ter controle sobre ela, pois ela se realiza juntamente com o interlocutor por meio do *uptake*. O *uptake* é responsável pelo descentramento do papel do/a falante. Como o sujeito não é soberano, não é possível determinar-se com certeza a intenção do/a falante, seu querer-dizer. Derrida (1991), a respeito disso, fala de uma “inconsciência estrutural” que é mais um fator que impede a saturação do contexto da enunciação. Ottoni (1998) conclui dizendo que “o **uptake** numa versão branda é o lugar em que se complementam o ‘eu’ e o ‘tu’, em que se assegura a fala. Numa versão mais forte, o **uptake** é o lugar do dismantelamento da intenção” (OTTONI, 1998, p.82).

1.4. Performatividade da linguagem e constituição das identidades

Após desenvolver a teoria dos atos de fala, Austin continua a trabalhar com o conceito de performativo; no entanto, o termo não representa mais o segundo elemento da dicotomia constativo/performativo, apresentada (e desfeita) no início da obra. O performativo passa a representar, então, uma concepção de linguagem. A linguagem, para Austin, é mais do que expressão da verdade, mais do que sentido e referência: ela é ação.

A visão performativa da linguagem é de fundamental importância, ainda, por associar a linguagem e o corpo. Para Austin, não existe linguagem sem corpo, que está presente desde a enunciação de alguns sons no ato fonético até as consequências perlocucionárias dos atos de fala.

Felman (1980) vai ainda mais longe ao tratar essa relação quando afirma que há um “escândalo” inconveniente entre o corpo e a linguagem, pois o ato não pode saber completamente o que está realizando e ele sempre diz algo que não pretendia dizer. Trata-se, ainda, do escândalo da sedução do corpo que fala, porque a sedução nada mais é que produzir um ato de fala feliz. “A retórica da sedução consiste, na verdade, quase exclusivamente, em colocar em jogo atos de fala” (FELMAN, 1980, p.38)¹⁰. Em outras palavras, uma linguagem que faz é uma linguagem que seduz, que satisfaz, que “goza” (uma linguagem “gozante”). De acordo com esse ponto de vista, não se tem mais simplesmente uma linguagem que sabe, que conhece. E é justamente o corpo que fala que faz o ato e, assim, opõe a força da fala ao sentido da fala, opõe uma linguagem vista sob a ordem do gozo àquela vista sob a ordem do conhecimento, opõe a sedução da linguagem que faz à exigência de verdade da linguagem que corresponde à realidade. Além disso, corpo e fala são inseparáveis, o que põe fim à dicotomia metafísica do domínio mental e o do físico, da separação entre espírito e corpo, entre linguagem e matéria.

A relação existente entre o ato de fala e o corpo não é completamente compreendida. Essa incompreensão se deve ao fato de que a ação performada pelo corpo nunca é praticada de maneira direta, volitiva e totalmente consciente. É esse corpo não compreendido que delimita a intencionalidade do ato de fala e o que permanece inconsciente em uma ação corporal é o instrumento por meio do qual o ato de fala é produzido. Devido a isso, “o ato de fala diz mais, ou diz diferentemente, do que aquilo que ele quer dizer” (BUTLER, 1997, p.10)¹¹.

Para Butler (1997), mais do que ser sedução, a linguagem é aquilo que nos constitui. A linguagem, então, é um ato de interpelação, um ato que tem consequências. A linguagem é responsável pela existência social do corpo, a qual só se torna possível a partir do momento em que esse corpo é interpelado pelos termos da linguagem, em um circuito de possível reconhecimento ou abjeção. Butler (1997) afirma que “alguém passa a existir em

¹⁰ “La rhétorique de la séduction consiste, en effet, presque exclusivement, en une mise en jeu d’actes de parole” (FELMAN, 1980, p.38).

¹¹ “The speech act says more, or says differently, than it means to say” (BUTLER, 1997, p.10).

virtude de uma dependência fundamental do endereçamento do Outro” (BUTLER, 1997, p.5)¹².

Não se trata de uma simples forma de endereçamento, de ser reconhecido/a pelo que já se é, mas trata-se, sim, de ter conferido o termo através do qual esse reconhecimento torna-se possível. Em outras palavras, um ato de interpelação traz o sujeito à existência, dando-lhe uma especificidade espacial e temporal. Uma das primeiras formas de reconhecimento possíveis é a que distingue os gêneros, classificando os sujeitos como homens ou mulheres.

O que importa, na verdade, não é tanto ser reconhecido/a, mas ser reconhecível, e os termos desse reconhecimento são convencionais. Os sujeitos são reconhecíveis, primeiramente, de acordo com seu gênero, masculino ou feminino, determinados e delimitados pela matriz heterossexual. A matriz heterossexual designa “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2003, p.215-216). Em outras palavras, trata-se de um modelo discursivo hegemônico que garante inteligibilidade para o gênero, o qual deve relacionar-se a um sexo coerente e estável para que os corpos façam sentido. O gênero é ainda construído de forma oposicional e hierárquica. Os sujeitos que não se encaixam nesse padrão não são reconhecidos, são abjetos.

Tudo isso pode parecer incoerente, pois, anteriormente, dissemos que o ato de fala pressupõe um sujeito falante, um sujeito que passa a existir no momento em que ele/a enuncia sua fala, e agora estamos afirmando que é por meio do uso da linguagem, do chamamento feito pelo outro que o sujeito passa a existir. Na verdade, para Austin, o sujeito é autor de sua fala, apesar de não ser agente soberano, e sua relação com a linguagem é instrumental. A noção de interpelação, de base althusseriana, apresenta um sujeito que é mero efeito e que age cumpliciadamente com instâncias de poder anteriores. Do cruzamento dessas duas formas de se relacionar sujeito e linguagem surge a noção de agência. Segundo Butler (1999), “a agência é a aceitação de um propósito que não fazia parte das intenções do poder, um propósito que não poderia ter sido derivado lógica ou historicamente” (BUTLER, 1999, p.6-7)¹³.

Em outros termos, a agência depende do poder e ela acontece em uma cena de ambivalência: o sujeito constituído pelo endereçamento do outro torna-se o sujeito capaz de nomear os outros. A vulnerabilidade ao chamamento do outro, no entanto, não é vencida pela

¹² “One comes to ‘exists’ by virtue of this fundamental dependency on the address of the Other” (BUTLER, 1997, p.5).

¹³ “[...] la agencia es la aceptación de um propósito que no formaba parte de las intenciones del poder, un propósito que no podría haberse derivado no lógica ne históricamente” (BUTLER, 1999, p.6-7).

noção de agência, que, aliás, não é o mesmo que poder ou controle. Para Butler (1997), “o chamamento que inaugura a possibilidade de agência, em uma simples batalha, retira a possibilidade de autonomia radical” (BUTLER, 1997, p.26)¹⁴.

Ser nomeado proporciona uma especificidade espacial e temporal, mesmo se o nome for compartilhado por vários sujeitos (nome, aqui, não se limita ao nome próprio, mas o processo de recebimento de um nome próprio pode ajudar a compreender a constituição do sujeito através da linguagem). O nome, ou a forma de chamamento é uma convenção que apresenta uma generalidade e uma historicidade e essa convenção não é, de forma alguma, singular, apesar de o endereçamento ser entendido como uma forma de singularização. Ser endereçado pela fala do outro instaura o tempo do sujeito na linguagem, mas esse tempo não é o mesmo do da linguagem, pois este extrapola aquele. Segundo Butler (1997),

o sujeito tem sua própria ‘existência’ implicada em uma linguagem que o precede e que o excede, uma linguagem cuja historicidade inclui um passado e um futuro que excede a [historicidade] do sujeito que fala. [...] O tempo do discurso, mesmo em sua incomensurabilidade radical com o tempo do sujeito, torna possível o tempo da fala do sujeito (BUTLER, 1997, p.28)¹⁵.

Após ser nomeado uma vez, o sujeito torna-se suscetível a ser nomeado outras vezes. A vulnerabilidade de ser nomeado constitui uma condição constante do sujeito que fala. Não é possível proteger-se contra ela. O ato de ser nomeado independe da vontade do sujeito, ele é constituído sem tomar conhecimento de que isso está se realizando. Através desse ato, o sujeito adentra a vida lingüística e começa a exercer a agência e ambas, a subordinação fundadora e a agência, repetem-se constantemente na vida social.

O conjunto de todos os nomes dos quais o sujeito já foi chamado pode representar sua identidade, assim como pode causar uma certa incerteza em relação a ela. No entanto, a identidade não é nuclear (como será discutido mais adiante), e a vulnerabilidade do sujeito o torna fundamentalmente dependente da linguagem, para chegar à compreensão de um senso de si mesmo. É a linguagem que o constitui em termos de gênero, raça, etnia etc. A interpelação pelos termos da linguagem é um chamamento que requer o reconhecimento de uma autoridade (o outro que me chama, que me nomeia e que já foi nomeado) ao mesmo

¹⁴ “The address that inaugurates the possibility of agency, in a single stroke, forecloses the possibility of radical autonomy” (BUTLER, 1997, p.26).

¹⁵ “[...] the subject has its own ‘existence’ implicated in a language that precedes and exceeds the subject, a language whose historicity includes a past and future that exceeds that of the subject who speaks. [...] the time of discourse, even in its radical incommensurability with the time of the subject, makes possible the speaking time of the subject” (BUTLER, 1997, p.28).

tempo em que confere identidade ao forçar esse reconhecimento. A identidade é constituída em meio a essa estrutura, mas não preexiste a ela.

A fala, no ato de interpelação, não é um meio que simplesmente reflete a dominação social. Na verdade, a fala “efetua a dominação, tornando-se o veículo através do qual a estrutura social é re-admitida” (BUTLER, 1997, p.18)¹⁶. A fala, enquanto ilocução, constitui aqueles e aquelas a quem ela é endereçada no momento de sua enunciação. O discurso identitário tem força ilocucionária. O que se fala sobre (o que é ser) homem/mulher (na revista VIP, por exemplo) contribui para a constituição da identidade de gênero desses sujeitos. Esse discurso também pode ter efeitos perlocucionários sobre o/a leitor/a, mas não é esse o caso que nos interessa aqui.

A marca produzida pelo ato de fala interpelativo é inaugurativa e não descritiva. Por meio da citação de uma convenção esse ato introduz a realidade ao invés de relatar uma realidade já existente. O efeito da interpelação é definir os contornos espaciais e temporais do sujeito. Devido a isso, a identidade do sujeito não pode ser pensada em termos de verdade ou falsidade, mas, sim, de felicidade ou infelicidade. O sujeito, que tanto realiza o chamamento como o recebe, é fundado pelo outro e o poder que ele passa a operar é, portanto, derivado da estrutura do chamamento que é, ao mesmo tempo, vulnerabilidade e exercício lingüísticos.

Cabe aqui questionar se a fala performativa funciona sempre. Que poder é esse atribuído à fala que a torna capaz de constituir a identidade dos sujeitos? Será que o que se fala sobre homem ou mulher funciona sempre como performativo feliz? O fracasso no performativo é estruturante e é justamente a falha que abre a possibilidade para uma resposta crítica, para resistência, para formas de subversão. O ato de fala é um ato mesmo quando não é eficaz. Nem todos os atos são capazes de produzir efeitos ou de iniciar uma série de conseqüências. Segundo Butler (1997), um ato de fala nem sempre é uma ação eficaz porque agir em termos lingüísticos não significa, necessariamente, produzir efeitos.

O ato de fala interpelativo e a agência performativa são incompatíveis com a idéia de sujeito soberano, visto como origem do sentido e da intencionalidade lingüísticos. O sujeito que é constituído pelos termos da linguagem e que atua – ou “performa” – lingüisticamente, mesmo não sendo soberano, o faz na medida em que ele/ela existe em um campo de, ao mesmo tempo, restrições e possibilidades lingüísticas. A agência performativa implica, portanto, uma outra noção de liberdade e de responsabilidade políticas.

¹⁶ “[...] speech *enacts* domination, becoming the vehicle through which that social structure is reinstated” (BUTLER, 1997, p.18).

A esse respeito, podemos levantar outra questão: como nossa fala afeta os outros? Se os atos de fala são citacionais, os sujeitos não são responsáveis pela sua repetição? Quem realiza os atos de fala é responsável pelo re-estabelecimento de outros contextos para, através da fala, afetar os outros.

Em suma, o exercício lingüístico que afasta o ato de fala de uma idéia de sujeito soberano funda, além da noção de agência, a de responsabilidade – uma noção “que reconhece mais completamente a forma através da qual o sujeito é constituído na linguagem, como o que ela cria é também o que ela deriva de outro lugar” (BUTLER, 1997, p.15-16)¹⁷. Como não existe um poder soberano, o sujeito que fala é responsável por sua fala, apesar de não ser ele/ela a origem de sua fala, que é convencional, citacional. A responsabilidade do sujeito consiste não em fazer e refazer a linguagem, mas em negociar a herança do uso lingüístico que tanto capacita os sujeitos falantes como os reprime.

A visão performativa da linguagem, devido à noção de agência de Butler, não é considerada como um uso soberano da linguagem, mas como constituinte de um processo de citação e de reiteração. Em outras palavras, a agência do sujeito é condicionada por restrições e limitações. Essas restrições, no entanto, não são estruturalmente fixas e estáveis. Sendo assim, a agência do sujeito também é capaz de renová-las – mesmo que de forma inconsciente ou não intencional –, por meio da repetição de atos. Isso não significa a superação das restrições, pois “sempre há uma limitação; sempre haverá uma provação de um tipo ou de outro” (BUTLER, 2004, p. 334)¹⁸, mas possibilita um outro tratamento à maneira que o sujeito é constituído pela linguagem e se torna capaz de agir por meio de seus termos.

No capítulo seguinte, discutiremos a vulnerabilidade do sujeito aos termos de uma linguagem específica: a linguagem da mídia. Aproveitaremos para discutir uma concepção de mídia e seu papel no processo de constituição das identidades.

¹⁷ “[notion of responsibility] that more fully acknowledges the way in which the subject is constituted in language, how what it creates is also what it derives from elsewhere” (BUTLER, 1997, p.15-16).

¹⁸ “[...] there is always a limitation, there is always going to be a foreclosure of some kind or another” (BUTLER, 2004, p. 334).

2. UMA CONCEPÇÃO DE MÍDIA PARA O ESTUDO DAS IDENTIDADES

No mundo moderno elas [*as indústrias da mídia*] estão entre as mais importantes instituições que invadem cotidianamente a vida social dos indivíduos.

John B. Thompson

No capítulo anterior falamos sobre o quanto somos vulneráveis à linguagem e como ela nos garante uma possibilidade de existência social. Atualmente, boa parte da linguagem a que somos expostos/as relaciona-se com a mídia: jornais, televisão, internet; sem falar na diversidade de anúncios, sons e imagens que vemos e ouvimos no dia-a-dia. Quando pensamos em mídia, normalmente pensamos em comunicação de massa, mas, até que ponto, essa expressão realmente dá conta de tudo que o termo mídia implica?

A mídia é importante detentora da capacidade de lidar com conteúdos simbólicos, ou seja, com a produção, reprodução e recepção desses conteúdos. No passado, esses processos dependiam da tradição e da interação face a face. Hoje, eles dependem enormemente – entre outras coisas, é claro – da mídia. Devido ao alcance da mídia, principalmente se considerarmos o termo massa, poderíamos pensar que ela reflete o interesse do público em geral. A mídia, contudo, além de lidar com o conteúdo simbólico, relaciona-se com o poder. O uso da linguagem feito pela mídia atende a determinados interesses. Se a linguagem nos interpela e nos constitui sujeitos, será que a mídia não tem certa responsabilidade pelos conteúdos simbólicos que divulga e pela forma como utiliza a linguagem?

Pensando nessas questões, discutiremos o que é mídia e como ela se relaciona com o processo de constituição das identidades. Além disso, veremos qual é o papel das colunas de opinião – considerando que elas formam o corpus deste trabalho. Por fim, faremos um estudo descritivo da revista VIP, para podermos analisar a seção Atitude e as identidades de gênero no capítulo seguinte.

2.1. O que é a mídia

Meio de difusão, distribuição e transmissão de sinais portadores de mensagens escritas, sonoras e visuais. Organizações como televisão, rádio e jornais que fornecem informação. Conjunto dos meios de comunicação de massa. Seja nos dicionários ou no senso comum, essas são as idéias mais comumente relacionadas ao conceito mídia. No entanto, elas não são suficientes para definir a complexidade dessa instituição tão presente em nossas vidas no mundo contemporâneo.

Essas definições apresentam alguns problemas. O primeiro deles, como apresenta John B. Thompson (2002), é a própria expressão *comunicação de massa*. Até que ponto podemos dizer que ela é exata, precisa, ao descrever o que é considerado como a principal característica da mídia? Na comunicação de massa, os produtos estão disponíveis, pelo menos em princípio, a uma pluralidade de pessoas; o que não significa, entretanto, que esses produtos sejam recebidos sempre e por multidões. Além disso, existe uma idéia errônea de que aqueles/as a quem se destinam os produtos da mídia são receptores passivos, que simplesmente absorvem o que lhes é oferecido. O processo de recepção não ocorre sem problemas nem é acrítico. Isso explica a impropriedade da palavra *massa*.

Outra impropriedade é a relacionada com a palavra comunicação, porque as mensagens da mídia são transmitidas e difundidas e não exatamente comunicadas. A idéia de que a comunicação é transmissão de uma mensagem, ou de um sentido único, de um emissor para um receptor é simplista, mecanicista e pouco satisfatória. Quando se fala de comunicação não se trata apenas de codificação e decodificação. A comunicação envolve produção e interpretação de sentidos, implícitos, mal-entendidos, falsas interpretações, incompreensões etc. Se formos mais longe e considerarmos os atos de fala de Austin (1976), discutidos no capítulo anterior, e a idéia de que dizer é fazer, percebemos que a simples transmissão de mensagens não é suficiente para estabelecer o que se entende hoje por comunicação. Jacques Derrida (1991), a respeito do performativo, afirma que ele é “uma comunicação que não se limita essencialmente a transportar um conteúdo semântico” (DERRIDA, 1991, p.363). O que é comunicado, no caso do performativo, é uma força.

Como já mencionamos, a mídia é complexa. As mensagens da mídia são produzidas por um número restrito de pessoas e transmitidas para outras que estão em contextos espaciais, e até temporais, diferentes. Trata-se de um processo assimétrico, mas que

não é completamente monológico¹⁹ ou de sentido único, pois os receptores podem contribuir e intervir nesse processo. Percebemos isso através das pesquisas do *Ibope*, das seções de cartas de leitores de jornais e revistas, das cenas que são excluídas de novelas, pois desagradam ao público, das mudanças em campanhas publicitárias para mudar a imagem ou aumentar o consumo de determinado produto.

Além de tudo isso, ainda presenciamos uma mudança dos meios analógicos para os digitais, o que propicia uma maior flexibilidade ao processo comunicativo. Devido a todos esses fatores apresentados, daremos preferência ao uso da expressão *comunicação mediada* ou, simplesmente, *mídia*.

2.2. Por que estudar a mídia

Toda sociedade ocupa-se da produção, reprodução e recepção de informações e de conteúdos simbólicos. Até há algum tempo, esse processo era realizado graças à tradição. Em termos gerais, a tradição é entendida como algo que vem do passado, especialmente a herança cultural de grupos sociais que é transmitida oralmente através da interação face a face. Thompson (2002) apresenta quatro aspectos da tradição: o *hermenêutico*, que se caracteriza por ser um conjunto de pressupostos (série de valores, crenças e padrões de comportamento) aceitos pelos sujeitos e utilizados por eles/elas cotidianamente; o *normativo*, que torna as ações rotineiras e tradicionalmente fundamentadas; o *legitimador*, que serve de apoio para os exercícios de poder e de autoridade; finalmente, o *identificador*, que contribui para a construção do sentido que cada pessoa tem de si mesma e do sentido de pertença a um grupo.

Discute-se muito se a mídia acabou com a tradição. O que ocorreu (e continua ocorrendo) é que a mídia modificou a forma de transmissão do conteúdo simbólico, que não depende mais das interações face a face. Os pressupostos, crenças, valores não são mais adquiridos e legitimados, exclusivamente, através da passagem de conteúdos simbólicos de geração para geração. Isso enfraquece os aspectos normativo e legitimador da tradição; os aspectos hermenêutico e identificador, no entanto, permanecem.

Tal transformação altera o processo de constituição das identidades. Se antes as identidades eram constituídas em interações com a família e com outras pessoas da

¹⁹ O termo monológico, aqui, é concebido de maneira mais simplista, representando o discurso em forma de monólogo. Em outras palavras. Há participação apenas do emissor. No caso da mídia, o que ocorre, na verdade, é que a produção e a recepção acontecem em contextos – espaciais e temporais – diferentes. O termo monológico opõe-se ao termo dialógico, que implica que tanto emissor quanto receptor estão presentes no momento da interação.

comunidade, sob influências de instituições como a igreja, a escola e o Estado, hoje elas são formadas com base também no material simbólico transmitido por uma outra instituição: a mídia. A mídia desempenha um importante papel na reinvenção da tradição e no seu “ancoramento em unidades territoriais de vários tipos” (THOMPSON, 2002, p.175). A mídia é capaz de transformar o conteúdo simbólico de uma tradição, de (re-)adaptá-lo e de transportá-lo a outras regiões e lugares particulares.

A mídia, então, é uma importante detentora da capacidade de lidar com os conteúdos simbólicos. Somos constantemente bombardeados/as com notícias, propagandas, imagens, sons, ou seja, com todo tipo de textos e de gêneros discursivos. A apropriação das mensagens da mídia – apesar de ela não ser a única instituição presente em nossas vidas diariamente, como já foi dito – é uma das formas de interação social e de constituição dos sujeitos em um grupo. A presença massiva da mídia e seu inegável poder possibilitam que a utilizemos como uma fonte de pesquisa para obtermos informações sobre a cultura, os valores, as crenças de uma determinada sociedade em uma determinada época.

Podemos explicar a presença massiva da mídia através de alguns fatores. Em primeiro lugar, a mídia é responsável pela produção e difusão generalizada dos materiais simbólicos – entendidos, em termos gerais, como aquilo que a mídia produz, aquilo com o que ela lida. A mídia dispõe de meios técnicos e institucionais e foi justamente o seu desenvolvimento que possibilitou que alcançasse as atuais dimensões.

Em segundo lugar, são as indústrias da mídia que permitem a fixação do material simbólico, ou seja, elas possibilitam a preservação da informação ou do conteúdo simbólico. É claro que isso acontece de formas variadas e em diferentes graus, dependendo do meio, mas significa que aquilo que é produzido e transmitido pela mídia não se perde no tempo e no espaço, pode ser sempre recuperado e reutilizado.

Em terceiro lugar está a capacidade de reprodução da mídia, e é exatamente a reprodutibilidade dos materiais simbólicos que permite a exploração comercial desenvolvida pela mídia (o quarto fator a ser discutido aqui).

A exploração comercial, isto é, a mercantilização tanto das inovações técnicas quanto dos materiais simbólicos produz uma forma de valorização especial, que pode ser simbólica e determinada pelo apreço, estima, indiferença ou desprezo dos sujeitos, ou econômica, ao estipular o valor pelo qual os produtos são trocados no mercado, transformando materiais simbólicos em mercadorias, isto é, em bens simbólicos, ou seja, em materiais simbólicos comercializados (THOMPSON, 2002).

A mídia permite a circulação pública dos materiais simbólicos. Apesar de as novas tecnologias permitirem a realização de serviços cada vez mais especializados, a mídia está à disposição de um enorme número de sujeitos, tornando os serviços abertos ou públicos.

Por fim, a mídia caracteriza-se também por uma dissociação estrutural entre a produção dos materiais simbólicos e a sua recepção. A produção e a recepção acontecem em contextos diferentes, separados espacialmente (e até temporalmente). Devido a isso, a produção e a transmissão caracterizam-se por uma indeterminação, uma vez que não contam com o *feedback* característico das interações face a face. Além disso, por estar longe do produtor, o receptor pode reagir da forma que quiser às mensagens recebidas. Essa dissociação estrutural, no entanto, tem outra consequência: ela gera uma disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço.

A respeito desse aspecto, cabe uma observação. A dissociação estrutural entre a produção e a recepção não gera apenas uma disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço, ela produz também uma disjunção entre tempo e espaço. O desenvolvimento da telecomunicação tem sido fundamental para esse processo.

O que vem ocorrendo é um aumento do distanciamento espacial e uma diminuição do distanciamento temporal, uma vez que o conteúdo simbólico não depende mais do transporte físico. Além disso, houve uma alteração na noção de simultaneidade, que se tornou global ao deixar de depender da relação entre o “aqui” e o “agora”. Segundo Anthony Giddens (2002), a separação de tempo em relação ao espaço “fornece a própria base para sua recombinação de maneiras que coordenam as atividades sociais sem necessariamente fazer referência às particularidades do lugar” (GIDDENS, 2002, p.23). Isso significa dizer que o “quando” continua ligado ao “onde”, mas sem a mediação do lugar.

A separação entre o espaço e o tempo provocou uma mudança em nossa maneira de perceber a relação existente entre esses dois elementos. Além da mudança imediatamente perceptível em nossa compreensão da distância, houve também outras alterações. Mudou a nossa forma de compreendermos o passado. Se antes a compreensão dos fatos históricos dependia quase que exclusivamente da interação face a face, hoje ela é fruto dos produtos da mídia. Vemos uma historicidade global que cria “um ‘passado’ padronizado e um ‘futuro’ universalmente aplicável” (GIDDENS, 2002, p.23). O que nos leva a uma mudança na percepção do próprio futuro. Quando o tempo começou a ser disciplinado, a fim de se aumentar a produção, os trabalhadores faziam sacrifícios no presente em troca de um futuro melhor. No entanto, à medida que as pessoas encontram um futuro “que continuamente fica aquém das expectativas do passado e do presente” (THOMPSON, 2002, p.40), a idéia linear

de história como progresso tende a se enfraquecer. O progresso nada mais é do que “um modo de colonizar o futuro” (ibidem), uma maneira de subordiná-lo a nossos planos e expectativas presentes.

Nossa forma de compreender o mundo também foi alterada, pois o entendimento dele está fora do alcance de nossas experiências pessoais e locais, por isso dependemos de materiais simbólicos mediados. Como consequência dessas duas mudanças, nosso sentido de pertencimento foi transformado: se a compreensão do passado e do mundo em que vivemos torna-se cada vez mais dependente dos produtos da mídia, tornamo-nos também dependentes da mediação de formas simbólicas que constituem, ao menos em parte, os grupos e as comunidades às quais pertencemos. A relação entre a noção de pertença e mídia reforça o papel que a segunda exerce na constituição das identidades (tanto coletivas como individuais).

Sintetizando todos esses fatores, podemos dizer que aquilo que é veiculado pela mídia torna-se visível e verificável a uma pluralidade de sujeitos que se encontram em contextos espaciais e temporais diferentes. São justamente as características da mídia que justificam por que ela pode e deve ser estudada quando se quer investigar qualquer aspecto identitário, social ou cultural de uma comunidade ou de uma época.

Existe ainda uma outra razão para se estudar a mídia: sua relação com o poder. Thompson (2002) comenta que, desde que Austin (1976) afirmou que dizer é fazer, nós “nos tornamos sensíveis ao fato de que falar uma linguagem é uma atividade através da qual os indivíduos²⁰ estabelecem e renovam as relações uns com os outros” (THOMPSON, 2002, p.20). E mais, se a linguagem é ação, não podemos desconsiderar o fato de que a ação apresenta um caráter socialmente contextualizado.

A ação, quando estudada a partir de seu caráter social, envolve relações de poder. Os sujeitos agem, em nossa sociedade, dentro de um conjunto de circunstâncias e a posição ocupada por eles/elas depende do poder que operam. Para Thompson (2002), esse poder pode ser econômico, ligado aos recursos materiais e financeiros; político, relacionado à coordenação dos sujeitos e à regulamentação dos padrões de interação; coercitivo, referente às instituições coercitivas que dispõem de força física e armada; e simbólico, relacionado à capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e de produzir eventos por meio da produção e da reprodução das formas simbólicas.

A mídia é grande detentora de poder simbólico, pois ela é capaz de produzir, reproduzir e transformar produtos simbólicos. Ela influencia os sujeitos em sua forma de agir

²⁰ Devido a nossa posição teórica, optamos pelo uso do termo “sujeito” e não “indivíduo”. Nos trechos de citação, no entanto, respeitaremos a nomenclatura do/a autor/a.

e de se relacionar, sua maneira de ver o mundo e de interagir com ele, em seu processo de constituição da identidade.

O poder simbólico da mídia liga-se ao fato de ela ser capaz de produzir efeitos de verdade, como afirma Michel Foucault (2003 b). Por exemplo, quando um/a locutor/a de rádio ou um/a jornalista de televisão anuncia alguma coisa, pode-se acreditar ou não, mas o que foi dito “põe-se a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora” (FOUCAULT, 2003b, p.233).

Isso é importante justamente porque a verdade é produzida na forma de discursos, e tais produções de verdade estão ligadas aos mecanismos de poder e são centradas nas instituições (como a mídia) que produzem esses discursos. A verdade é objeto de enorme difusão e consumo, isto é, ela circula pelos aparelhos de educação ou informação. Finalmente, a verdade “é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos” (FOUCAULT, 2003a, p.13), como as universidades, o exército e, é claro, a mídia.

A verdade se relaciona de maneira circular com os mecanismos de poder, uma vez que estes produzem e (se) apóiam (n)aquela. Isso significa dizer que, quando nos deparamos com um produto da mídia, a revista VIP, por exemplo, lemos enunciados do tipo²¹:

[...] mulheres equilibradas são quase um conceito virtual (VIP, n.225, jan.2004, p.39);
 Você prefere homem rico? A resposta é meio óbvia, mas fizemos questão de perguntar para saber o quanto elas são interesseiras [sic] (VIP, n.226, fev.2004, p.36);
 Não existe boiologia nenhuma em querer cuidar da aparência, desde que você persiga a vaidade masculina, e não a feminina (VIP, n.227, mar.2004, p. 80).

Enunciados como esses “se põem a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade” e participam dos processos de constituição da identidade, pois determinam, regulam “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”. A revista, por ser um produto da mídia, é detentora de poder, por isso, ela produz efeitos de verdade. Ela contribui para a conservação de relações de poder, de dominação ao fazer referências, como nos exemplos citados, a características naturalizadas e essencializadas, vistas como tipicamente masculinas ou femininas: a instabilidade emocional feminina, o interesse que elas têm por bens materiais, a (não) relação do homem com seu corpo.

²¹ Esses trechos foram retirados da revista de forma aleatória e não fazem parte do corpus selecionado, a seção *Atitude*.

Por fim, os sujeitos passam a confiar demasiadamente nos materiais simbólicos mediados, apegando-se emocionalmente a eles, transformando o caráter reflexivo e a relativa autonomia do *eu* de maneira quase imperceptível. Os materiais simbólicos mediados, então, deixam de ser um recurso e passam a ser uma preocupação central no processo de constituição das identidades, devido ao valor de verdade que eles assumem por serem produtos da mídia.

2.3. A relação entre mídia e identidade

Como já foi mencionado, a mídia desempenha um importante papel no processo de constituição das identidades. A apropriação das mensagens da mídia é uma forma de interação social. Entretanto, trata-se de novas formas de ação e de interação social, bem como de novas formas de relação do sujeito consigo mesmo e com os outros. Não dependemos mais da interação face a face para compreendermos o passado, o mundo em que vivemos ou os grupos sociais dos quais fazemos parte, mas nos tornamos dependentes do conteúdo simbólico mediado.

Antes do desenvolvimento da mídia, os processos de autoformação do *eu* (ou do *self*, segundo Thompson, 2002) dependiam da interação face a face e do conhecimento que era partilhado localmente e transmitido de geração para geração. Com o desenvolvimento das indústrias da mídia, um extenso leque de materiais simbólicos, que podem participar dos processos de formação do *eu*, é colocado à disposição dos sujeitos. Sendo assim, ao que ainda é adquirido por meio de interações face a face, soma-se o conteúdo simbólico mediado. Além disso, a grande variedade de material simbólico, com o qual os sujeitos entram em contato, permite que eles/elas sejam confrontados/as constantemente por novas possibilidades e possam alterar seus pontos de referência. Como consequência, o sujeito torna-se mais reflexivo a respeito de si mesmo e dos outros, a respeito da sociedade em que vive, das circunstâncias nas quais se encontra.

Giddens (2002) explica a reflexividade como sendo a “susceptibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação” (GIDDENS, 2002, p.25-26). Em outras palavras, isso significa dizer que o conhecimento e a informação que o sujeito possui acerca de si mesmo, de suas relações e das circunstâncias da vida social são utilizados na organização, constituição e transformação do próprio *eu*, de suas relações com os outros e com a sociedade.

O sujeito, então, torna-se responsável por um projeto reflexivo (Giddens, 2002; Thompson, 2002), cujo objetivo é (re-)constituir um sentido de identidade coerente e satisfatório. Além disso, a reflexividade do *eu* é contínua, ou seja, de tempos em tempos, o sujeito se vê obrigado a interrogar-se, a repensar suas ações e atitudes, a reescrever coerentemente sua narrativa autobiográfica. Uma carta de um leitor da revista VIP, do mês de janeiro de 2004, pode servir de ilustração dessa auto-interrogação necessária e contínua:

Dúvida cruel

Gostaria de fazer duas perguntas sobre como um novo homem reagiria em determinados momentos:

1. imaginamos que um novo homem vai a um bar com sua esposa, e lá um troglodita passa a mão na bunda dela. Como ele reagiria?
2. Imaginamos a mesma cena acima, só que, em vez de um troglodita, é o David Beckham que passa a mão nos seios da esposa e a beija. Como o novo homem reagiria em relação ao amor? (VIP, n.225, jan.2004, p.12).

Como a revista, em alguns momentos, fala do papel, do comportamento, das atitudes do *novo homem*, os leitores (e leitoras também) podem se achar perdidos(as) quando precisam abandonar alguns costumes e crenças (de certa forma aceitos pela sociedade e tidos como tradicionais) e adotar outros novos.

O papel da mídia na constituição das identidades e na formação do *eu*, contudo, não apresenta apenas essa característica: o desenvolvimento da reflexividade. Existem também consequências contraditórias como a possibilidade de mensagens ideológicas penetrarem contextos da vida diária os mais variados. Em alguns casos, essas mensagens mediadas servem para reforçar e estabilizar relações de poder e, quando elas são incorporadas aos processos de formação do eu – como durante a formação das identidades de gênero –, elas se tornam realmente poderosas. Essas mensagens são capazes de determinar como o sujeito se porta no mundo, como ele/ela se relaciona consigo e com os/as outros/as, como compreende os limites de si mesmo/a.

Além disso, há o problema da “dupla dependência mediada” (Thompson, 2002, p.187). Ao mesmo tempo em que o sujeito é dependente de conteúdos simbólicos que enriquecem os processos de constituição de sua identidade, ele/ela se torna também dependente de sistemas da mídia que não estão sob seu controle.

Por fim, há a sobrecarga de conteúdo simbólico à qual o sujeito é constantemente exposto e cujo efeito pode ser desorientador. Os sujeitos não encontram algumas possibilidades de narrativas autobiográficas ou de visões de mundo, mas, sim, inúmeras narrativas e inúmeras cosmovisões que poderiam – qualquer uma delas – ser incorporadas aos

processos de formação do *eu*. Essa variedade pode ser desorientadora para os sujeitos, que são confrontados “com uma complexa variedade de escolhas”, ao mesmo tempo em que recebem “pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas” (GIDDENS, 2002, p.79). Uma outra carta de leitor da revista VIP (outubro de 2004) pode ser utilizada aqui, a fim de mostrarmos como um leitor (ou uma leitora) pode se sentir confuso(a) com o volume de informações a ele/ela fornecido.

[Pergunta] No teste da revista de setembro, ‘Você está mais para Marlon Brando ou Village People?’, tem uma pergunta: ‘Seu armário do banheiro tem a) tantos cremes quanto pastas de dente; b) tantos cremes quanto o do porteiro do seu prédio; c) tantos cremes quanto o armário dela’, mas na seção Seu Corpo tem dicas de como usar creme para isso e para aquilo. Afinal, qual é a real da revista? É para usar ou não cremes?

[Resposta] O conceito sobre os cremes na revista VIP é simples: na seção específica de beleza (Seu Corpo), tentamos dar um panorama generoso sobre novidades, serviços, recursos científicos etc. Mas não estamos afirmando que todo esse arsenal ‘é pra usar’ ou ‘não é pra usar’. A VIP informa o que há no mercado e os benefícios dos produtos. Cada leitor decide se usa ou não. Além disso, *somos uma revista plural: temos várias visões sobre a masculinidade* e tentamos contemplá-las no material publicado em cada seção. Daí que, em alguns momentos, uma seção pode parecer negar a outra. Mas é só impressão. A idéia é essa mesma: instigar a esperteza de leitores inteligentes como você, deixar o público mais antenado e mais crítico. (VIP, n.234, out. 2004, p.21; grifo nosso)

Para lidar com esse problema, os sujeitos desenvolvem um processo de seleção das informações, absorvendo apenas parte delas. E mais, os sujeitos ainda contam, além da opinião de outros sujeitos com os quais convivem e aos quais aprendem a respeitar, com sistemas de conhecimento reconhecidos e autorizados que mostram um rumo a ser seguido (como confiar nas opiniões de críticos de cinema ao escolher a que filme assistir, ou se basear em jornalistas da televisão para avaliar e julgar um fato ou acontecimento, ou questionar redatores e editores de revistas, como no exemplo retirado da revista VIP e acima citado). Essas redes de conhecimento não são utilizadas apenas na aquisição de bens materiais ou de conteúdo simbólico, elas são utilizadas também na resolução dos problemas da vida cotidiana como relações interpessoais ou doenças graves.

Vemos constantemente, na mídia, exemplos de sistemas de conhecimento que se tornaram dignos da confiança dos sujeitos e aos quais eles/elas recorrem para buscar ajuda como as seções de revistas que trazem conselhos de médicos ou psicólogos e colunistas que mostram sua opinião sobre assuntos variados. Um exemplo é a subseção da revista VIP²²,

²² É claro que a seção Atitude, que constitui o corpus deste trabalho, também faz parte dos sistemas de conhecimento que auxiliam o sujeito nos processos de constituição da identidade. Entretanto, como ela será detalhadamente analisada mais adiante, não foi mencionada aqui.

chamada *Pronto-Socorro – Chame a Lurdinha* (apenas nos meses de janeiro a maio de 2004, de junho a agosto houve uma eleição da nova estagiária, que assumiu o cargo a partir de setembro do mesmo ano, quando a coluna passou a ser *Pronto-Socorro – Chame a Cris*).

Na seção da revista chamada *Seu Corpo*, onde aparecem matérias sobre diferentes formas de atividade física e sobre os mais modernos cosméticos disponíveis no mercado, há, mensalmente, uma espécie de coluna sobre saúde, em que uma “repórter de saúde”, bastante sensual, responde às dúvidas dos leitores, ajudando-os a resolver os problemas e a serem mais saudáveis.

Marko Monteiro (2000), em sua dissertação, falou sobre essa subseção da revista e afirmou que os assuntos ali tratados são facilmente sexualizados. Segundo ele, a revista busca tratar os assuntos relacionados à saúde de forma leve e bem-humorada, enfocando mais as maneiras de manter e recuperar a saúde do que a doença em si. Monteiro (2000) ainda afirma que:

O que se verifica numa análise mais detida é que esse bom humor passa [...] pela objetificação do feminino como forma de contrabalancear o discurso sobre o corpo masculino, que na prática torna-se esse corpo objeto de cuidados. Ou seja, adentrando a intimidade do homem, na sua saúde corporal e emocional, corre-se o risco de efeminá-lo, risco contrabalançado pelo uso de estratégias narrativas específicas de uma revista masculina [...] (MONTEIRO, 2000, p.88).

A enfermeira fictícia que havia à época da pesquisa de Monteiro ou as repórteres da saúde do ano de 2004 são propostas pela VIP para adicionarem humor a uma seção nem sempre engraçada. A linguagem empregada (“por elas”) é uma prova disso. É comum o uso de expressões como “amor”, “queridão”, “gatinho” e “fofo”. Além disso, essas mulheres sensuais cujas fotos estão estampadas nas páginas da revista fazem parte das “estratégias narrativas específicas” que visam a não efeminização do homem. Mais uma vez, a linguagem empregada é uma dessas estratégias: “A sua coluna tá dodói? Quer que eu vá até você dar uma palmadinha nela?” (VIP, n.226, fev.2004, p.62); “o único remédio capaz de deixar você ligado naquele ótimo sentido sou euzinha!” (VIP, n.232, ago.2004, p.93); “falta de desejo é o problema, doutor? Pode falar que eu estou à vontade para te ouvir” (ibidem).

Nos exemplares da revista observados realmente existe uma grande quantidade de temas que podem ser e são sexualizados, como a qualidade dos espermatozóides, como vive um homem sem pênis, ou como aumentar a libido. Outros temas, relacionados com exames clínicos, também são tratados da mesma forma, como nos exemplo a seguir:

Cris responde: Lindão, você sabe o que é uma ecografia ou ultra-sonografia transretal da próstata? Cerca de 10 cm de um tubinho de 20 cm, da largura de um dedo (não é o polegar, viu?), são introduzidos lá para checar como anda a sua próstata. Ui! Mas relaxe (sem precisar gozar), porque isso pode ajudar a resolver o seu problema sem que você tome, digamos, gosto pela coisa. E não incomoda tanto quanto as más línguas praguejam [...] (VIP, n.230, jun. 2004, p.86).

[Pergunta do leitor] Meri, vou ter de fazer uma endoscopia e, pelo que sei, esse exame de estômago é bem complicado: parece que enfiam um tubo lá, né? É assim mesmo, minha deusa?

Meri responde: Lá onde querido? No estômago ou pensou naquele outro lugar mesmo? Sei, sei! (VIP, n.231, jul. 2004, p.84).

Algo a ser observado é que, durante os meses em que a seleção da nova “estagiária” estava acontecendo, houve o predomínio desses assuntos e dessa forma de lidar com eles; nos outros meses, entretanto, a variedade de tópicos mostrou-se bastante interessante. Podemos perceber que os homens interessam-se por questões outras, além das sexuais: enxaqueca, células-tronco, dor nas costas, aneurisma cerebral, novas formas de combate ao câncer etc. E mais, os homens interessam-se pela sua aparência também. Observamos isso em perguntas feitas pelos leitores sobre: bronzeamento artificial versus autobronzeamento, tratamento para espinhas, clareamento de dentes, perfumes, formas de se cuidar bem da careca etc.

Isso mostra que podemos falar de diferentes formas de masculinidade, pois os homens vêm assumindo características antes tidas como típicas das mulheres. Monteiro (2000) afirma que essa mudança exige, no entanto, uma re-heterossexualização: “O homem, apesar de mais feminino em tese, jamais pode confundir-se com uma mulher ou com um homossexual” (MONTEIRO, 2000, p.87). A necessidade de re-heterossexualização aparece em uma carta de um leitor, onde ele reclama da quantidade de fotos de homens:

Machos a dar com um pau

Adoro a revista, mas em fevereiro vocês pegaram pesado. Poxa, muitas páginas com fotos de seres humanos do sexo masculino... Sabe que no escritório o pessoal ficou chocado, pois da página 56 até a 59 só tinha macho? Viro a página e mais um barbado na foto, só melhorando a situação a partir da página 63. Acho bom monitorar essas coisas, pois nas vendas isso pode vir a se refletir (VIP, n.227, mar.2004, p.14).

É interessante notar que o leitor refere-se, justamente, à seção *Seu Corpo* que, no mês de março de 2004, trouxe uma matéria sobre como deixar o abdome marcado e outra sobre cosméticos feitos especialmente para o homem. É de se esperar, portanto, que em tais páginas haja fotos de homem. Na página em que aparece uma foto de mulher, encontramos a

Lurdinha, repórter da saúde. Isso nos mostra que quando se objetifica o corpo masculino é preciso que ocorra a re-heterossexualização para confirmar uma identidade masculina tradicional e para que o homem não se confunda, conseqüentemente, com uma mulher ou com um homossexual.

O único problema quando se considera que “o homem está mais feminino em tese”, o que exigiria a re-heterossexualização, é: será que podemos dizer que o homem está mais feminino? Afirmar isso não seria o mesmo que afirmar que existem características essenciais, próprias de cada gênero, e que, quando um gênero assume características do outro, eles correm o risco de se confundir? A re-heterossexualização não seria um retorno à identidade masculina tradicional?

Essas e outras questões sobre identidade serão retomadas em outros momentos deste trabalho. O que podemos fazer aqui é concluir a discussão sobre a relação da mídia com os processos de autoformação do eu, mesmo que ela não tenha sido esgotada. Podemos dizer que tudo isso nos leva a perceber que a mídia “tanto contribui para o crescimento da complexidade social quanto proporciona uma constante fonte de conselhos sobre como enfrentá-la” (THOMPSON, 2002, p.190). Em outras palavras, quanto mais complexa a vida social dos sujeitos, mais eles/elas constroem sistemas de conhecimento para auxiliá-los/as a enfrentar tal complexidade.

2.4. O papel das colunas de opinião

A comunicação estabelecida pela mídia (livros, jornais, televisão, internet etc.), ou a “quase interação mediada”²³ (THOMPSON, 2002), implica uma vasta disponibilidade de informação e de conteúdo simbólico no espaço e no tempo. Diferentemente das outras formas de interação, em que os participantes são especificamente orientados de maneira dialógica, na

²³ A quase interação mediada diferencia-se da interação face a face que acontece em um contexto de co-presença, isto é, os participantes compartilham um mesmo sistema referencial de tempo e espaço. Devido a isso, eles podem se expressar por meio de dêiticos e utilizar, complementando as mensagens verbais, deixas simbólicas, como expressões faciais, gestos, mudanças de entonação e assim por diante, o que pode ajudar a evitar ambigüidades, mal-entendidos etc.

Diferencia-se, também, da interação mediada (cartas, conversas telefônicas, e-mails etc.), a qual depende de um meio técnico que possibilite a transmissão de informação e de conteúdo simbólico para sujeitos situados em contextos espaciais (às vezes temporais) distintos. Devido a esse distanciamento, as deixas simbólicas não podem ser tão facilmente utilizadas, tornando esse tipo de interação mais aberto, pois os participantes precisam utilizar seus próprios recursos para interpretar as mensagens.

É importante lembrar que essas três formas de interação podem se misturar ou acontecer simultaneamente; além disso, elas não representam uma totalidade, uma vez que o desenvolvimento de outros meios técnicos de comunicação pode propiciar o surgimento de outros tipos de interação.

interação quase mediada as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais e a comunicação segue um sentido único, sendo, portanto, monológica. Esse tipo de interação possibilita uma forma de intimidade à distância e de caráter não recíproco. Por meio dessa forma de intimidade não recíproca é possível se estabelecerem relações e interagir de forma mediada com sujeitos distantes que se tornam companheiros confiáveis, que aconselham, que dão informações sobre os acontecimentos, que propiciam diversão etc. Tudo isso de uma maneira diferente da interação face a face, pois não existem as mesmas exigências e complexidades.

As redes de conhecimento que auxiliam o sujeito na hora de lidar com o grande volume de conteúdo simbólico à sua disposição adquirem força, pelo menos em parte, graças a esse tipo de intimidade. Os sujeitos apegam-se emocionalmente e passam a confiar nesse outro distante que lhe serve de conselheiro.

O caráter não recíproco da interação quase mediada, no entanto, possibilita que os receptores tenham bastante liberdade, uma vez que podem moldar o relacionamento da forma que desejam: “é um tipo de intimidade que deixa os indivíduos com a liberdade de definir os termos de engajamento e de intimidade que desejam ter com os outros” (THOMPSON, 2002, p. 191).

Isso possibilita que exista uma gradação da medida em que os sujeitos modificam suas vidas de acordo com certas atividades, produtos, gêneros ou formas simbólicas mediadas. A relação entre um/a fã e seu ídolo ilustra bem essa gradação. É difícil dizer se uma pessoa é fã ou não de outra porque o limite entre essas duas posições é muito tênue. Além disso, essa relação não implica apenas envolver-se com o outro distante, mas implica também atividades sociais e relacionamentos com outros sujeitos com os quais pouco se tem em comum além do fato de serem todos fãs de alguém, ou de serem leitores/as do mesmo jornal ou revista etc.

Duas cartas de leitores da revista VIP ilustram bem essa possibilidade de relacionamento. No mês de julho de 2004, um leitor enviou uma sugestão à revista, recebendo, em seguida, uma resposta do diretor de redação:

Colunista gay

Prezado Felipe Zobarán, lendo sua carta ao leitor de junho e seus comentários sobre Oscar Wilde, me veio à mente: por que a VIP não tem um colunista gay? Nada do tipo que ensina você a ser um metrossexual, muito menos do tipo militante (acredite, a militância é muito mais chata que os ecoxiitas). O que sugiro é simplesmente alguém que desse um ponto de vista gay sobre as coisas. Fica a sugestão.

[Resposta]

Caro Marcos,

Proposta ousada é isso aí. Mas ainda não estamos tão evoluídos (VIP, n.231, jul.2004, p.14).

No mês seguinte (agosto de 2004), um outro leitor esbravejou contra a sugestão dada à revista:

Tem dono, Santa!

Como se não bastassem as revistas, paradas e outros apetrechos delicados, vem um leitor com este pedido indecente para vocês lançarem uma VIP gay (Escreva a sua, edição 231). Esta revista foi criada para homem com H, e não vai ser um pedidozinho que vai nos privar das gostosas expostas para nosso delírio (VIP, n.232, ago. 2004, p.18).

Essas duas cartas nos mostram como dois leitores podem, até certo ponto, interagir (de forma mediada) sem terem muito em comum, sem se conhecerem.

As colunas de opinião são um bom exemplo desse tipo de intimidade não recíproca, além de serem, também, um elemento constituinte das redes de conhecimento que auxiliam o sujeito no momento de selecionar informações e visões de mundo que farão parte de sua narrativa autobiográfica.

Os/as leitores/as das colunas de opinião de revistas e jornais podem ser fãs ou não da coluna e dos/as colunistas, eles/elas podem segui-las ou não, aceitá-las ou não. As informações mediadas e a opinião de outros sujeitos sobre como viver e se relacionar não serão necessariamente aceitas e vividas. Cada sujeito receptor dessas mensagens pode se apropriar delas de formas diferentes, já que não existem as exigências da interação face a face.

Além do mais, as colunas de opinião representam um espaço onde a voz do/a colunista é assumida. Sabemos que muitos produtos da mídia são considerados isentos de posição ou opinião, como os textos jornalísticos, veiculados em meio impresso, eletrônico ou digital. Mesmo acreditando que tal isenção, na verdade, não é possível, a voz dos/as autores/as só aparece abertamente em espaços especialmente reservados para isso, como editoriais ou colunas de opinião.

Foi pensando nisso que escolhemos a seção Atitude, da revista VIP, para constituir o corpus de nosso trabalho. Lá buscaremos analisar como são constituídas as identidades de gênero através da linguagem.

2.5. A revista VIP

Se você também acha, como nós que fazemos a revista, que a vida é feita de qualidade e atitude, bom-humor e entusiasmo, considere a nova VIP como um perfeito guia para as suas escolhas de homem.

Editorial da revista VIP, 1998

A revista VIP nasceu como um encarte especial da revista EXAME, em 1981, e tornou-se independente na primeira metade da década de 1990. Esse fato é de extrema importância para a compreensão de seu público alvo. Desde quando surgiu, na década de 1970, a revista EXAME apresenta-se como a “revista do executivo” e o encarte especial, VIP Exame, voltava-se para o lazer e tratava do estilo de vida de gerentes e diretores de empresas. A proposta inicial da revista, que tinha um público alvo de mais de quarenta anos, era mais conservadora, dava mais ênfase a charutos, vinhos e mulheres e importava-se menos com moda e comportamento, tudo isso por meio de uma linguagem formal (MONTEIRO, 2000).

Em dado momento de sua história, a revista VIP vivenciou uma reformulação que, segundo Monteiro (2000), visava a uma mudança de público alvo. O público, que passou a ser mais jovem, de 25 a 45 anos, merecia um tratamento diferenciado, o que exigia reformas no visual e uma linguagem mais informal. A revista, então, transformou-se em “uma publicação mais jovem, mais bem-humorada, mais irônica, mais ‘escrachada’, menos ingênua e menos politicamente correta, ‘pra não ficar babaca’” (MONTEIRO, 2000, p.28). Outra mudança, necessária, que aconteceu diz respeito ao preço dos produtos anunciados. Se antes a revista se destinava a grandes executivos, agora ela busca atrair homens jovens em início de carreira que não têm muito dinheiro para gastar com gravatas, charutos e canetas de luxo.

Em um editorial publicado em 1998, essa mudança é explicada:

[A VIP] tornou-se uma revista mais completa, instigante, divertida. E persegue objetivos declarados de qualidade e elegância. Tudo isso faz dela, hoje, a mais moderna publicação masculina do país. [...] VIP definiu seu foco no universo de interesses do homem. [...] O objetivo de VIP é ser, a seu modo, uma revista indispensável para o homem inteligente. Se você está preocupado com a sua saúde e boa forma, se você gosta de carros e de se vestir bem, se tem interesse por esporte, viagens, comida e outras coisas boas (inclusive bom humor), então VIP é a sua revista.

Há outro tema importante, crucial, que a nova VIP trata com alegria, o do relacionamento entre o homem e a mulher. Aliás, completando a frase com os necessários adjetivos: o complicado, inevitável, delicioso relacionamento entre o homem e a mulher (VIP, n.158, jun. 1998, p.7).

A marca registrada da revista, que trata de assuntos masculinos como consumo, mulheres e aparência, passou a ser, portanto, essa abordagem bem-humorada e inteligente, mas que não “baixa o nível”. Um outro aspecto importante do perfil da VIP, revelado pelo editorial é que, se a revista trata do *inevitável* relacionamento entre homens e mulheres, é porque ela se destina aos homens heterossexuais.

Como a revista se destina ao homem moderno (ela visa aos homens heterossexuais das classes A e B), ela às vezes se questiona sobre quem é esse homem, seu leitor. No editorial do mês de abril de 2004, isso fica bem claro.

Você e eu sabemos de onde viemos. Mas, confessemos, atualmente não temos a menor idéia de para onde vamos. Nós, homens, descendentes de caçadores e guerreiros, estamos na berlinda. Boa parte da nossa formação vem sendo cutucada. Os papéis sociais mudaram tanto nos últimos 40 ou 50 anos que ficou difícil definir algo que já foi óbvio: o que é ser macho.

Abordar essa questão é um desafio e uma das nossas maiores diversões aqui na VIP. Não é o caso de afirmar posição a favor de um suposto ‘novo homem’ ou do saudosismo que celebra nosso lado brucutu. Para nossos repórteres e editores, o importante é manter a cabeça aberta e tentar publicar o maior número de matérias e opiniões que nos levem a entender as diferenças entre o que somos realmente e o que os outros esperam que sejamos. Às vezes, o abismo é tão grande que só nos resta dar risada. Noutras, é bom pensar um pouco (VIP, n.228, abr. 2004, p.13).

Esse editorial ilustra a idéia já discutida neste trabalho de que os sujeitos vêm se tornando cada vez mais reflexivos. Os sujeitos entram em contato, diariamente, com uma grande variedade de material simbólico que os/as confronta em suas certezas, que desestabiliza as identidades. Tudo isso leva à reflexão sobre si mesmos/as, sobre os outros e sobre a sociedade. A mídia, uma das responsáveis pelo excesso de material simbólico disponibilizado, também é um lugar para essa discussão.

Os leitores (e as leitoras) da VIP, se tratarmos esse tema de forma mais específica, deparam-se com visões diferentes, e até contraditórias, da masculinidade (e da feminilidade). O que tentamos encontrar aqui, no entanto, é o momento e o motivo dessas variações acerca da(s) identidade(s) masculina(s), e também feminina(s). Até que ponto a identidade é realmente vista como plural?

Antes de analisar o conteúdo da revista, e mais especificamente o da seção Atitude, será feito um estudo dela enquanto produto: sua coerência interna, a proporção de anúncios, o teor de suas reportagens, tudo isso em relação às características da própria revista, de como ela vê a si mesma e a seus leitores.

A revista VIP se apresenta como sendo “referência de comportamento, moda e beleza para o homem moderno” (site Publiabril). Sua missão é “orientar o leitor no

relacionamento com as mulheres e no consumo inteligente, de modo bem-humorado e irreverente” (ibidem). Seguem, nas tabelas abaixo, algumas informações sobre a circulação da revista.

Tabela Geral de Circulação I²⁴					
Revista	Assinaturas	Avulsas	Total	Exterior	Mês/IVC
VIP	29.780	39.600	67.720	14	jan/06

Tabela Geral de Circulação II²⁵						
Tiragem	Circulação Líquida	Circulação por Região				
128.770	69.380	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Centro-Oeste
		3%	9%	18%	63%	7%

Quanto ao leitor, seu perfil é apresentado da seguinte forma: “Leitor com espírito jovem, gosta de estar informado sobre moda, lazer, cultura, comportamento e tem alto poder de consumo. São modernos e de bem com a vida” (site Publiabril). A VIP, desde seu surgimento como revista independente, visa a um público alvo mais jovem e a porcentagem de leitores que têm entre 20 e 44 anos é de 71% (site Publiabril)²⁷. Ela busca também um leitor que pertença às classes A ou B, mas, como poderá ser observado na tabela a seguir, 64% encontram-se nas classes B e C, contra 62% que estão nas classes A e B.

Tabela Geral do Perfil dos Leitores Abril²⁶										
Revista	Sexo		Classe Social			Idade (em anos)				
	M	F	A	B	C	10-19	20-24	25-39	40-49	+50
VIP	70	30	24	38	26	32	24	39	7	1

²⁴ http://publicidadeabril.com.br/geral_circulacao_revista.php << acesso em 04/05/06

²⁵ <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=53> << acesso em 04/05/06

²⁷ <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=53> << acesso em 04/05/06

²⁶ http://publicidadeabril.com.br/geral_perfil_leitor.php << acesso em 04/05/06

Outras Informações Sobre os Leitores de VIP
Os assinantes de VIP levam em média 4 dias para ler a revista.
77% por leitores de VIP acham que a revista informa.
78% dizem que a revista diverte.
65% dos assinantes de VIP prestam atenção e lêem os anúncios publicados.
84% dos leitores de VIP acham agradável obter informações.
25% dos assinantes de VIP lêem a revista no banheiro.
66% dos assinantes lêem a revista no quarto.

Quanto à descrição da publicidade presente na revista, foram levados em consideração os anúncios de página inteira. Quando consideradas mês a mês, a quantidade desses anúncios sofreu um aumento considerável entre os meses de janeiro e dezembro de 2004, com queda nos meses de férias (38% em julho e 20% em dezembro). Quando tomamos o mês de janeiro como referência, no entanto, a variação média chegou a 217%. Foram 10 anúncios em janeiro de 2004, chegando a 36 em dezembro do mesmo ano, passando pelo pico de 45 anúncios em novembro. Quanto aos tipos de produtos anunciados, a quantidade de publicidade segue a proporção apresentada na próxima tabela.

Produtos	Quantidade
Roupas e acessórios	29%
Cosméticos e perfumes	15,5%
Bebidas	11%
Motos/carros	10%
Equipamentos	8%
Grupo Abril (editora, outras revistas, etc.)	7%
Calçados	5,5%
Autopropaganda	3%
Bancos e cartões de crédito	2,7%
Telefonia móvel e fixa	2,7%
Filmes / Peças de teatro / Programas de TV e canais por assinatura	1,8%
Outros	3,8%

Em relação ao conteúdo, a revista VIP apresenta algumas seções permanentes. A revista é sempre aberta pela seção *Espírito das Coisas*, que traz “notas, fotos e vinhetas com a visão irreverente da VIP sobre o mundo em que vivemos” (site Publiabril). Em junho essa seção passou a se chamar *Preliminares*. Dentro dessa seção, algumas sub-seções são freqüentes: “As 100 Mais Sexy” ou “Volta ao Mundo em 80 Gatas”; “Piadas”; “The Very Stupid Times: todas as bobagens que merecem ser publicadas”, que traz notícias curiosas; alguma reportagem relacionada ao futebol; “Grandes Brasileiros Vivos” ou “Grandes Brasileiros Esquecidos” que fala sobre personalidades do passado e que estão fora da mídia.

Além dos temas fixos, aparecem pequenas matérias sobre assuntos variados que ajudam a construir o perfil da revista e de seu leitor. A preocupação com a aparência masculina é freqüentemente contestada e criticada, até mesmo por mulheres que dizem o que as atrai nos homens. Percebemos uma exaltação da essência “de macho”: caracterizado pela inteligência, mas distante de seu próprio corpo.

[Entrevista com uma modelo] Gosto de homem que se veste com roupa de homem, não que faz gracinha pra sair. Homem não tem de ficar se montando pra ser bonitinho, isso é coisa de mulher.[...] Essa história de metrossexual, então acho horrível. Homem que fica na frente do espelho arrumando o cabelo não dá certo (VIP, n. 231, jul.2004, p.26).

[Entrevista com dançarina de um grupo baiano de arrocha] O que um homem precisa para chamar sua atenção? Homem tem de ter personalidade, um olhar que cativa. Cantada nenhuma me pega, o cara tem de ser inteligente para emplacar (VIP, n. 231, jul.2004, p.23).

Um estereótipo masculino bastante citado na revista confirma essa idéia:

A chave para o enigma de Bogie [Humphrey Bogart]? Se você tira de um homem o rosto bonito, o corpo perfeito, os traços inesquecíveis, o que sobra? O homem. O simples e intransferível magnetismo de macho que atrai as mulheres [...] (VIP, n.233, set.2004, p.32).

Outro aspecto da identidade masculina bastante valorizado pela revista é o de “predador sexual”. Em vários textos há dicas de como “se dar bem”, seja o homem solteiro ou comprometido.

10 desculpas para dar um perdido na patroa neste carnaval (e voltar sem sofrer tentativa de assassinato e sem enfeite na cabeça) [Como sair sozinho no carnaval sem ter problemas com a esposa] (VIP, n.226, fev.2004, p. 23).

Sabe aquela mulherzinha estilo bonequinha, em carne e osso, roupinhas pink e voz tatibitate. Siga as dicas abaixo, que você vai se dar bem com ela (VIP, n.227, mar.2004, p. 38)

Em dois palitos você estará aos beijos com uma gringa de peitos excelentes, embora o derrière não seja lá essas coisas (VIP, n.229, maio2004, p.42).

Por fim, reforçando a idéia de essência masculina do que é próprio, natural ao homem, uma colunista fala sobre a necessidade que os homens sentem de trair e como isso faz bem, inclusive, às mulheres:

Para o bem da própria mulher: é melhor ser traída de vez em quando do que sentir que seu amor não consegue tirar uma tentação da cabeça... É horrível saber: ele só não transa com ela porque vai se sentir culpado em relação a mim!

No fundo, a culpa é um sentimento meio sem propósito e afeta bem mais os homens. Desde pequenos, pobrezinhos, são levados a se sentirem culpados em relação às mulheres: mãe, namorada, esposa. É por isso que tem tanto homem solteiro e gay por aí. [...] Cuidado, rapazes. A mulher se libertou, mas não quer que o homem faça o mesmo.

Homem que é homem deixa-se levar pela testosterona de vez em quando[...].

O grande risco que o homem corre, ao se deixar dominar pelas regras femininas, é perder algo da personalidade masculina que, na real, agrada às mulheres. Uma espécie de cafajestice do bem que faz do amor algo deliciosamente arriscado, em que a escolha pela parceira se renova (ou não) a cada cruzada de pernas que admira. [...] (VIP, n.228, abr.2004, p.44)

A seção *Boa Vida* “traz o melhor de comer, beber e fumar, além de dicas e receitas para o público masculino. Apresenta as novidades sobre charutos, vinhos, cerveja” (site Publiabril). *Talk Show* tem “entrevistas com personalidades que estão em evidência [...] sempre com perguntas bem-humoradas, desconcertantes e ousadas” (ibidem). *Vida Profissional* foi uma seção permanente até o mês de fevereiro de 2004 e as seções *Paulicéia* e *Rio 40 Graus* são cadernos regionais de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente, e por isso não fazem parte do corpus, coletado em Goiânia.

A seção *Por Dentro Dela*, estatisticamente e “através da pesquisa, mostra a visão feminina de um tema que suscite a curiosidade dos homens” (site Publiabril). São feitas questões como “Você revida traição com traição?”, 48% das mulheres disse que sim, enquanto 52%, que não (VIP, n.225, jan. 2004, p.42); “Você prefere homem rico?”, 59% sim versus 41% não, (VIP, n.226, fev.2004, p.36); “Você conta para as outras mulheres o que seu parceiro faz na cama?”, com 79% de respostas afirmativas contra 21% negativas (VIP, n.228, abr.2004, p.50).

Em junho de 2004, essa seção passou por uma reformulação. Ela passou a se chamar *Conversa de Mulher* e, nela, mulheres discutem um mesmo assunto como: mulheres de 40 que namoram homens de 20 (VIP, n.235, nov. 2004, p.52-54) ou que saem com homens comprometidos (VIP, n.232, ago.2004, p.54-55), se as mulheres fingem orgasmo (VIP, n.234, out.2004, p.54-55), e ainda há espaço para outros temas estereotipados e essencializados.

Na VIP de junho de 2004, o assunto discutido foi metrosssexualidade e, mais uma vez, a relação interdita homem/corpo.

[Opinião 1] Pra mim, o metrosssexual, se exagerado, é um gay enrustido. [...] Não vejo nada de mal no cara que se cuida, que se veste direitinho. Agora, quando inventa de botar maquiagem, tirar a cutícula, aplicar silicone...
 [Opinião 2]... está explorando um lado muito feminino. Soa excessivo.
 [Opinião 3] Homem deve cultivar o jeitão de homem, não o de mulher.
 [Opinião 4] Deve conservar as qualidades naturais, em vez de tentar ir além.
 [Opinião 5] Pode ser um pouco vaidoso, pode tomar banho, pode passar perfume.
 Mas só (VIP, n.230, jun.2004, p.46-47).

Outro tema discutido foi a sexualidade feminina, mais especificamente a quantidade ideal de parceiros sexuais que uma mulher deve ter. Nesse caso, prevaleceu uma idéia romântica e, também estereotipada, principalmente quando se pergunta o que a mulher espera da relação sexual.

[Opinião 1] Sinto que, nos últimos cinco anos, houve uma mudança no comportamento sexual feminino. A mulherada resolveu pirar e agir como os 'matchos'.
 [Opinião 2] [...] essa história de as mulheres saírem com todo mundo acaba nos afetando. Afeta a imagem daquelas que não agem assim, porque os homens as rotulam pelo comportamento das mais atiradas. Aham que qualquer mulher é p....
 [Opinião 3] Realmente... Hoje o cara já chega com uma mão no seu peito e a outra na bunda. Ele desistiu da sedução, da conquista.
 [O que a mulher espera de uma transa?]
 [Opinião 4] Troca de intimidade, carinho.
 [Opinião 5] O clichê continua valendo: homem faz sexo, mulher faz amor.
 [Opinião 6] Creio que seja uma questão hormonal – e também cultural (VIP, n.231, jul.2004, p.44-47).

Em outubro de 2004 surgiu uma nova seção chamada *Linha Direta*, na qual uma colunista de sexo responde questões e tira as dúvidas dos leitores.

Existem, também, as seções destinadas a tratar da aparência e da saúde dos homens. *Moda* tem grande destaque porque “VIP é considerada a referência de moda masculina no Brasil. Os seus ensaios mostram as novas tendências, da roupa social à roupa de praia, não se esquecendo dos acessórios como: sapatos, cintos, relógios, carteiras etc.” (site Publiabril). *Seu Corpo* é descrita como “o guia de fitness, saúde e beleza do homem inteligente” (site Publiabril). A seção revela um caráter importante da revista, que será discutido com mais profundidade no capítulo seguinte deste trabalho. A questão que se levanta aqui é que, mesmo quando o assunto está clara e completamente relacionado com o corpo masculino, ele é dirigido ao homem inteligente. Por que não direcionar as reportagens ao homem bonito e atraente, por exemplo?

Em NOVA, uma revista feminina também da editora Abril, a seção de beleza e saúde é descrita como aquela que apresenta “*itens absolutamente essenciais na vida da leitora de NOVA. Vaidosa, muito feminina e sensual, ela faz questão de estar a par de todas as novidades dos últimos lançamentos, também porque estar bonita e bem-cuidada é uma das armas que nossa leitora usa para conquistar postos na carreira*”²⁸ (grifo nosso). É bastante revelador comparar como as duas revistas, voltadas para públicos tidos como opostos, o masculino e o feminino, tratam a questão da beleza. Para as mulheres, que estão sempre atreladas ao corpo, a beleza é um fator fundamental (e até determinante da feminilidade). Para os homens, ligados à mente, ela não é essencial. O cuidado com o corpo e com a aparência apenas revela mais um sinal de inteligência, esta, sim, importante característica masculina.

A reação de um leitor (na seção de cartas dos leitores de outubro de 2004) mostra bem essa diferença no tratamento dispensado a assuntos relacionados ao corpo quando o público alvo é masculino ou feminino.

A polêmica da beleza

Assino a VIP há três meses e realmente acho uma revista interessante, porém fiquei decepcionado com a reportagem *Vai um Brilho na Lata*, na seção *Seu Corpo* de setembro. Não saberia citar os motivos, mas achei de um mau gosto tremendo usar aqueles atores para dar exemplos nada convincentes... dizer que eles precisam de massa corrida é o cúmulo do exagero e denota aquelas famosas reportagens de revistas femininas fúteis e vazias... Acho que mostrar opções de beleza para homem é muito interessante, mas tentar ditar moda, quase como impondo um padrão, daí é cair na mesmice e correr o risco de deixar de ser uma revista interessante (VIP, n.234, out. 2004, p.21).

As correspondências mulher/corpo e homem/mente estão presentes nessa opinião. As mulheres seguem (devem seguir, de acordo com a sociedade) padrões de beleza. O homem que se importa com sua aparência, contudo, não pode fazê-lo da mesma forma que as mulheres, pois isso os tornaria “fúteis e vazios”.

Há, ainda, outras seções como *Cabeça*, um “guia de consumo cultural”. Ela traz “o que comprar, ler e assistir. Resenhas e análises dos melhores lançamentos em CDs, livros, vídeos, DVDs, novos filmes e games” (site Publiabril). *Brinquedo de Homem* apresenta “os gadgets eletrônicos que fascinam os homens” (site Publiabril) e em *Motor*, que em agosto de 2004 passou a se chamar *Potência*, estão “os carros e as motos que são objetos de desejo do momento” (site Publiabril).

Todas as imagens do que é ser homem e do que é ser mulher nos remetem a uma resposta dada a uma carta de um leitor, já citada na página 11. Nessa resposta, o editor diz que

²⁸ http://elle.abril.com.br/midia_kit/nova/edicoes.html << acesso em 01/02/06

a revista tenta “dar um panorama generoso sobre novidades, serviços, recursos científicos etc.”, sem afirmar que o leitor deve ou não usar tudo isso que lhe é oferecido, afinal, cabe a ele decidir. Além disso, a revista diz ser plural: “*temos várias visões sobre a masculinidade e tentamos contemplá-las no material publicado em cada seção*” (VIP, n. 234, out. 2004, p.21; grifo nosso).

O que questionamos aqui é que as visões múltiplas acerca da masculinidade (e da feminilidade também) aparecem nas seções da revista destinadas ao consumo. Em *Moda e Seu Corpo* discute-se corpo, saúde e aparência masculina. Nas outras partes da revista, no entanto, a relação homem/corpo parece interdita e é dada uma grande ênfase à sexualidade. Além disso, como mostramos nos vários trechos citados, aspectos de uma masculinidade tradicional, naturalizada e essencializada são constantemente reforçados.

Por fim, a única seção que resta a ser descrita é *Atitude*, o verdadeiro corpus de estudo deste trabalho.

2.6. A seção *Atitude*

Colunas assinadas são as azeitonas da nossa empada. [...] Entoe nosso mantra e mergulhe na filosofia VIP. Com atitude.

Editorial da revista VIP, 2004

A única seção da revista VIP que resta a ser descrita é *Atitude*. Como já dissemos, ela é considerada “o fecho de ouro da revista” e “é também a seção mais lida. Reúne colunistas que escrevem sobre os mistérios do relacionamento e do sexo” (site Publiabril).

A seção *Atitude* constitui o corpus de estudo deste trabalho por alguns motivos. Como já explicitamos, as colunas de opinião são um lugar privilegiado, onde os/as autores/as podem mostrar abertamente sua voz, expressar opiniões, dar conselhos. Os/as leitores/as, por sua vez, possuem liberdade para lidar com as mensagens recebidas e se apropriarem delas de maneiras diferentes. Ambos, autor/a e leitor/a, são agentes no processo. O próprio título da seção, *Atitude*, pode ser pensado em termos de ação (com a linguagem): atitude dos/as colunistas que se posicionam em relação aos temas discutidos; atitude dos/as leitores/as que lidam com as mensagens recebidas, aceitando-as ou não, seguindo-as ou não, vivenciando-as ou não.

A seção havia sido retirada da revista, mas retornou em maio de 2004. O diretor de redação comentou sua volta e apresentou os novos colunistas em um editorial.

Azeitona filosófica

Dileto leitor, tenho uma novidade para lhe contar: a seção Atitude está de volta.

Muitos e-mails pediram esse retorno, argumentando que, no geral, a VIP é suficientemente leve e bem-humorada. As colunas da seção Atitude, concentradas no final da revista, são o contraponto, uma espécie de aprofundamento das questões discutidas na revista. Touché!

Nesta nova fase, Atitude estréia com cinco colunistas. Dois debutam na VIP nesta edição. Um deles, Marcelo Rubens Paiva, há muito tempo queríamos conosco. Marcelo é autor consagrado de livros e peças de teatro. Mais do que isso, é assombrado pelo sexo feminino. Bem-vindo, Marcelo. Não esperamos que você as entenda, mas será um prazer dividir com você nossa perplexidade.

O outro estreante vai diretamente para um dos pousos mais nobres da VIP, a última página. Ele é Juan Iglesias, o Homem Mais Irado da Cidade. Misterioso e casmurro, talvez ibérico, chuta com as duas, sempre de bico. Para começar, senta a pua no metrosssexualismo, esse fenômeno de marketing tão incompreendido. Coitado do Beckham e das sobranças grossas. Revertere ad locum tuum que se achava moderno.

E temos as meninas. Tapete vermelho para a volta de Ailin Aleixo, que nunca deveria ter nos deixado. Querida pelos leitores, fustigada pelas leitoras (sim, nós também as temos), Ailin é parte da história da VIP, como colunista e editora. Esperamos que ela tenha voltado para ficar, porque aqui é seu lugar, diria Bob Charles.

Cynara Menezes e Gisela Rao, a Cúmplice e a Mulher Maravilha, completam nossa linha de ataque. Cynara estreou na edição passada e agora nos oferece um breve estudo sobre a burrice feminina. A burrice no bom sentido. Aquela que simplifica e entrega, sem encucações e literatices.

Gisela Rao foi nossa colunista em priscas eras e mora no coração da gente. Esperta, engraçada e muito doce, não gosta de cerca. Se ela pula? Bem, colunas não são necessariamente autobiográficas. Mas Gisela adverte: abra o olho, rapaz!

Colunas assinadas são as azeitonas da nossa empada. Nos últimos tempos, mexemos bastante nessa área. Trouxemos novos colaboradores e enveredamos por novos assuntos. Agora é com você. Esqueça o Hamas, o Sharon, a Rocinha, o PT, o MST e a taxa de juros. Entoe nosso mantra e mergulhe na filosofia VIP. Com atitude. (VIP, n.229, maio 2004, p.12).

2.6.1. As colunas e os/as colunistas

A seção Atitude, em 2004, começou apresentando cinco colunas (de maio a setembro) e terminou o ano com apenas quatro (de outubro a dezembro). Cada colunista desenvolve, ao longo das colunas, um certo perfil identitário. Alguns/algumas baseiam-se em experiências pessoais enquanto outros/as, não. Uns/umas descrevem-se e mostram suas opiniões claramente. Outros/as não falam muito de si. A natureza dos temas tratados e a forma

que lidam com eles, além da maneira de utilizarem a linguagem, também nos auxiliam a montar o perfil dos/as escritores/as.

Nos primeiros meses a seção era aberta pela coluna “*O Mapa das Minas*”, de *Marcelo Rubens Paiva*. De todos/as os/as colunistas, esse é o que tem o estilo mais variado. Seus textos apresentam reflexões em que levanta hipóteses para um problema, como no texto de maio de 2004 (Anexo F1) – por que as mulheres se preocupam (e se sacrificam) tanto pela aparência? Porque elas querem ser iguais às mulheres das revistas –, ou, como em junho (Anexo F2), em que dá sugestões: filmes pornográficos poderiam ser produzidos por mulheres e para mulheres.

Em outros dois textos, o colunista faz crônicas: uma em terceira pessoa sobre “*O homem que entendia as mulheres*” (*O Mapa das Minas* – *Marcelo Rubens Paiva* – Anexo F3) e outra em primeira pessoa sobre um homem que sofre por amor (*O Mapa das Minas* – *Marcelo Rubens Paiva* – Anexo F4).

Em seu último texto ele conversa abertamente com o leitor sobre um estereótipo (homens mais velhos que namoram mulheres mais jovens) e fala de uma possível mudança nessa situação (*O Mapa das Minas* – *Marcelo Rubens Paiva* – Anexo F5).

Tenzin Chopell apresentou colunas de julho a dezembro de 2004. Com a saída de *Marcelo Rubens Paiva*, a partir de outubro, quando a seção passou a apresentar quatro colunas, seus textos passaram a ser os primeiros. Diferentemente dos/as outros/as colunistas, *Tenzin Chopell*, ou “*Mantraman*”, apresenta um estilo mais sério, tanto no tratamento que dá aos temas quanto na linguagem que emprega.

Seus textos, todos escritos em primeira pessoa, parecem, por isso mesmo, ser o relato de experiências pessoais e têm um caráter mais narrativo. Em crônicas, ele reflete sobre temas normalmente relacionados ao amor (relacionamentos, solidão, ilusão versus desilusão). Em um de seus textos, ele trata da questão do corpo – ou da alienação masculina em relação ao corpo (*Mantraman* – *Tenzin Chopell* – Anexo B1).

Cynara Menezes escreveu apenas dois textos (um em maio – Anexo E1 – e outro em junho de 2004 – Anexo E2). Ela não se descreve nem diz nada pessoal, mas exemplifica com episódios que aconteceram com ela: “Aconteceu comigo, juro”; “Outro dia, encontrei um motorista de táxi atormentado”.

Cynara Menezes mostra-se nas suas opiniões (“Não acho difícil que, por mais inteligente que seja uma mulher, no fundo sinta uma pontinha de inveja delas [das ‘burras’]”). Ela também dá conselhos, tanto aos homens quanto às mulheres:

Pegue uma burrinha para cuidar de vez em quando (A Cúmplice – Cynara Menezes – Anexo E1).

Quanto às mulheres, elas que se virem para resgatar essa burrice perdida. É preciso se desbeauvoirizar (A Cúmplice – Cynara Menezes – Anexo E2).

Esse conselho dado às mulheres revela que a colunista é desfavorável ao feminismo e às mulheres inteligentes (apesar de ela não dizer que faz o tipo “burrinha”). Sua coluna se chama “*A Cúmplice*”. Mas ela é cúmplice de quem? Aparentemente dos homens.

Outra colunista é *Ailin Aleixo*, ou “*A Mulher Honesta*”. Ela teve colunas publicadas em todas as edições em que a seção Atitude apareceu (de maio a dezembro de 2004). Ailin Aleixo é uma das colunistas que mais se mostra abertamente. Ela se baseia bastante em experiências pessoais e fala de si mesma, de suas características, seus gostos etc. como nos trechos abaixo:

[...] já tive ímpetos parecidos. [...] eu aprendi com um senhor que caminhava ao meu lado [...] (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A1).

[...] cansei de ouvir histórias [...] (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A3).

[...] há muitos anos fui apaixonada por um cara [...] (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A6).

Eu tenho mania de limpeza. [...] tenho tendência à solidão. [...] Eu [amo] televisão, livros e Woody Allen. [...] sou prática (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A2).

Sou o protótipo da mulher independente (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A3).

Jamais me preocupei com o que o vizinho, o porteiro ou qualquer terceiro pensam de mim (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A4).

Gosto de ser quem sou e prezo quem tem a mesma relação consigo mesmo (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A5).

Ela ainda se posiciona em relação aos temas que discute, dá opiniões e conselhos ao leitor, como nos exemplos a seguir:

[...] prefiro acreditar que se trata mais de ter aprendido, com o dia-a-dia, que se ater a detalhes dissonantes é um atalho bom à beça pro precipício (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A2).

[...] não vejo problema algum em acertar um nariz torto [...]. O que me amedronta é essa insanidade que leva a um tipo inédito e estúpido de mutilação (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A5).

[...] antes de explodir feito terrorista árabe, dê uns passos para trás e tente, com todas as suas forças, se colocar fora da situação. [...] Analise a cena com distanciamento (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A1).

Deixem as contas para o IBGE, as regras de bom comportamento para os colégios de freira, e vivam (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A4).

Pare para pensar um minutinho só [...] (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A6).

O principal conselho, contudo, presente em quase todos os seus textos, é “seja feliz”.

[...] trate de ser feliz. [...] ser feliz, no final das contas, não é questão de sorte ou azar (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A1).
 [...] não é nenhum pecado ser feliz (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A2).
 [...] só serei feliz no instante em que [...] (A Mulher Honesta – Ailin Aleixo – Anexo A3).

Outra colunista que teve textos publicados em todas as edições é Gisela Rao, ou a “*Mulher Maravilha*”. Em todas as suas colunas ela fala de algum tema relacionado a sexo (traição, o porquê de as mulheres estarem tomando mais a iniciativa, o porquê de elas fingirem orgasmo, fantasias sexuais masculinas etc.). Além do tema recorrente, a estrutura dos textos também é bastante homogênea. Após apresentar o objeto da discussão, contando a história de um amigo ou pensando em uma experiência hipotética do leitor, ela tenta responder a pergunta levantada por meio de opiniões de outras mulheres.

Conversei com antropólogas, psicólogas e até com enólogas e descobri que as mulheres traem porque [...] (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G1).
 Humildemente, sabendo que de nada sei, fui atrás das respostas [...] (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G2).
 Eu me embrenhei nas selvas da psique feminina para buscar as respostas (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G3).
 Gisela Rao, a colunista profissional, está aqui para desvendar esse dilema que te tira o sono e foi descobrir por que, com mil raios e trovões, a mulher quase nunca consegue separar sexxxo [sic] de amor. Veja o que apurei fuçando nos recônditos do universo feminino (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G4).
 Gisela Rao, a Mulher Discovery, trouxe as respostas pra você de mão beijada (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G5).

Após apresentar as diversas opiniões coletadas, ela sempre termina os textos apresentando a sua própria:

Eu, humildemente, já acho que elas pulam a cerca porque a oferta tá maior. E a culpa, bem menor... Hehehehe. (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G1).
 Na minha sempre humilde opinião, é porque sexo sem amor é que nem milkshake do McDonald's: é legal, mas não tem gosto. Hehehehe. (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G4).
 Segundo a ‘eu’, é porque a mulherada acha que, para o homem, sexo é igual futebol. Ou seja: se não tem gol, não tem graça (Mulher Maravilha – Gisela Rao – Anexo G5).

Juan Iglesias é um colunista que se intitula *um cubano expatriado*, conhecido como o *Garanhão do Milênio*, diz ter *braços musculosos e viris de cubano*, que morava em *Havana* e que faz sempre referências a sua *Cuba natal*. Sua auto-descrição nos remete à

identidade estereotipada do homem latino, reconhecido como um homem verdadeiramente macho e com forte apelo sexual.

[Sobre sua relação com uma mulher] foi minha escrava no amor até o dia em que fui forçado a deixar Havana. Tenho aqui, ao lado de meu computador, uma foto de Mercedita, que me remete a noites excepcionalmente calientes em Havana (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D2).

[...] muchachas, não foi à toa que, em minha Cuba natal, conquistei a fama de garanhão entre os garanhões. Fui, modéstia à parte, um dos mais generosos provedores de orgasmo que a ilha já conheceu. Minha generosidade foi amplamente recompensada, posso garantir (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D5).

Em tardes quentes e preguiçosas, éramos Josefina e Napoleão, imperadores da paixão abrasiva, ela com seu cheiro não corrompido, eu com o ardor obstinado que é a recompensa suprema que ofereço às mulheres que insistem em ser mulheres (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D6).

Esse colunista já adquiriu, entretanto, características – que são muitas vezes estereotipadas também – da identidade brasileira, como o interesse pelo futebol ou o fato de buscar um modelo brasileiro (o cantor Zeca Pagodinho), e não cubano, para uma identidade masculina modelo.

Sua coluna se chama “*O Homem Mais Irado da Cidade*” e ele sempre inicia seus textos reclamando de alguma coisa e repetindo a mesma fórmula introdutória:

Eu não suporto mais essa discussão efeminada em torno dos metrossexuais. (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D1).

Eu não suporto mais essa história de homem na cozinha (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D2).

Eu não suporto mais os intervalos de jogo de futebol na Globo. (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D3).

Eu não suporto mais essa conversa toda sobre preliminares (O Homem Mais Irado da Cidade – Juan Iglesias – Anexo D5).

Seus textos são bastante estereotipados e geraram muita polêmica, como podemos perceber em algumas cartas de leitores, publicadas ao longo dos meses. Alguns leitores manifestaram desejo em rever o antigo colunista que ocupava a última página da revista (Fábio Hernandez), enquanto outros festejaram a saída de Juan Iglesias.

Apoiado, Fidel

A postura desse senhor que se diz cubano e que assina a coluna da última página (Juan Iglesias) é pior que toda a revista. Se Fidel um dia acertou em excluir alguém de sua ilha, com certeza foi nesse senhor (VIP, n.231, jul. 2004, p.14).

Apoiado, Fidel 2

Quem é esse cubano troglodita? Ele desvirtua tudo o que aprendemos com a própria VIP sobre os segredos da cozinha, sempre uma das melhores receitas para se

conquistar uma gata. Homem das cavernas é quem pensa como ele. Que saudade das colunas do Fábio Hernandez... (VIP, n.231, jul.2004, p.14).

Adiós muchacho

Sou assinante da VIP há algum tempo e estou indignado com a coluna desse cubano que vocês contrataram, o Juan Iglezias. O cara não dá uma dentro, poxa vida! Primeiro detonou os amantes da culinária, depois as depiladinhas. Xô, cubano pentelho! Paredón por Iglezias!

[Resposta] Suas preces foram atendidas, Marcelo. O Juan Iglezias sumiu do mapa... Parece que foi passar uma temporada em Cuba, mas ninguém garante (VIP, n.235, nov./2004, p.24).

Gostaria que VIP esclarecesse o maior mistério da revista, a saída de Fábio Hernandez. Seus artigos eram tão bons que geraram um séquito de imitadores. Agora os colunistas voltaram com o inominável Juan Iglezias ocupando o lugar de destaque. Às vezes até acho que é o próprio Fábio – desta vez com outro pseudônimo – que escreve as crônicas só pra provar que o leitor de VIP se contenta com pouco...

[Resposta] Chega de saudades, Adriano. Vá direto para a última página e reencontre seu guru (VIP, n.235, nov. 2004, p.24).

De volta ao cafofo

Deus existe! Depois de meses tendo de aturar as bobagens do cucaracha Juan Iglezias, ter de volta a coluna de Fábio Hernandez é uma bênção! Tomara que Mr. Bush prenda o Juan durante a escala em Miami, mande-o para a prisão de Guantánamo e lá o mantenha incomunicável. Tomei a liberdade de enviar um e-mail para a CIA dizendo que Juan Iglezias é Osama Bin Laden disfarçado (VIP, n.236, dez. 2004, p.18).

Juan Iglezias saiu repentinamente, mas sua saída, ou seu “desaparecimento” foi explicado em um editorial, no mês de novembro de 2004.

Tivemos problemas com a última página desta edição. Nosso colunista Juan Iglezias sumiu de repente. Fontes pouco fidedignas, mas as únicas de que dispomos, dizem que ele partiu às pressas para Cuba, pressionado por dívidas impagáveis. Com Juan desaparecido, fuçamos as gavetas atrás de material e demos de cara com um original de Fábio Hernandez, nosso ex-colunista. Fizemos a troca meio no impulso. Será que foi para o bem ou para o mal? (VIP, n.235, nov. 2004, p.16).

Juan Iglezias foi substituído, então, pelo colunista *Fábio Hernandez*, ou “*O Homem Sincero*” nos meses de novembro (Anexo C1) e dezembro de 2004 (Anexo C2). Esse colunista fala sempre em primeira pessoa e trata dos assuntos com base em experiências pessoais, como a morte precoce de um amigo ou as memórias de uma tia com quem conviveu na adolescência.

Como as colunas e os/as colunistas já foram apresentados, podemos, no capítulo seguinte, discutir como as identidades de gênero são constituídas nesses textos.

3. A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

[...] to be a subject is to be born into a world in which norms are already acting on you from the very beginning.

Judith Butler

Vimos, nos dois capítulos anteriores, que tanto a linguagem quanto a mídia participam do processo de formação das identidades dos sujeitos. O sujeito passa a existir graças ao chamamento do outro, que o interpela por meio dos termos da linguagem. É esse chamamento do outro que garante a possibilidade de reconhecimento social (ou de abjeção). A primeira forma de reconhecimento social é a que é feita de acordo com o gênero. O sujeito falante, no entanto, continua sendo vulnerável à linguagem, isto é, a partir do momento em que ele/ela é nomeado/a uma vez, ele/ela se torna suscetível a ser nomeado/a outras vezes. O conjunto de todos os nomes de que o sujeito é chamado contribui para a criação de uma noção de identidade. Em outras palavras, o sujeito é vulnerável à linguagem e depende dela para chegar a um senso de si mesmo.

Quanto à participação da mídia, ela constantemente interpela o sujeito por meio da linguagem e ele/ela se torna dependente da enormidade de conteúdos simbólicos que são veiculados, pois tais conteúdos enriquecem seu processo de constituição das identidades. Devido a isso, o sujeito desenvolve e se engaja em um processo reflexivo cujo objetivo é construir uma identidade coerente.

O ato de fala interpelativo – em nosso caso específico, aquele que é realizado pela mídia – acontece independentemente da vontade do sujeito, sem que ele/ela tome conhecimento. Além disso, os sistemas da mídia, dos quais o sujeito se torna dependente, não estão sob seu controle. Nesse processo, então, a fala interpelativa não apenas representa uma estrutura social, mas (re)admite uma determinada estrutura e habilita a dominação. Sendo assim, a fala que interpela os sujeitos em termos de gênero pode ser usada na manutenção de uma estrutura de dominação do masculino e de subordinação do feminino.

Pensando na vulnerabilidade dos sujeitos à linguagem e na dependência de conteúdos simbólicos mediados é que pretendemos discutir como as identidades de gênero são constituídas. Para tanto, falaremos, primeiramente, sobre a identidade e sobre seu processo de descentramento. Em seguida, com base nos estudos de gênero, analisaremos os

textos publicados pela seção Atitude no ano de 2004, buscando identificar a estereotipização de aspectos como corpo e sexualidade.

Discutiremos esses aspectos, especificamente, porque o gênero relaciona-se tanto com um quanto com outro. É no corpo que as marcas do gênero revelam-se; além de ser histórica e culturalmente construído, o corpo ainda é controlado, regulado. A sexualidade, por sua vez, encerra a tríade sexo-gênero-sexualidade, em que todos os elementos ligam-se uns aos outros, porém não se causam uns aos outros.

3.1. A identidade

A identidade é, hoje, um assunto amplamente discutido por profissionais de diferentes áreas. Isso se deve ao fato de as identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estarem passando por um processo de fragmentação, de ruptura, de deslocamento. A concepção pós-moderna de identidade, que se define historicamente e não biologicamente, mostra-nos um sujeito descentrado. Não existe, portanto, uma identidade nuclear, essencial, fixa e estável.

Uma série de mudanças e de rupturas nos discursos do conhecimento provocou o deslocamento da identidade do sujeito pós-moderno. Dos avanços nas teorias sociais, dois foram importantes. Um deles foi o pensamento de Michel Foucault acerca das relações de poder e do corpo. Há vigilância, regulação, governo não apenas da espécie humana e das populações como também do sujeito individual e do seu corpo. Os regimes administrativos, os saberes especializados, as instituições têm como objetivo a criação de um ser humano que possa ser tratado como um *corpo dócil*. Até mesmo o corpo, aquilo que é considerado como o que há de mais natural, ou seja, um produto da natureza, tem seus limites constituídos histórica e lingüisticamente.

Da mesma forma impactante foi o movimento feminista que abriu a possibilidade de contestação política para questões privadas como a família, a divisão do trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e a sexualidade. Tal movimento questionou também a distinção dentro/fora, privado/público e inseriu a questão da formação das identidades sexual e de gênero. A noção de “político” teve de ser redefinida – numa tentativa de se alargar o conceito de opressão – e passou a representar toda e qualquer atividade que perpetuasse a dominação masculina. Devido a isso, o político passou a se ligar a qualquer relação de poder e deixou de ser exclusivo da esfera pública. A prática política feminista passou a atuar em

diferentes esferas da vida social. Essas colocações feitas pelo movimento feminista permitiram, como já foi dito, a discussão da constituição das identidades sexual e de gênero, anteriormente vistas como naturais.

Infelizmente, em diversos discursos que existem em nossa sociedade, as identidades ainda são percebidas, erroneamente, como fixas, estáveis e coerentes. Essa concepção impregna, também, a noção de gênero que, naturalizada, é vista como uma extensão do sexo. A seção Atitude, da revista VIP, mostra, com frequência, como veremos mais adiante, essa noção da identidade fixa e do gênero como essência.

Será, contudo, que essa é a única concepção presente nos textos analisados? Será que a revista lida apenas com uma identidade homogeneizante, que aparentemente representa todos os sujeitos? Será que não podemos reconhecer, nas colunas da seção Atitude, traços de uma identidade plural, fragmentada e, até mesmo, incoerente?

A identidade de gênero é historicamente constituída, além de ser uma experiência discursivamente condicionada, que se limita “nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (BUTLER, 2003, p.28). O gênero, no entanto, nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente, considerando-se, principalmente, sua performatividade e o que isso implica – justamente por ser performativo, a possibilidade de fracasso é inerente, além disso, as circunstâncias em que o ato é produzido nunca são completamente recuperáveis ou determináveis. Devido a isso, não é possível ver o gênero como extensão do sexo biológico ou como determinismo cultural nem separá-lo das intersecções políticas e históricas nas quais é produzido e sustentado.

3.2. A constituição das identidades de gênero

Discutiremos a formação das identidades de gênero a partir das concepções de Butler (2003, 2001). Essa autora questionou os pressupostos da distinção sexo/gênero (o primeiro era normalmente visto como biológico e natural, enquanto o segundo representava as inscrições culturais sobre o corpo sexuado).

O gênero, na verdade, não pode ser visto como algo que depende de uma pré-determinação biológica que dita como as pessoas devem desempenhar seus papéis generificados na sociedade. Gênero não é tampouco um construto cultural estável que evolui coerentemente e que não deixa espaço para lutas, para resistências, para escolhas. Considerar

o gênero como simplesmente biológico ou cultural é vê-lo, erroneamente, como uma consequência do sexo.

Segundo Butler (2003), é importante observar os meios através dos quais tanto o gênero quanto o sexo começaram a ser tratados como “dados”. Diferentes discursos construíram a dualidade do gênero, dando a ela um caráter natural, como se fosse algo anterior, pré-existente. Quando analisamos essa construção discursiva, entretanto, percebemos que o gênero não é uma descrição da essência, do núcleo interno e organizador da identidade do sujeito. O gênero é, na realidade, um ato de manutenção dessa ilusão de essência.

Suas marcas revelam-se na exterioridade do corpo por meio de atos, gestos e desejos, que visam a expressar, a descrever a essência da identidade. Tais atos e gestos, no entanto, são performativos, uma vez que são fabricações sustentadas por signos corporais e outros meios discursivos. Em outras palavras, atos e gestos visam a expressar uma essência interna da identidade de gênero, mas eles simulam uma causa que, na realidade, é um efeito e, durante esse processo, a identidade de gênero se constitui. A performatividade do gênero gira ao redor da inversão de causa e efeito, da forma como a antecipação da essência generificada produz aquilo que ela postula como exterior a si. A realidade, então, é fabricada como essência interna e essa interioridade é efeito e função de um discurso social de regulação, que visa a manter a sexualidade nos termos estruturais da heterossexualidade compulsória e reprodutora.

O discurso social regulador interpela o sujeito e o constitui em termos de gênero. A identidade do sujeito não é essencial, ela é um efeito desse ato de fala interpelativo que nomeia o sujeito repetidamente, iniciando e garantindo a manutenção de sua existência social. Sobre a construção do gênero, Butler (2003) afirma que a origem do processo é ocultada:

o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção ‘obriga’ nossa crença em sua necessidade e naturalidade (2003, p.199).

A mídia é uma das responsáveis pelos discursos que produzem o gênero. A revista VIP trabalha com um discurso hegemônico e naturalizado. Na seção Atitude, particularmente, o masculino e o feminino, cada um com suas características “naturais” e “intrínsecas”, são tratados como a essência dos gêneros que se manifesta de duas formas fixas e opositivas. O que é ser “homem” ou o que é ser “mulher” é apresentado normativamente e por meio de

estereótipos. Os exemplos abaixo revelam alguns desses estereótipos sobre a identidade feminina e a masculina.

Meu amigo Mantraman [outro colunista da seção Atitude] sempre disse que mais difícil que meditar num bordel é compreender a cabeça das mulheres (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D4).

[...] mulheres nunca estão satisfeitas. É o que chamo de ‘síndrome de Eva’. [...] E não pense que essa insatisfação só vale para as frutas, não. Pode incluir nessa listinha: roupa, maquiagem, cabelo, limite do cartão de crédito, corpo e, claro, sexo! (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G3).

[Situação] Ela levanta da mesa, avisa pra danceteria inteira que vai fazer xixi e parte gloriosa pro WC – vulgo Women Conference – com um séquito de amigas atrás puxando a saia pra baixo. [...] por que essas mulheres vão sempre juntas ao banheiro?

[Opiniões levantadas pela colunista] ‘Porque, segundo as pesquisas, as mulheres falam de 3 a 5 mil palavras a mais que os homens por dia. Então a gente aproveita até a hora de fazer xixi pra desovar o falatório’.

‘A gente gosta de fofoca, e o banheiro é o melhor lugar pra isso porque sempre checamos se a mina em quem estamos descendo a lenha não está sentadinha por perto. Mas veja bem: gostar de fofoca não quer dizer que sejamos fofoqueiras, entende? Quer dizer apenas que somos superiores à baranga em questão’.

[Opinião da colunista] as mulheres só falam de um assunto: homens! No banheiro, elas não fogem à regra, com uma diferençazinha: lá rola uma certa ‘hora da verdade’ e elas contam tudo, tudo mesmo. [...] Ela só tá dividindo com as amigas aquilo que você mais preserva nessa vida, fora o seu time: sua intimidade (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G7).

Esses exemplos revelam alguns estereótipos que permeiam o senso comum, tais como, as mulheres são difíceis de se entender, são confusas, misteriosas. Elas estão sempre insatisfeitas, sempre querem algo mais. Mulheres falam muito (muito mais que os homens) e são fofoqueiras, mas normalmente não admitem isso. Elas vão sempre juntas ao banheiro, quando saem com as/os amigas/os, e costumam comentar aspectos íntimos da relação com o parceiro, inclusive sobre seu desempenho sexual. No último trecho citado, aparece um aspecto da identidade masculina: os homens dão mais valor ao seu time do que a qualquer outra coisa. O relacionamento, por exemplo, não tem prioridade para eles.

Em outros momentos, vemos outros estereótipos mais ligados à masculinidade:

Quem vê esporte na televisão é homem. E homem, quando a cena não é de jogo, quer ver mulher (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D3).

Só homem se interessa por esportes porque eles representam competição, agressividade, o que vai de encontro à passividade da mulher. Outro aspecto presente é que, se o esporte é utilizado para a diversão e o entretenimento do homem, a mulher também é.

Existem ainda estereótipos sobre a divisão dos papéis e funções típicas para mulheres e homens, no que tange ao relacionamento entre eles, ressaltando a subserviência da mulher (ou melhor, seu papel subserviente):

Na minha Cuba natal, meus antepassados diziam que a mais nobre ação de uma mulher está em perceber o que interessa a seu homem e ajustar-se a isso. É um ato em que a mulher se dá e, ao mesmo, tempo, ganha com isso. Ganha um amante ardoroso, insaciável, pouco disposto a investir em outras mulheres. Trata-se aí o que, no jargão do mundo dos negócios, se chama de relação ganha-ganha. A mulher que finge escravizar-se ganha um escravo de verdade (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D4).

Percebemos aí que a mulher será recompensada se desempenhar esse papel (*perceber o que interessa ao seu homem e se ajustar a isso*, ou seja, o homem dá algo em troca quando recebe o que quer e da forma que quer).

Uma outra forma de divisão entre os gêneros diz respeito à maneira como cada um lida com o próprio corpo: aos homens cabem as tarefas relacionadas à força física; às mulheres, cuidar da aparência.

É melhor, para um homem, se ocupar de um pneu furado do que de uma sobancelha que não se pareça com a de Gisele Bündchen (Juan Iglezias – O Homem mais irado da cidade – Anexo D1; grifo nosso).

Finalmente, quanto à divisão do trabalho doméstico:

Um homem na cozinha é um ser deslocado. Perdido. Em perigo, como alguém no meio de uma rua de trânsito intenso. A proximidade do fogão não nos favorece. Em compensação, a mulher na cozinha resplandece. O mais caro dos colares não a deixa tão sedutoramente mulher como o mais banal dos aventais, e é inacreditável que elas não se dêem conta disso. A fêmea porta a vassoura com a mesma *classe natural e enfeitadora* com que o samurai portava a espada. A zona erógena da mulher, na fantasia de todo homem, não é o clitóris, o místico ponto G, o mamilo ou o que quer que seja. É a cozinha (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2; grifo nosso).

Cansei de ouvir histórias de casamentos detonados pelo *excesso de ‘masculinidade’ feminina*. Mulheres que se negavam a fazer um risotinho, mesmo adorando cozinhar: isso é coisa de Amélia. Recusavam-se raivosamente a transar quando ele tomava a iniciativa: isso é submissão. Gritavam de ódio com a mera menção ‘querida, traz uma cerveja?’, mesmo se estivessem ao lado da geladeira: isso é coisa de empregada. Não cogitavam a hipótese de criar os filhos sem babá full time: isso é coisa do tempo da avó (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A3; grifo nosso).

Já uma mudança nos papéis pode representar uma ameaça:

Ali [na cozinha] ela é única, ali ela é a rainha das rainhas, ali jamais será destronada. Ali jamais lhe será oferecida *competição ameaçadora* (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2; grifo nosso).

Além da idéia de que a mulher é a *rainha do lar*, esse trecho fala de uma *competição ameaçadora*. Por que uma divisão mais igualitária do trabalho representa uma competição? Se outros desempenhassem os papéis tidos como femininos, as mulheres deixariam de ser mulheres? Será que a ameaça é mesmo às mulheres ou será que é a possibilidade de elas adentrarem a esfera pública que assusta os homens?

Ainda sobre a divisão do trabalho doméstico, como podemos ver nos exemplos a seguir, o papel dos homens é retratado como mais importante, mais excitante, mais desafiador. Se antes, para vencer a *luta pela sobrevivência*, os homens caçavam, hoje, nas sociedades capitalistas modernas, eles devem trabalhar em troca de um salário e o poder econômico garante o status do homem (e desvaloriza a mulher, pois seu trabalho é invisível e não remunerado). Devido a isso, as tarefas femininas são inferiorizadas e vistas como um simples *serviço desinteressante*.

Um *homem de avental* é algo tão *esdrúxulo* quanto uma mulher de paletó e gravata. [...] Nosso *papel original* era pegar a clava e enfrentar as feras na luta pela sobrevivência. Consumada a caça e abatido o mamute, o resto competia às mulheres. (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2; grifo nosso).

Mas eis que se torna ‘bonito’, no mundo masculino, ter habilidades na cozinha. Que as mulheres incentivem essa coisa ridícula, admito e entendo. No fundo, é uma tarefa a menos para elas. Presumo que mais ‘completo’ ainda, sob esse aspecto, seja o homem que não apenas cozinhe como, depois, faça o resto do serviço. Lave e seque a louça. Só não compreendo como nós mesmos nos entregamos a uma *atividade tão desinteressante e tão efeminada* (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2; grifo nosso).

Esses trechos revelam a naturalização e essencialização do gênero. Além de estereótipos sobre a identidade feminina (mulheres são confusas, estão sempre insatisfeitas, falam muito, estão se masculinizando) e sobre a masculina (homens são competitivos “por natureza”, por isso gostam de esportes e são responsáveis pela “luta” que garante a sobrevivência), ainda há uma normatização de quais são e de como os papéis devem ser desempenhados por cada gênero.

Dessa forma, qualquer modificação nessa divisão “natural” do trabalho pode representar perigo para a integridade da identidade. Quando, por exemplo, as mulheres *recusam-se* a desempenhar seus papéis típicos (dona de casa, amante e mãe), elas estão deixando de ser mulheres e se masculinizando. Percebemos, ainda, que ocorre uma

objetificação da mulher, pois ela é definida a partir dos papéis que desempenha e seu corpo se confunde com os limites do espaço que ocupa.

Sendo assim, esses trechos nos mostram o processo de constituição dos gêneros, representando a materialização de um discurso que é internalizado, incorporado pelo sujeito. São atos de fala que interpelam o sujeito e o vão constituindo e, quando eles/elas internalizam essas normas do gênero, a ilusão de que o gênero é natural é criada e mantida. Em outras palavras, esses trechos exemplificam como o gênero é constituído performativamente e o que parece ser a causa do gênero, das diferenças entre os gêneros (duais, fixas e imutáveis), na verdade é um efeito do discurso normatizador que, performativamente, interpela os sujeitos de forma constante, repetitiva, reiterativa.

O gênero caracteriza-se, ainda, por ser uma performance com conseqüências claramente punitivas, porque o que humaniza as pessoas na cultura contemporânea são os gêneros distintos, reconhecidos e legitimados pelos padrões sociais. Aqueles que não desempenham corretamente seu gênero, de acordo com as normas pré-estabelecidas pela sociedade, são punidos. As normas do gênero – isto é, dimorfismo ideal, complementaridade heterossexual, ideais próprios e impróprios de feminilidade e de masculinidade (Butler, 2003) – estabelecem o que pode e o que não pode ser classificado como humano, quais expressões corporais são legítimas e quais não são.

Os discursos produzidos no campo social são responsáveis pela demarcação do corpo no interior de grades regulatórias que garantem, ou não, inteligibilidade e coerência identitária. Esses discursos naturalizam determinados limites, posturas, relações do corpo. Aqueles corpos que não são reconhecidos, que não são legitimados – são abjetos – tornam-se os primeiros contornos do sujeito. Em outras palavras, as identidades (hegemônicas) são constituídas a partir da instituição do outro, de sua expulsão e dominação. As fronteiras do corpo passam, então, a constituir as fronteiras daquilo que luta pela manutenção da estabilidade do que é socialmente hegemônico.

Nos textos da seção Atitude, a punição àqueles que não desempenham seu gênero adequadamente é revelada. Os trechos abaixo mostram como os homens podem ser penalizados, caso se preocupem demasiadamente com seus corpos, com sua aparência (uma vez que esse comportamento é uma característica da feminilidade):

O metrossexual é a *rendição* do homem como entidade única e intransferível.
 [...] discussão efeminada em torno dos metrossexuais.
 [Um homem metrossexual] parece ter *vergonha de parecer homem*.
 [A metrossexualidade representa] a *imagem desvirilizada* de nós mesmos (Juan Iglezias – O Homem mais irado da cidade – Anexo D1; grifo nosso).

As mulheres também poderão ser punidas se, por outro lado, valorizarem muito sua inteligência, já que esse é um atributo que deve ser encontrado nos homens.

Talvez, ao querer ser sabida demais, a mulher *perca* um pouco daquela *inocência, tão graciosa*, que todas um dia tivemos. (Cynara Menezes – A Cúmplice – Anexo C1; grifo nosso).

O movimento feminista também é visto como algo negativo que transforma as mulheres. Em outras palavras, faz com que elas percam a feminilidade.

As mulheres já estão ficando *perigosamente* parecidas conosco. Muitas chefes são mais duras e ríspidas que os homens. Dão a impressão de que não concederiam a esmola de um sorriso nem se assistissem a uma temporada de *Friends*. E demitem com a frieza cruel de mercenário. Não mandam embora: executam (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D1; grifo nosso).

[...] *o feminismo nos tornou idiotas extremistas, machistas às avessas*. [...] Cansei de ouvir histórias de casamentos detonados pelo *excesso de ‘masculinidade’ feminina* [...] essas mulheres conseguiram uma façanha: congregar o pior dos dois sexos. Uniram o egoísmo masculino à mesquinha feminina (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A3; grifo nosso).

Temos falado de estereótipos e de punições às performances que estão fora do padrão homogeneizante, mas mesmo os columnistas mencionam uma transformação nesses padrões. Embora ela seja parcial e trate de um estereótipo apenas, como no caso do exemplo a seguir, isso já nos revela que há espaço para questionamentos e desejos de mudança.

Mas os estereótipos estão em mutação. Alguns homens não têm mais trocado suas mulheres por garotinhas mais novas. Muitos deles partem para uma aventura mais perene e serena e escolhem mulheres mais velhas [...]. Já muitas mulheres estão indo atrás de seus garotinhos, seus rapazinhos. Querem o frescor, o vigor, ensinar, indicar, sugerir, transformar, moldar [...]. [Mas uma coisa não muda.] O homem com a garotinha pergunta maliciosamente aos amigos: ‘não é uma coisinha?’ Já as mulheres com seus garotinhos continuam dizendo: ‘Mas eu o amo!’ (Marcelo Rubens Paiva – O Mapa das Minas – Anexo F5).

Apesar de uma mudança de comportamento, ainda que sejam as mulheres que procurem homens mais jovens, seu relacionamento deve ser justificado pelo amor, enquanto os homens ainda exibem as mulheres mais jovens como troféus.

A partir desse trecho podemos concluir que, embora estejamos falando de estereótipos, a possibilidade de mudança existe, sim. É importante ressaltar, entretanto, que os estereótipos aparecem em graus diferentes: existem aqueles que são mais evidentes e os que são mais velados. Dessa forma, o que poderia ser visto como uma transformação, como

resistência às normas, como uma “salvação”, também é estereotipado, também reproduz os mecanismos de manutenção da ilusão do gênero estável e natural. Só que isso é feito de forma não explícita.

Como já discutimos, o gênero opera com a inversão da relação de causa e efeito. O gênero é uma performance e seus vários atos criam a idéia ilusória de gênero estável e coerente. A ação do gênero, no entanto, requer uma performance reiterativa. “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2003, p.200). O gênero, portanto, legitima-se por meio de atos performativos ritualizados, convencionais, que são, ao mesmo tempo, o mesmo e outro. Esses atos visam a manter o gênero em sua estrutura binária. Butler (2003) afirma ainda que:

[...] o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. [...] Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a *aparência de substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização *performativa* em que a platéia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (BUTLER, 2003, p.200-201).

Se o gênero é constituído no tempo, em um espaço externo, criando a ilusão de uma substância interna e permanente, então seus atributos não são constativos; ao invés disso, são performativos. Sendo assim, eles “constituem efetivamente a identidade daquilo que pretensamente expressariam ou revelariam” (BUTLER, 2003, p.201). E se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita na superfície dos corpos – pois o que existe são atos performativos produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre identidade – o gênero não pode ser nem verdadeiro nem falso, nem real nem distorcido.

Em outras palavras, o discurso da mídia (com o qual trabalhamos aqui) pretensamente descreve as identidades de gênero, mas, na verdade, por ser performativo, esse mesmo discurso constitui essas identidades. A linguagem é utilizada, então, não para se referir a algo externo a ela, mas para constituir seu referente (no caso, as identidades de gênero), no momento em que o enunciado é realizado.

3.2.1. O gênero e o corpo

Já afirmamos que o gênero não é simplesmente a inscrição cultural sobre um corpo natural. Sendo assim, qual é a relação entre gênero e corpo? O corpo também é um construto social e histórico; ele é modelado por forças políticas que têm o objetivo estratégico de manter esse corpo limitado e constituído por marcadores sexuais binários. O corpo sexuado não pode, assim como o gênero, ser tratado como um dado que existe a priori.

O corpo sexuado é materializado por meio da reiteração de normas regulatórias ao longo do tempo. Em outras palavras, a materialização do corpo ou, mais especificamente, do sexo, faz parte de uma prática regulatória performativa – essa prática produz os corpos que ela mesma nomeia. A necessidade de reiteração dessas práticas revela que a materialização nunca acontece completamente: devido a seu caráter performativo, o fracasso é estruturante, o que possibilita que haja resposta, reação, rejeição.

As normas regulatórias do “sexo” trabalham de um modo performativo para construir a materialidade dos corpos, da diferença sexual, com o intuito de consolidar o imperativo heterossexual. Sexo, então, não é aquilo que alguém tem ou aquilo que alguém é. Sexo “é uma das normas pelas quais ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2001, p.155). É importante observar que o objetivo das normas regulatórias – de construir corpos em uma estrutura binária – não pertence ao sujeito individual, mas é, ao contrário, fundador do sujeito. A formação do sujeito acontece justamente porque ele/ela passou pelo processo de assumir um sexo.

A performatividade, portanto, não pode ser entendida como um ato simples ou deliberado do sujeito. O sujeito é interpelado performativamente pelos termos da linguagem e um discurso regulador produz os corpos sexuais, possibilitando determinadas identificações sexuais e negando outras. O poder de se produzir aquilo que se nomeia não é fruto de um desejo original, o que impede que a performatividade seja completamente volitiva e consciente. A performatividade é uma prática reiterativa e citacional do conjunto de normas e, uma vez que ela adquire o *status* de ato no presente, ela dissimula as convenções das quais é uma repetição. Cabe lembrar que as normas repetem-se, mas nem sempre o fazem da mesma maneira, assim como os estereótipos essencializantes estão normalmente presentes, mas em graus de intensidade variados.

Na seção Atitude, encontramos muitas referências ao corpo, tanto masculino quanto feminino, e à forma social e culturalmente adequada de se lidar com ele. A mulher é, normalmente, atrelada ao corpo (e, conseqüentemente, a tudo que é “natural”, que vem da natureza), como podemos observar no fragmento a seguir:

Não existe nada mais enfeitiçador, para o homem que é homem, que o cheiro da mulher. [...] O perfume da mulher embriaga, enleva, conforta. Traz alento, traz esperança. Você fecha os olhos, aspira aquela fragrância incomparável e chega à conclusão de que o mundo não é tão mau assim. [...] Mas eis que neste mundo artificial em que vivemos *as mulheres vão se tornando mais e mais, também elas, artificiais*. [...] *A natureza é obliterada* pelos arranjos e artifícios. E assim *o perfume de fêmea se esvai*, tragado pelas fragrâncias adocicadas do momento. *Deus fez a mulher como ela é*. E a mulher desfez a mulher. (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D6; grifo nosso).

Esse trecho trabalha a favor da essencialização do homem (que é homem) e da mulher (que é mulher). O corpo da mulher, nesse caso, seu perfume, conforta e traz esperança, o que nos remete ao papel típico feminino de mãe e esposa que oferece alento a sua família. Mais uma vez, o papel feminino relaciona-se diretamente com seu corpo. E o colunista “reclama” ao afirmar que aquilo que de mais natural existe – o corpo feminino – vem se tornando artificial. As mudanças que as mulheres provocam em seus corpos podem fazer com que elas deixem de ser mulheres.

Esse tipo de afirmação cria um paradoxo, porque as mulheres são, cada vez mais, incentivadas a modificar seus corpos para atender a um padrão hegemônico de beleza. É claro que, como se trata de uma revista masculina, não se discute com muita frequência como a mulher deve ser, como ela deve cuidar de seu corpo etc. Isso se deve ao fato de que esse tipo de discurso costuma ter, entre outras características, um forte apelo consumista, pois normalmente implica a apresentação de cosméticos, dietas, roupas da moda etc. para o público feminino. Encontramos nas colunas analisadas, ao invés disso, um questionamento acerca dessas transformações constantes a que as mulheres se submetem.

São os peitos de silicone. Os cabelos de múltiplas cores. As bochechas que se inflam e desinflam ao sabor da moda. Os dentes mentirosamente certos e exageradamente brancos. Tudo em ordem. Portanto, tudo enfadonho e monótono. Tudo igual (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D6).

[...] uma moda que vai transformando todas as mulheres em réplicas umas das outras. Agora é o mesmo cabelo, o mesmo peito de silicone, a mesma dentição artificialmente esbranquiçada. E a mesma ausência dolorida da forma eternamente bela, fascinante com que foram ordenados os pêlos púbicos femininos (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D4).

Essa pergunta leva a um dos grandes dilemas femininos: para quem as mulheres se produzem? Uma resposta possível: para elas mesmas. Uma resposta de botequim: para competir com as outras. [...] Volto à pergunta: para quem as mulheres querem ser belas? Para quem elas alisam os cabelos, pintam as unhas, fazem botox, lipo, serram narizes, lixam queixos e ficam histéricas com uma tal celulite? [...] Tenho uma hipótese: mulheres adoram revistas. Desde as leitoras de Machado de Assis e Flaubert [...] mulheres passam horas com uma revista no colo. [...] Minha tese: mulheres querem ser iguais às de suas revistas, por acreditarem que assim é que são elas, assim elas devem ser (Marcelo Rubens Paiva – O Mapa das Minas – Anexo F1).

Esses trechos questionam a busca das mulheres pela aparência perfeita, conforme as regras da moda. A influência da mídia é mencionada – e ela realmente desempenha um papel importante na manutenção da relação mulher/corpo –, mas os autores não chegam a discutir o porquê dessa influência. Temos visto que a mídia, juntamente com outras instituições, é responsável pela produção, divulgação e manutenção de um discurso regulatório, normativo, que é internalizado pelos sujeitos.

As mulheres, portanto, não seguem os padrões das revistas simplesmente porque querem, ou porque são facilmente influenciáveis. Há um padrão de beleza que é imposto, que dita que as mulheres devem ser de determinada forma (preferencialmente brancas – mas douradas pelo sol –; de cabelos lisos – mas com um certo volume –; magras – mas com curvas sensuais – sem marcas ou sinais no corpo – talvez só uma “pintinha grudada pouco acima do lábio superior de uma boca carnuda”). Às mulheres não é permitido engordar ou envelhecer. Elas são julgadas com muito mais rigor que os homens quando fogem dos padrões de beleza e atratividade. Os homens se perguntam o porquê dessa busca pela aparência perfeita, mas são eles mesmos que exigem esse tipo de mulher nas revistas, como podemos ver em algumas cartas dos leitores:

[Luize Altenhofen] Linda, sexy, atraente, simpática, encantadora, humilde, não gosta de badalações... Poderiam me beliscar? Não são muitas qualidades reunidas numa só mulher? Se isso for verdade, ela é uma mulher simplesmente maravilhosa, *no sentido mais amplo da palavra*, é claro!

[Resposta] Bota *ampla* nisso (VIP, n.229, maio.2004, p.18; grifo nosso) [A carta do leitor veio acompanhada de uma foto da modelo de costas e seminua].

Não pude compreender a capa da última edição: Leila do vôlei, com a deusa de ébano Solange BBB como mero recheio? Por que não o contrário??? Solange é uma figura popular, bonita e, desculpem-me pela forma de me expressar, gostosa. Queremos a Sol na capa da VIP. (VIP, n.233, set.2004, p.22).

Eu e meus amigos chegamos à conclusão (6 votos a 2) de que a Cicarelli é, sim, uma linda mulher. Mas, comparada com a Tânia Kalil, falta-lhe aquele “algo mais”: o olhar malicioso sem ser vulgar; a pose dengosa, mas natural; a sutil certeza de que se é linda. Cicarelli é como uma Ferrari com motor de Van, como uísque 8 anos em garrafa de scotch 30, como requeijão de copo em embalagem de catupiry. Maravilhosa, mas falta something else... (VIP, n.235, nov.2004, p.22).

Devido a esses discursos (não só os da mídia) que constroem o corpo feminino, as mulheres, atualmente, têm dispensado ainda mais tempo ao tratamento e à disciplina de seus corpos, na busca de um ideal de beleza homogeneizante que, no entanto, modifica-se sempre. Trata-se de uma busca sem fim que obriga as mulheres a se guiarem pelos ditames da moda e a se transformarem em *corpos dóceis*, ou seja, aqueles corpos que estão habituados ao controle externo, à vigilância, à sujeição, ao aperfeiçoamento. Susan Bordo (1997) afirma que

“induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos o sentimento e a convicção de carência e insuficiência, a achar que nunca somos suficientemente boas” (BORDO, 1997, p.20). Essa carência “natural” e permanente das mulheres é retratada em uma explicação de por que elas não separam sexo de amor, em duas razões para elas traírem e uma para elas tomarem a iniciativa na paquera:

[Opinião levantada pela colunista] ‘Porque homem faz carinho pra ter sexo e mulher faz sexo pra ter carinho. *No fundo, é carência mesmo*. E não adianta dar um poodle pra gente que não resolve’ (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G4; grifo nosso).

[Opiniões levantadas pela colunista] ‘Pra se acharem de novo interessantes, bonitas, queridas...’
 ‘Só o espelho não resolve. *A gente precisa buscar no outro a confirmação do nosso poder de beleza e sedução*’ (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G1; grifo nosso).

[Opinião levantada pela colunista] ‘Pode ser tamponamento de *carência*, para aquelas mocinhas que têm uma vida uó’ (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G3; grifo nosso).

Além disso, a preocupação com a aparência, que afeta muito mais as mulheres, “pode ocorrer como fenômeno de ‘recuo’, reafirmando as configurações de gênero existentes *contra* quaisquer tentativas de substituir ou transformar relações de poder” (BORDO, 1997, p.20-21). Em outras palavras, essa prática torna as mulheres pessoas muito mais voltadas para a automodificação que para o social, o que caracteriza uma tentativa de fazer as mulheres retrocederem ao espaço privado, ocupando menos o público.

Em um outro texto, encontramos uma discussão um pouco mais questionadora e reflexiva sobre a constituição do corpo das mulheres e de sua docilidade.

[...] intestino feminino é um inferno: saiu de casa trava. É só comer um torresminho, trava. Viajou com o namorado e a pousada tem parede fina entre o quarto e o banheiro, trava [...]. Vou ser clara: acho que a culpa pelo funcionamento precário do nosso aparelho digestivo é de vocês, homens. Toda de vocês. Desde pequenininhas nossos papais e mães nos disseram para jamais soltar pum sonoro, sair à francesa para ir ao banheiro (como se fosse algo tão secreto e obscuro quanto os bastidores do PT) e deixar cheiro de lavanda no ar depois da nossa passagem. E vocês acreditaram que somos assim, perpetuando essa atrocidade peristáltica! Para alguns marmanjos, mulher é uma espécie transgênica de Barbie que não secreta [...]. Mas, enquanto meninos foram incentivados pelos amigos espírito de porco a fazer campeonato de arrote e descobrir quem peidava mais alto, nós tínhamos que inventar um método de o xixi não fazer barulho quando batesse na água. Tantos anos depois da liberação feminina, e a bendita ainda não chegou aos irmãos Grosso e Delgado (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A8).

A construção é performativa, mas não se trata da reiteração – que não é uma simples repetição – apenas de atos de linguagens. A reiteração de gestos e de outros atos

corporais é requerida com o propósito de se construir e manter o corpo das mulheres, de docilizá-las. Esse fragmento nos revela o quanto o corpo feminino é controlado, regrado, limitado, até mesmo naquilo que lhe parece ser mais natural: sua anatomia, sua fisiologia. Ele nos revela como, através de um discurso performativo, reiterativo, as normas são incorporadas e passam a expressar a causa de um certo “jeito de ser”. Sendo assim, a docilidade das mulheres e de seus corpos é naturalizada e os processos de construção e manutenção da subordinação são ocultados.

As identidades de gênero são formadas a partir de uma base patriarcal, que prende a mulher ao corpo, explicando-a através dele. Em nossa sociedade o corpo é visto, muitas vezes, de forma negativa, uma vez que, ao ser representado e construído como essência da mulher, liga-se à natureza, à capacidade de reprodução e amamentação e é considerado como algo frágil, desregado, não-confiável, que necessita de proteção e está sujeito a várias intrusões que estão fora do controle do consciente. O corpo feminino é, então, usado para explicar a condição de opressão vivida pelas mulheres. Percebemos isso em uma das colunas analisadas, quando se enumeram razões para a mulher não separar sexo e amor:

Por ter necessidade de proteção, de segurança, de continuidade. Vai que a gente engravida nessa noite. Quem vai assumir? O pé da cama? (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G4).

Se as mulheres são atreladas ao seu corpo, sua relação com a mente, por outro lado, é comumente negada, como podemos perceber no trecho seguinte que fala de um estereótipo: as mulheres são incapazes de compreender filmes e, por isso, *ficam perguntando* o tempo todo.

[Pedido da namorada] Quero ver filme de amor, sentar bem lá na frente e vou ficar perguntando tudo o que eu não entender, tá? Você engole seco, lembrando-se do último filme de suspense que vocês viram juntos. Ela não entendeu nada e perguntou, e você atrapalhou todo mundo tentando explicar e quase apanhou (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G6).

Quanto às mulheres inteligentes, elas são vistas como sérias – para não dizer mal-humoradas – e perdem parte da graciosidade feminina.

Ah, as burrinhas... Generalizadas no imaginário como louras, podem ser morenas, gordas, magras, altas – as combinações são incalculáveis, principalmente para o cerebrozinho delas. E podem ser deliciosas. Três vivas às mulheres burras, que delas será o reino dos céus. [...] De que vale um intelecto diante de uma pintinha grudada acima do lábio superior de uma boca carnuda? [...] elas [as mulheres burras] gostam de sorrir. Algumas, inclusive, são engraçadíssimas. [...] Na verdade, quem mais odeia as burras são as próprias mulheres. E não acho difícil que, por mais inteligente

que seja uma mulher, no fundo sinta uma pontinha de inveja delas (Cínara Menezes – A Cúmplice – Anexo E1).

Além de certa interdição à inteligência feminina, há ainda uma infantilização das mulheres:

Talvez, ao querer ser sabida demais, a mulher perca um pouco daquela inocência, tão graciosa, que todas um dia tivemos (Cínara Menezes – A Cúmplice – Anexo E1).

[...] acho bem esquisito essas meninas (independentemente da idade que tenham, continuam meninas) [...] (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A4).

Já os homens, que são ligados à mente, têm seu corpo interditado. Butler (2003), ao discutir o trabalho de Simone de Beauvoir, afirma a respeito do sujeito masculino abstrato e de sua (não) relação com o corpo:

Esse sujeito é abstrato na medida em que repudia sua corporificação socialmente marcada e em que, além disso, projeta essa corporificação renegada e desacreditada na esfera feminina, renomeando efetivamente o corpo como feminino. Essa associação do corpo com o feminino funciona por relações mágicas de reciprocidade, mediante as quais o sexo feminino torna-se restrito a seu corpo, e o corpo masculino, plenamente renegado, torna-se, paradoxalmente, o instrumento incorpóreo de uma liberdade ostensivamente radical (BUTLER, 2003, p.31).

Na seção Atitude essa interdição do corpo masculino é mostrada claramente:

[...] *discussão efeminada* em torno dos metrossexuais
 [...] não dá pra levar a sério homem que faz a sobrelha com pinça como se fosse uma *debutante*, o rosto embevecido diante do espelho indefeso.
 [O jogador de futebol inglês, David Beckham, um metrossexual que é considerado um símbolo sexual da atualidade] *depõe contra* o bom gosto e a *virilidade* dessa geração (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D1; grifo nosso).

Ao eliminar as diferenças entre elas e nós, a metrossexualidade *rebaixa*, ao mesmo tempo, o homem e a mulher. [...] *nós homens involuímos*. [...] Já somos escravos de demasiadas coisas, como as contas no final do mês, ou os almoços nos fins de semana na casa da sogra maledicente, ou ainda os pedidos de empréstimo dos queridos amigos eternamente insolventes, para que nos deixemos algemar também por um jogo de batom e pó-de-arroz. Ou pela *imagem desvirilizada* de nós mesmos (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D1; grifo nosso).

Preocupar-se com a aparência é atividade tida como tipicamente feminina e, por isso, “depõe contra a virilidade”. Se o homem cuida de sua aparência, realiza atividades e adquire características consideradas próprias das mulheres o que, para o homem, é um rebaixamento, uma involução. Esses enunciados revelam a idéia da superioridade masculina,

além da impossibilidade de se assumir novos comportamentos, violando as regras que determinam como cada gênero deve ser.

Por outro lado, os homens manifestam interesse pelo seu corpo e pela sua aparência (alias, quem nos mostra isso é o mesmo colunista das citações anteriores):

[O que os homens esperam encontrar nas revistas masculinas] Quero roupas que provem que minha beleza não é apenas interior (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2).

Como já foi discutido no capítulo 2, a revista VIP afirma ter visões múltiplas acerca da masculinidade, porém tal pluralidade aparece nas seções da revista destinadas ao consumo. Quando a pluralidade não se relaciona ao consumo, ela se liga a aspectos de uma masculinidade tradicional, naturalizada e essencializada, com forte apelo à sexualidade. Em outras palavras, as mudanças em relação à masculinidade tradicional aparecem como estratégias de conquista: os homens querem se cuidar, estar bem vestidos para o momento da paquera. Um outro exemplo dessa “pluralidade interesseira” pode ser visto em uma carta de um leitor, já apresentada no capítulo 2. O leitor mostra-se indignado em relação à postura do colunista, que critica homens que cozinham e diz que “os segredos da cozinha [são] sempre uma das melhores receitas para se conquistar uma gata” (VIP, n.231, jul.2004, p.14).

Em outro momento, um outro colunista chega a discutir essa alienação do homem em relação ao seu corpo:

Quando o assunto é sexo [...] tenho uma frase pronta [...]: ‘Amigos, sabemos tudo sobre o Tratado de Tordesilhas e nada sobre o sêmen!’[...] mais do que um espantoso jogo de palavras, a frase é ferozmente crítica quanto à alienação do nosso próprio corpo a que somos submetidos na família em que vivemos e na escola onde estudamos. Tanto em uma quanto na outra instituição, fala-se muito sobre o Tratado de Tordesilhas e praticamente nada sobre o sêmen (Tenzin Chopell – Mantraman – Anexo B1).

Esse fragmento revela ainda o quanto o conhecimento que temos sobre o corpo é histórica e culturalmente construído por instituições generificadas. A escola e a família, citadas no trecho acima, são responsáveis, juntamente com outras instituições, pela materialização dos corpos nesses termos – de corporificação e subordinação das mulheres e descorporificação e abstração dos sujeitos masculinos.

Como podemos perceber, se as mulheres são ligadas ao corpo e sua relação com a mente é negada, os homens experimentam uma situação oposta: a eles o corpo é interditado e a mente, ou seja, a inteligência, o conhecimento são valorizados. A idéia de superioridade

intelectual masculina deve ser mantida mesmo que seja apenas aparentemente. Por isso, os homens buscam nas revistas indicações de equipamentos tecnológicos e de produtos culturais (livros, filmes), mesmo que não os consuma.

[O que os homens esperam encontrar nas revistas masculinas] Quero gadgets, cervejas e até livros. E aceito indicações de filmes iranianos e indianos, mesmo que jamais vá vê-los (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D2).

Para atrair as mulheres, o atributo mais importante que os homens devem demonstrar é a inteligência. Se nas mulheres a burrice chega a ser desejável, neles ela é imperdoável:

Nessas horas [na paquera], o homem quer impressionar com o que tem de melhor: o papo. Sim, me desculpem *rapazes*, mas em vocês *a burrice é imperdoável* (Cínara Menezes – A Cúmplice – Anexo E1; grifo nosso).

Os homens não sabem mais seduzir. Sei lá se isso é culpa do excesso de praticidade da época na qual vivemos ou se é inaptidão pura. [...] Se esperamos brilhantismo chicobuarqueano numa cantada? Ih, não nos resta esperança suficiente para isso. Basta não sermos surpreendidas por atos estapafúrdios, português assassinado e cérebro vazio. E não se trata de romantismo: queremos é inteligência agindo em prol da libido, sabe como é? (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A2).

Através de atos performativos que garantem inteligibilidade e coerência cultural aos corpos, através de discursos que naturalizam seus limites, posturas e relações, determina-se um espaço do corpo e para o corpo cujas fronteiras não são completamente materiais: elas delimitam aquilo que é socialmente hegemônico.

A construção do corpo e do gênero é feita por uma série de exclusões e negações que produzem a identidade nos termos de uma heterossexualidade idealizada e compulsória. Esse processo tem como efeito uma falsa estabilização do gênero, em uma relação direta entre sexo, gênero e sexualidade, com o propósito de se regular a sexualidade a favor de um domínio reprodutor. Só que o gênero não decorre necessariamente do sexo, assim como a sexualidade não decorre necessariamente do gênero. Quando essas discontinuidades – ou “incoerências” – se revelam, o ideal regulador da coerência heterossexual mostra-se, então, como realmente é, uma norma interdutora do campo sexual e não uma descrição da identidade generificada.

3.2.2. O gênero e a sexualidade

Existe uma crença na relação coerente entre sexo biológico, identidade de gênero e desejo sexual. Essa crença baseia-se no ideal da heterossexualidade como normalidade e é utilizada para explicá-lo. Esse ideal não se restringe ao relacionamento entre os sexos/gêneros opostos, ele se estende à necessidade de amor romântico, de reprodução e de constituição de famílias. Em uma coluna de Gisela Rao – a Mulher Maravilha – ela busca “nos recônditos do universo feminino” o porquê de as mulheres não separarem amor e sexo como os homens o fazem.

[...] os homens têm um compartimento cerebral que separa amor de sexo maior que o nosso. [...] Mulher beija, gama. Mulher anda de mão dada, gama. Mulher ganha flanelinha no posto de gasolina, gama. [...] *Somos românticas e queremos AMOOOOR!* [sic] O.K., queremos sexo também, mas queremos tudo junto que nem aquela embalagem executiva de fast-food chinês, que vem o arroz de um lado e o frango xadrez do outro (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G4; grifo nosso).

[Opiniões levantadas pela colunista] ‘Quem separou o amor do sexo foi o homem. Na verdade, o belo está justamente em os dois andarem juntos. Talvez por isso o homem nunca se satisfaça e procure sempre mais e mais’.

‘Acho que a mulher não tem tanto tesão no cara se não estiver envolvida. É diferente dos homens’.

Porque as mulheres são muito apegadas.

‘Ah, porque transando sem amor a gente se sente usada. E ainda por cima de graça’.

(Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G4).

O ideal romântico, principalmente quando ele se relaciona à sexualidade, é normalmente visto como uma característica feminina natural e essencial (além do apego, da sensibilidade etc.) e, por isso, as mulheres não separam sexo e amor. E mais, como pertence às mulheres a possibilidade/capacidade de engravidar, elas são mais dependentes do amor que garantirá proteção, apoio etc. para si e para suas crias. A mulher é socialmente constituída dessa forma – sensível, dependente – e são justamente as normas regulatórias que ditam que às mulheres não é permitido separar sexo de amor.

Aliás, em um artigo feito sob a forma de crônica, um “homem que entendia as mulheres” recomenda a outro que ele prometa se comprometer com a mulher para ter relações sexuais com ela, devido justamente a essa dependência feminina do relacionamento amoroso.

Conheci uma garota, me apaixonei, mas ela não dá para mim. Ela não tem tesão por mim? [...] [Resposta do “homem que entendia as mulheres”] Ela o adora. Até demais. Tem medo de dar pra você e de você não gostar. Só há um jeito. Dê um anel de presente. Fique noivo dela (Marcelo Rubens Paiva – O Mapa das Minas – Anexo F3).

Quando se fala em sexualidade, a masculina é construída socialmente como aquela que tem a iniciativa, aquela que se apodera unilateralmente do outro, conforme afirma

Lia Zanotta Machado (1998). O lugar masculino, ou seja, a representação da virilidade, é o lugar da iniciativa sexual. Como sexo, gênero e sexualidade são constituídos em termos de oposição e de exclusão, o espaço da mulher é o da passividade. Se aos homens cabe a iniciativa, a paquera, às mulheres está reservado o espaço da sedução. Em vários textos analisados, contudo, percebemos que há uma certa mudança nos papéis desempenhados durante a conquista e uma transformação no comportamento sexual, principalmente das mulheres.

É a mulherada que anda tarada mesmo, partindo para o ataque e deixando a defesa descoberta. Mas por quê?

[Opiniões coletadas pela colunista] ‘Será que a mulher está tarada mesmo ou são os homens que não estão sabendo lidar com essa nova mulher, que a cada dia descobre mais seu corpo e suas formas de sentir prazer’?

‘Porque elas estão se conhecendo melhor e aprendendo a feliz arte do gozo (antes dominada apenas pelos homens)’.

‘Porque estão em busca do tempo perdido’.

‘Porque elas sacaram que é ótimo perder tempo pensando em sexo e não em coisinhas pequenas que só fazem as mulheres ficar mais irritadas e mais neuróticas’ (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G3).

Pare para pensar um minutinho só e talvez você chegue à conclusão de que *as mulheres estejam partindo pro ataque não apenas por compulsão para seduzir mas também por não serem adequadamente atacadas*. [...] É o triunfo da velha regra: se quer que algo saia bem feito, faça você mesmo. Porque é imensamente mais gostoso deixar um homem abobado que suportar um bobo bancando o homem. (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A6; grifo nosso).

As mulheres agora tomam a iniciativa porque conquistaram maior liberdade em diversas esferas da vida social, inclusive mais direitos sexuais, e, por isso, alguns comportamentos não são mais privilégios da masculinidade. O último exemplo, por outro lado, não reforça a idéia de maior liberdade feminina. Como podemos perceber nesse trecho, a iniciativa, característica da virilidade, deve partir dos homens. Às mulheres isso só é permitido quando os homens não cumprem adequadamente seu papel.

Em um outro momento, uma colunista discute, apresentando a opinião de outras mulheres, porque elas fingem orgasmo, revelando a idéia de submissão e passividade femininas (contrárias à iniciativa masculina):

[Opiniões coletadas pela colunista] ‘Pra dar ao homem a sensação de que está fazendo o trabalhinho dele direito’

‘Porque não têm coragem de pedir para os homens fazerem o que elas gostam. São umas goiabas’

‘Porque, às vezes, o homem quer de qualquer jeito, e a gente não quer de jeito nenhum. Aí acaba dando uma cancha’

‘Pra não perder o bofe. Elas querem dizer que têm prazer, principalmente se o bofe for rico. Perder a mordomia e a academia não dá, né, meu bem???’

Segundo a ‘eu’ [a colunista], é porque a mulherada acha que, para o homem, sexo é igual futebol. Ou seja: se não tem gol, não tem graça (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G5).

Da mesma forma, um dos motivos de a mulher querer ter relações sexuais duas vezes seguidas é a passividade e a necessidade de satisfazer o parceiro:

Porque achamos (pobres de nós) que a segunda vez é o tiro de misericórdia e que eles ficarão completamente apaixonados (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G2).

As referências à maior liberdade feminina reaparecem em outra coluna em que se discute por que as mulheres traem:

[Opiniões coletadas pela colunista] ‘porque querem fazer um exercício de liberdade, já que não estão mais economicamente presas ao homem’
 ‘Agora temos dinheiro para pagar o motel’
 ‘Descobriram que sempre é tempo de ser feliz’
 Eu [a colunista], humildemente, já acho que elas pulam a cerca porque a oferta tá maior. E a culpa, bem menor... (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G1).

As conquistas femininas que garantem às mulheres mais direitos e mais liberdade aparecem freqüentemente nos textos, entretanto as referências são ambíguas ou seguidas de um *porém*.

Parece que, agora, a coisa se inverteu. Não que as mulheres estejam traindo mais que os homens, mas que estão traindo cada vez mais, ah, estão, sim. A diferença é que elas não alardeiam tanto o crime quanto eles (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G1).

Se a situação se inverteu, isso significa que as mulheres traem mais que os homens. Ou não? Quando se diz que a única diferença entre o comportamento masculino e o feminino é o “alarde”, antigos estereótipos são invocados: para os homens a traição reforça a virilidade, por isso a exibição é permitida; as mulheres, por outro lado, além de não poderem exercitar a sexualidade dessa forma também são consideradas mais falsas, mais dissimuladas.

Em outro texto, uma colunista fala da liberdade sexual da mulher. As decisões sobre seu corpo e seu comportamento sexual pertencem a ela, porém a liberdade não é irrestrita (como a dos homens), pois isso seria ofensivo para as próprias mulheres – em outras palavras, as mulheres podem tudo o que quiserem, mas não podem querer tudo.

[Início do texto] Mulher que é mulher dá pra quem ela quiser. Aliás, nem perde tempo pensando nesse assunto, porque é algo tão natural e simples na sua vida quanto escovar os dentes ou ir ao cinema. [...]

[Final do texto] Mas veja bem: dar pra quem quiser não significa passar o rodo no time de basquete inteiro ou em toda sua turma de amigos, não. Isso é falta de respeito consigo mesmo (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A4).

Como os exemplos apresentados vêm nos mostrando, as relações sexo/gênero/sexualidade são naturalizadas. Daniel Welzer-Lang (2001) diz que há um paradigma que cria uma idéia de superioridade natural dos homens, o que leva à dominação masculina, ao sexismo e às “fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino” (WELZER-LANG, 2001, p.460).

Quando pensamos na dominação masculina e na sexualidade, as mulheres são submetidas aos desejos masculinos, às suas fantasias e ao erotismo pornográfico tido/produzido como tipicamente masculino.

Duas fantasias masculinas são discutidas em dois artigos da colunista Gisela Rao: “Adão, Eva e Evelyn” – publicado em outubro de 2004 (Anexo G6) – sobre ter relações sexuais com duas mulheres; e “Cucurucucu, Paloma” – de dezembro de 2004 (Anexo G8) – sobre sexo anal. A colunista apresenta diferentes razões para as mulheres não quererem atender às fantasias de seus parceiros. Tais razões, entretanto, aparecem como problemas que as mulheres devem resolver – sentimento de posse, baixa auto-estima, etc.

[...] pura posse! O homem é meu, ninguém tasca, eu vi primeiro. [...] Acaba sendo uma mistura de posse com insegurança e baixa auto-estima (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G6).

Uma outra solução (para os homens) é eles atenderem a determinadas expectativas femininas para, então, poderem “conquistar novos territórios”. O que não é questionado nos textos é o motivo de os homens precisarem ter esses desejos satisfeitos, e ainda mais importante, o porquê de o “não” das mulheres ser visto de forma quase patologizada.

Em relação à pornografia, Marcelo Rubens Paiva discute, em um artigo, a possibilidade de ela ser realizada por mulheres, a fim de atender aos desejos eróticos femininos, atitude que, segundo ele, poderia modificar a indústria pornográfica.

Mulher gosta de filme pornô? Assiste para aprender uns truques? Sente prazer? Há diretoras atrás das câmeras da indústria do pornô? Não ouvi falar. Se houvesse, tais filmes seriam diferentes dos dirigidos pelos homens? Com certeza. [...]

[Quem aluga filmes pornográficos?] homens, héteros e gays, e casais. Mas é sempre o homem. Por que nunca as mulheres? Problema cultural? Nadica. Porque tais filmes são feitos por eles, para eles. Se alguém quer faturar bastante, uma dica: comece a produzir filmes dirigidos por mulheres, para elas. [...] Já é hora de a mesmice dos filmes pornô ir para o ralo (Marcelo Rubens Paiva – O Mapa das Minas – Anexo F2).

O fato de as mulheres não procurarem pessoalmente os filmes pornográficos não é considerado pelo colunista um problema cultural, mas o fato de esses filmes serem voltados para o público masculino com certeza tem causas culturais e históricas. Aliás, o prazer sexual era mais um dos privilégios masculinos e às mulheres cabia satisfazer a seus parceiros, para, a partir disso, satisfazerem-se também. Em outras palavras, “a mais nobre ação de uma mulher está em perceber o que interessa a seu homem e ajustar-se a isso”.

Em um artigo, outro colunista – Juan Iglezias – até critica a existência dos “manuais de preliminares” feitos por mulheres incapazes de chegar ao orgasmo pela via “rápida e simples”. No trecho em questão, percebemos claramente uma referência ao prazer sexual genital, idealizado pela psicanálise. Além disso, práticas que garantam o prazer sexual feminino são consideradas enfadonhas, escravizadoras e uma ameaça ao prazer masculino.

Os manuais de preliminares são *um perigo para o nosso prazer*. [...] As receitas severas de preliminares se tornaram sinônimo de *práticas extenuantes e enfadonhas*. Viraram manuais repletos de regras impostas por mulheres incapazes de chegar ao orgasmo pela via rápida e simples. [As preliminares] são *regras escravizadoras*. [...] O sexo não admite cálculos. O sexo não admite reflexões sobre quantas etapas você já percorreu no manual de preliminares. Se você espera dela, ansioso, a autorização para enfim entrar no templo das delícias, você perdeu o melhor. Você foi robotizado (Juan Iglezias – O Homem Mais Irado da Cidade – Anexo D5; grifo nosso).

Em diversos textos, contudo, esse tipo de comportamento masculino é criticado. Quando se explica por que as mulheres estão tomando iniciativa na conquista, por que elas traem ou por que elas querem ter relações sexuais consecutivas, o desempenho sexual dos homens é questionado:

[Por que as mulheres estão tomando a iniciativa] Porque agora que os homens começaram a nos manusear direito, queremos é mais (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G3).

[As mulheres traem porque] Os homens são umas lesmas e só ficam espertinhos na hora H, mas aí já estamos brochadas... (Gisela Rao – Mulher Maravilha – Anexo G1).

Elas sempre querem dar a segunda [porque] geralmente não ficam satisfeitas com a primeira porque o mocinho só pensa no próprio prazer. E querem tentar a segunda

pensando que, talvez, consigam chegar ao orgasmo (se é que eles sabem o que é isso) (Gisela Rao –Mulher Maravilha – Anexo G2).

Além da dominação masculina, Welzer-Lang (2001) fala sobre um outro paradigma naturalizado: a visão heterossexuada do mundo, segundo a qual a sexualidade considerada “normal” e “natural” é a que orienta os desejos dos homens em relação às mulheres e os das mulheres em relação aos homens. De acordo com esse paradigma, a heterossexualidade é constituída como uma instituição, que organiza as formas do sentir, do pensar, do viver a sexualidade. O que não se encaixa nos padrões da heterossexualidade é condenado a habitar regiões do proibido, do interditado, do patologizado ou, até mesmo, do invisível.

A heterossexualidade se caracteriza por ser, não um conjunto de comportamentos normais e naturais, mas um conjunto de normas e regras baseadas em discursos científicos e sustentadas por instituições como a família, a escola, a religião e a lei. A heterossexualidade é utilizada na regulamentação de outras práticas da vida social como o casamento, a herança, a criação de filhos etc.

Em vários textos analisados, mesmo quando não encontramos referências explícitas às identidades de gênero essencializadas, à naturalização do sexo/gênero ou à coerência entre esses dois elementos e a sexualidade, percebemos a presença das grades regulatórias da matriz heterossexual e da heterossexualidade compulsória. Os relacionamentos amorosos ou sexuais são sempre vistos como heterossexuais, como dois textos que falam sobre casamento.

Um motorista de táxi [...] contou que estava casado desde os 20 anos [...]. E estava louco de vontade de se separar [...]. A gota d’água: a mulher simplesmente virou evangélica radical (Cynara Menezes – A Cúmplice – Anexo E2).

O segundo casamento me deu a lição que me fez uma mulher menos encanada e briguenta e muito mais zen: se ele solta pêlo, bem que eu posso calçar os chinelos (Ailin Aleixo – A Mulher Honesta – Anexo A3).

Em outros textos, mesmo se não se fala em casamento, os desejos, as expectativas, os sentimentos são sempre orientadas ao sexo oposto:

Eu queria de qualquer maneira: ‘Ali está, a minha mulher. É ela!’ (Tenzin Chopell – Mantraman – Anexo B2).

Mas o mais sublime e urgente dos recados eu ainda estou esperando. [...] É um recado dela. Sabe ela? (Tenzin Chopell – Mantraman – Anexo B4).

Sou completamente apaixonado por uma pessoa. [...] Quanto aos seus defeitos: ela é egoísta num volume ensurdecedor (Tenzin Chopell – Mantraman – Anexo B5).

A passagem do homem à vida adulta, ou seja, sua iniciação sexual – e heterossexual – também são relatadas em um texto de Fabio Hernandez:

Alguns lugares marcam a vida de um homem por diversas razões. Aquela cidade selou minha passagem para a vida adulta. [...] Foi nela que as mulheres passaram a despertar um interesse bem mais concreto e menos ingênuo em mim. Lembro uma visita, a primeira em minha vida, à zona (Fabio Hernandez – O Homem Sincero – Anexo C2).

Em apenas um enunciado encontramos uma possibilidade de referência à homossexualidade masculina, pois ele utiliza, simultaneamente, as formas gramaticais do masculino e do feminino, ao falar sobre *os/as parceiros/as* sexuais de um homem. Apesar de se tratar de um evento isolado, não pode ser desprezado, pois representa espaço de contestação, de resistência ou, no mínimo, de visibilidade.

Hoje, para um cidadão comum, não há muita escolha em relação ao que fazer com seu sêmen: ou ele o ejacula por meio do sexo com *um(a) parceiro(a)* ou o faz manualmente (Tenzin Chopell – Mantraman – Anexo B1; grifo nosso).

Com base nessas análises, podemos concluir que a performatividade do gênero não pode ser teorizada à parte da prática forçada e reiterativa dos regimes sexuais heterossexuais – normativos e compulsórios – que circunscrevem, contornam e delimitam a materialização do corpo e do sexo e constroem as grades regulatórias da sexualidade. As descrições da agência do sujeito que assume um gênero inteligível na sociedade por meio desses discursos e desses poderes não podem ser combinadas com voluntarismo ou individualismo e de forma alguma pressupõem um sujeito que escolhe.

Durante a materialização das normas, ocorrem processos de identificação por meio dos quais as normas são assumidas (ou seja, o indivíduo adquire um gênero reconhecido pela sociedade e se torna um sujeito também reconhecido). Essas normas são reguladas por discursos e, se a apropriação de um gênero, a materialização do sexo e o exercício da sexualidade não estiverem de acordo com os preceitos da sociedade, os corpos podem ser abjetados ou deslegitimados e fracassam como corpos.

Os processos identificatórios possibilitam a formação de um sujeito, mas não são, rigorosamente falando, performados por um sujeito (daí percebemos uma diferença entre performance e performatividade, pois a primeira está ligada ao sujeito individual e a segunda,

não). Outra diferença reside no fato de que o gênero, como discutimos, é constituído performativamente por meio de discursos que vão sendo incorporados pelo sujeito, ao longo de sua existência. As marcas da incorporação dessas normas revelam-se na exterioridade do gênero, ou seja, no corpo, mantendo a ilusão de essência. Os sujeitos podem até revelar essas marcas do gênero em seus corpos, em seus gestos, em seus atos (inclusive os de fala) por meio de uma performance. Não podemos, contudo, confundir a performance com voluntarismo, pois o gênero depende da performatividade dessas normas. Em outras palavras, dependem da reiteração desses atos que limitam e restringem a performance dos sujeitos.

Finalmente, podemos retornar a alguns questionamos feitos no início deste capítulo: nos textos da seção Atitude, a concepção de identidade baseia-se na estabilidade, na fixidez, na coerência? As identidades de gênero são retratadas como sendo homogêneas ou plurais? Agora podemos concluir que, mesmo que a revista tente reproduzir um discurso homogeneizante, a identidade não é nuclear, essencial. A identidade é fragmentada e isso se reflete nos textos. Só que os discursos normatizadores, que constituem performativamente os sujeitos, já foram e continuam sendo internalizados por esses mesmos sujeitos, tanto autores/as quanto leitores/as. Os discursos repetem-se só que, por serem performativos, às vezes fracassam e possibilitam resistência. Nesse momento aparecem as incoerências, as ambivalências, o que, contudo, não invalida a força desses discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] acho que está na hora de trocarmos alguns pilares da sociedade em que vivemos. Do contrário, corremos o risco de rastejar indefinidamente e jamais deixar de ser esses répteis com contas bancárias e sobancelhas. E que ficam repetindo roboticamente a data do Tratado de Tordesilhas. Evoluir é abrir os olhos.

(Mantraman – Tenzin Chopell – VIP, n.231, jul.2004, p.123)

Qual a utilidade de um estudo como este? Muitas pessoas podem perguntar: “*Como isso vai mudar minha vida?*” Difícil dizer. Este trabalho não terá resultados práticos, como aumentar a produtividade de uma indústria ou produzir celulares ainda menores e com mais funções. Não haverá apresentação de novos medicamentos nem de meios de se poluir menos. O que fizemos aqui foi pensar. Pensar, refletir sobre o uso da linguagem, as distinções de gênero, as relações sociais.

Não somos répteis com contas bancárias e sobancelhas. Somos seres complexos que vivem intrincadas relações sociais e de poder. Relações essas que são produzidas, mantidas e manifestadas por meio da linguagem nas diversas instituições. Perceber tais relações já pode ser suficiente para começarmos a compreender nossa condição (enquanto seres falantes) de seres lingüisticamente ativos e, por isso, responsáveis e, ao mesmo tempo, lingüisticamente dependentes e vulneráveis.

Somos dependentes da linguagem, pois é por meio de um ato de fala interpelativo que temos garantida nossa existência social, que somos reconhecidos como sendo mulheres ou homens. E continuamos vulneráveis aos termos da linguagem, a novos chamamentos que acontecerão ao longo de nossa existência social. Se é através de um ato de fala inaugurativo que passamos a existir enquanto sujeitos, não possuímos uma essência que possa ser descrita, expressa ou revelada. Da mesma forma, nosso gênero não pode ser pensado à parte da prática forçada e reiterativa dos regimes heterossexuais regulatórios. O gênero é uma performance repetida – performance que tanto produz o gênero quanto possibilita a força de sua

permanência – e seus vários atos (ritualizados e convencionais) criam a ilusão de uma identidade essencial, coerente e fixa.

A partir do momento em que somos nomeados/as, nós nos tornamos capazes de nomear os outros também. O ato de fala interpelativo inaugura a agência lingüística. Isso acontece, entretanto, através de termos convencionais. A visão performativa da linguagem implica uma estrutura de citação e de reiteração. E, se somos agentes, somos também responsáveis pelo uso que fazemos da linguagem, pela forma que a (re)utilizamos. Não podemos, contudo, pensar em voluntarismo. Não há voluntarismo quando utilizamos a linguagem, quando operamos o poder derivado do ato interpelativo nem quando assumimos um gênero, justamente porque nossa performance é limitada pela citação e reiteração das marcas lingüísticas. Em outras palavras, a performatividade impede que haja voluntarismo.

A revista VIP, como vimos, trabalha com um discurso hegemônico, repetindo idéias naturalizadas e essencializadas sobre o que deve ser a feminilidade e a masculinidade, a fim de garantir a inteligibilidade dos gêneros, arranjados de forma oposicional e hierarquizada. Isso significa que o discurso da revista é marcado pela reiteração, por essa razão, nem sempre o que é dito parece ser o mesmo, ou ser, de fato, uma repetição. A naturalização e a estereotipização podem ser tanto explícitas como não-explícitas, além de acontecerem em graus diferentes.

Dessa maneira, a revista participa do processo contínuo de generificação dos sujeitos. Desde aquele primeiro enunciado realizado pelo médico (“*é uma menina*” ou “*é um menino*”), os sujeitos são repetidamente interpelados para que continuem, permanentemente, vivendo de acordo com a matriz heterossexual e com a idéia de coerência entre os corpos sexuados, as identidades de gênero e o desejo sexual. David Córdoba Garcia (2003) afirma que:

considerar a interpelação e a constituição subjetiva em termos de performatividade implica rechaçar uma aproximação descritivista a toda identidade. O que acaba unindo um nome (gay, lésbica, mulher, classe operária etc.) a um conjunto de sujeitos não é uma série de traços essenciais que eles compartilham e os quais são invariáveis no tempo, mas o ato mesmo de sua nomeação ou identificação com esse nome (GARCIA, 2003, p.91)²⁹.

²⁹ “Considerar la interpelación y la constitución subjetiva en términos de performatividad implica rechazar una aproximación descriptivista a toda identidad. Lo que acaba uniendo a un nombre (gay, lesbiana, mujer, clase obrera, etc.) con un conjunto de sujetos no son una serie de rasgos esenciales que comparten todos ellos y que son invariables en el tiempo sino el acto mismo de su nominación o identificación con ese nombre” (GARCIA, 2003, p.91).

Os sujeitos, no entanto, não são meros efeitos de poder porque também operam esse poder. Qual seria, então, a real possibilidade de agência? Até que ponto os sujeitos são agentes, se são dependentes e vulneráveis a uma linguagem preexistente?

Na VIP percebemos que os/as colunistas manifestam uma certa ambivalência ao confrontarem posições que vão ao encontro dos preceitos essencialistas e outras que vão de encontro a eles. Sabemos que as identidades e os corpos são constituídos socialmente, mas, normalmente, eles são retratados como naturais. O que acontece na coluna analisada é que, em alguns momentos, os/as próprios/as colunistas esboçam uma discussão sobre a existência desse processo de constituição. Acreditamos que isso mostra claramente que a identidade não é nuclear nem imutável e que, se o gênero é performativo, ele pode ser infeliz, ou seja, pode não se conformar com o discurso hegemônico. É justamente quando esse discurso é infeliz, quando ele falha, que se abre a possibilidade para resistência, para luta ou, no mínimo, para ambigüidades e incoerências.

Em suma, o sujeito é constituído pelos termos da linguagem, mas o ato de fala interpelativo nem sempre se realiza com sucesso. Tanto o ato de interpelação quanto o fracasso desse ato ocorrem dentro dos limites do discurso hegemônico e regulatório. Em outras palavras, “resistência e dominação estão implicadas e talvez até sejam impossíveis de se distinguir uma da outra” (BUTLER, 2005, p.259). Dessa forma, tanto a vulnerabilidade quanto a agência lingüísticas realizam-se simultaneamente, não podendo ser separadas com exatidão.

Nosso objetivo, então, era este: pensar a linguagem onde ela está, onde ela é, onde ela acontece. Apoiamo-nos na concepção performativa da linguagem e nos estudos de gênero para tentarmos perceber como somos constituídas/os mulheres e homens pela linguagem. Por acreditarmos no aspecto relacional do gênero, tentamos discutir questões referentes tanto à masculinidade como à feminilidade por que o gênero (além de relacional) é constituído como sendo binário, opositivo e hierárquico. Não acreditamos, porém, que homem e mulher constituam as duas faces de uma mesma moeda. Essa oposição representa uma hierarquia e uma ordem de subordinação, mas não buscamos neutralizar a dicotomia, muito menos invertê-la. O que queríamos era tentar analisar a estrutura – mesmo fazendo parte dela – na qual a dicotomia realiza-se e perceber que o deslocamento é possível.

Retomando as perguntas iniciais, qual seria a utilidade de um estudo como este? Perceber que a linguagem faz, e faz muito mais do que imaginamos. É através de um ato de fala interpelativo, ato que é realizado por meio dos termos da linguagem, que nos tornamos

sujeitos, reconhecíveis, inteligíveis. Quanto à outra indagação, se este trabalho pode mudar a vida de seus/suas possíveis leitores/as, continua sendo difícil responder.

Para que um trabalho como este modifique a vida das pessoas é preciso se pensar a linguagem mais amplamente. Butler (2005) afirma que há muito na linguagem ordinária que restringe nosso pensamento – sobre o que é uma pessoa, o que é o sujeito, o que o é gênero, o que é a sexualidade etc. E, como ela continua, só poderemos lutar contra essas limitações, ou ao menos, só poderemos trabalhar dentro de seus limites, se percebermos as formas através das quais a linguagem tanto produz quanto restringe nossa concepção sobre o que é o mundo, sobre o que somos nós.

Portanto, precisamos ver a linguagem com outros olhos, sob outro prisma. Devemos estudá-la, discuti-la onde ela está, onde ela se realiza: em meio às relações sociais e de poder. Para que as pessoas, que são constituídas pela linguagem e que agem através de seus termos, tornem-se mais críticas, a lingüística também deve ser crítica. É na lingüística que encontramos espaço para discutirmos linguagem; linguagem em sua completude, não sob um ou outro aspecto apenas. Em outras palavras, não podemos nos limitar ao estudo de verbos e sufixos, se a lingüística, além de ser o estudo da linguagem, é também o estudo daquilo que fazemos com ela – e daquilo que ela faz conosco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Oxford/New York: Oxford University Press, 1976.
- BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da femininidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alison, M. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.19-41.
- BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. La vida psíquica del poder. Teorias de la sujeción. Introducción. In *Feminaria*. n.22/23, 1999, p.1-13.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J; SALIH, S. (Edição). *The Judith Butler reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- FELMAN, S. *Le scandale du corps parlant: Don Juan avec Austin ou La séductions en deux langues*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.
- FOUCAULT, M. Poder e saber. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b, p.224-240. (Coleção Ditos e escritos IV).
- GARCIA, D. C. Identidad sexual y performatividad. *Athenea Digital*. n.4, 2003, p.87-96.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. In: *Educação e realidade*. v. 20, n.2, 1995, p. 101-131.
- MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. In: *Cadernos PAGU*. v. 11, 1998, p.231-273.

MONTEIRO, M. S. A. Masculinidade em revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, Campinas, 2000.

OTTONI, P. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

RAJAGOPALAN, K. Dos dizeres diversos em torno do fazer. In: *D.E.L.T.A.* v. 6, n. 2, 1990, p.223-254.

RAJAGOPALAN, K. O Austin do qual a lingüística não tomou conhecimento e a lingüística com a qual Austin sonhou. *Cad. Est. Lin.* v. 30, 1996, p. 105-116.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e realidade*. v. 20, n.2, 1995, p. 71-99.

THOMPSON, J. B. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*. v. 9, n.2, 2001, p.460-481.

Sites

http://elle.abril.com.br/midia_kit/nova/edicoes.html << acesso em 01/02/06

<http://publicidadeabril.com.br> << acesso em 04/05/06

<http://publicidade.abril.com.br/geral-circula%C3%A7%C3%A3o-revista.php> << acesso em 04/05/06

<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=53> << acesso em 04/05/06

http://publicidadeabril.com.br/geral_perfil_leitor.php << acesso em 04/05/06

Revista VIP

VIP. São Paulo: Abril. n. 225, jan.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 226, fev.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 227, mar.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 228, abr.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 229, maio.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 230, jun.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 231, jul.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 232, ago.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 234, out.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 235, nov.2004, mensal.

VIP. São Paulo: Abril. n. 236, dez.2004, mensal.

Seção *Atitude da Revista VIP*

ALEIXO, Ailin. Parada obrigatória. *VIP*, n.229, p.143, maio.2204.

ALEIXO, Ailin. Gol no segundo tempo. *VIP*, n. 230, p.132, jun.2004.

ALEIXO, Ailin. Meninas, Baixem a faca!. *VIP*, n. 231, p.124, jul.2004.

ALEIXO, Ailin. Quilometragem livre. *VIP*, n. 232, p.144, ago.2004.

ALEIXO, Ailin. Imperfeito, graças a Deus. *VIP*, n. 233, p.144, set.2004.

ALEIXO, Ailin. Pode xavecar. Mas com classe, please. *VIP*, n. 234, p.144, out.2004.

CHOPELL, Tenzin. Pelo direito de não ejacular. *VIP*, n. 231, p.123, jul.2004.

CHOPELL, Tenzin. Cale a boca. *VIP*, n. 232, p.143, ago.2004.

CHOPELL, Tenzin. O telefone tocou? Não atendo. *VIP*, n. 234, p.142, out.2004.

CHOPELL, Tenzin. Tô dominado. *VIP*, n. 235, p.148, nov.2004.

HERNANDEZ, Fabio. Minha tia amada. *VIP*, n. 236, p.138, dez.2004.

IGLEZIAS, Juan. A pinça e o macaco. *VIP*, n. 229, p.146, maio.2004.

IGLEZIAS, Juan. Receitas no lixo. *VIP*, n. 230, p.138, jun.2004.

IGLEZIAS, Juan. Queremos mulheres!. *VIP*, n. 231, p.126, jul.2004.

IGLEZIAS, Juan. Triângulo sagrado. *VIP*, n. 232, p.146, ago.2004.

IGLEZIAS, Juan. Sexo Zen. *VIP*, n. 233, p.146, set.2004.

IGLEZIAS, Juan. A mulher e a natureza. *VIP*, n. 234, p.146, out.2004.

MENEZES, Cynara. Que venham as burrinhas!. *VIP*, n. 229, p.144, maio.2004.

MENEZES, Cynara. Pelo direito de ejetar a patroa. *VIP*, n. 230, p.134, jun.2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. Viajando no silicone. *VIP*, n. 229, p.142, maio.2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. Yeesss! Oohhh! Uhhh!! (Versão sexo frágil). *VIP*, n. 230, p.130, jun.2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. O homem que entendia as mulheres. *VIP*, n. 231, p.122, jul.2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. O outro. *VIP*, n. 232, p.142, ago.2004.

PAIVA, Marcelo Rubens. Um de 40 ou dois de 20?. *VIP*, n. 233, p.140, set.2004.

RAO, Gisela. Costurar pra fora. *VIP*, n. 229, p.145, maio.2004.

RAO, Gisela. Por que parou? Parou por quê?. *VIP*, n. 230, p.136, jun.2004.

RAO, Gisela. Taradas à solta. *VIP*, n. 231, p.125, jul.2004.

RAO, Gisela. Fêmea gama. E ponto final. *VIP*, n. 232, p.145, ago.2004.

RAO, Gisela. Teatrinho na cama. *VIP*, n. 233, p.145, set.2004.

RAO, Gisela. Adão, Eva e Evelyn. *VIP*, n. 234, p.145, out.2004.

RAO, Gisela. WC, vulgo women conference. *VIP*, n. 235, p.152, nov.2004.

RAO, Gisela. Cucurucucu, Paloma. *VIP*, n. 236, p.136, dez.2004.

ANEXOS

ANEXOS

Textos da coluna Atitude

Colunista A

Anexo A1. ALEIXO, Ailin. Parada obrigatória. *VIP*, n.229, p.143, maio.2204.

Anexo A2. ALEIXO, Ailin. Gol no segundo tempo. *VIP*, n. 230, p.132, jun.2004.

Anexo A3. ALEIXO, Ailin. Meninas, Baixem a faca!. *VIP*, n. 231, p.124, jul.2004.

Anexo A4. ALEIXO, Ailin. Quilometragem livre. *VIP*, n. 232, p.144, ago.2004.

Anexo A5. ALEIXO, Ailin. Imperfeito, graças a Deus. *VIP*, n. 233, p.144, set.2004.

Anexo A6. ALEIXO, Ailin. Pode xavecar. Mas com classe, please. *VIP*, n. 234, p.144, out.2004.

Anexo A7. ALEIXO, Ailin. Tudo sobre meu pai. *VIP*, n. 235, p.150, nov.2004.

Anexo A8. ALEIXO, Ailin. Hermeticamente fechado. *VIP*, n. 236, p.134, dez.2004.

Colunista B

Anexo B1. CHOPELL, Tenzin. Pelo direito de não ejacular. *VIP*, n. 231, p.123, jul.2004.

Anexo B2.CHOPELL, Tenzin. Cale a boca. *VIP*, n. 232, p.143, ago.2004.

Anexo B3.CHOPELL, Tenzin. Me, myself and I. *VIP*, n. 233, p.142, set.2004.

Anexo B4.CHOPELL, Tenzin. O telefone tocou? Não atendo. *VIP*, n. 234, p.142, out.2004.

Anexo B5.CHOPELL, Tenzin. Tô dominado. *VIP*, n. 235, p.148, nov.2004.

Anexo B6.CHOPELL, Tenzin. E a chuva trouxe Regina de volta. *VIP*, n. 236, p.133, dez.2004.

Colunista C

Anexo C1. HERNANDEZ, Fabio. Os amigos. *VIP*, n. 235, p.154, nov.2004.

Anexo C2. HERNANDEZ, Fabio. Minha tia amada. *VIP*, n. 236, p.138, dez.2004.

Colunista D

Anexo D1. IGLEZIAS, Juan. A pinça e o macaco. *VIP*, n. 229, p.146, maio.2004.

Anexo D2. IGLEZIAS, Juan. Receitas no lixo. *VIP*, n. 230, p.138, jun.2004.

Anexo D3. IGLEZIAS, Juan. Queremos mulheres!. *VIP*, n. 231, p.126, jul.2004.

Anexo D4. IGLEZIAS, Juan. Triângulo sagrado. *VIP*, n. 232, p.146, ago.2004.

Anexo D5. IGLEZIAS, Juan. Sexo Zen. *VIP*, n. 233, p.146, set.2004.

Anexo D6. IGLEZIAS, Juan. A mulher e a natureza. *VIP*, n. 234, p.146, out.2004.

Colunista E

Anexo E1. MENEZES, Cynara. Que venham as burrinhas!. *VIP*, n. 229, p.144, maio.2004.

Anexo E2. MENEZES, Cynara. Pelo direito de ejetar a patroa. *VIP*, n. 230, p.134, jun.2004.

Colunista F

Anexo F1. PAIVA, Marcelo Rubens. Viajando no silicone. *VIP*, n. 229, p.142, maio.2004.

Anexo F2. PAIVA, Marcelo Rubens. Yeesss! Oohhh! Uhhh!! (Versão sexo frágil). *VIP*, n. 230, p.130, jun.2004.

Anexo F3. PAIVA, Marcelo Rubens. O homem que entendia as mulheres. *VIP*, n. 231, p.122, jul.2004.

Anexo F4. PAIVA, Marcelo Rubens. O outro. *VIP*, n. 232, p.142, ago.2004.

Anexo F5. PAIVA, Marcelo Rubens. Um de 40 ou dois de 20?. *VIP*, n. 233, p.140, set.2004.

Colunista G

Anexo G1. RAO, Gisela. Costurar pra fora. *VIP*, n. 229, p.145, maio.2004.

Anexo G2. RAO, Gisela. Por que parou? Parou por quê?. *VIP*, n. 230, p.136, jun.2004.

Anexo G3. RAO, Gisela. Taradas à solta. *VIP*, n. 231, p.125, jul.2004.

Anexo G4. RAO, Gisela. Fêmea gama. E ponto final. *VIP*, n. 232, p.145, ago.2004.

Anexo G5. RAO, Gisela. Teatrinho na cama. *VIP*, n. 233, p.145, set.2004.

Anexo G6. RAO, Gisela. Adão, Eva e Evelyn. *VIP*, n. 234, p.145, out.2004.

Anexo G7. RAO, Gisela. WC, vulgo women conference. *VIP*, n. 235, p.152, nov.2004.

Anexo G8. RAO, Gisela. Cucurucucu, Paloma. *VIP*, n. 236, p.136, dez.2004.

Parada obrigatória

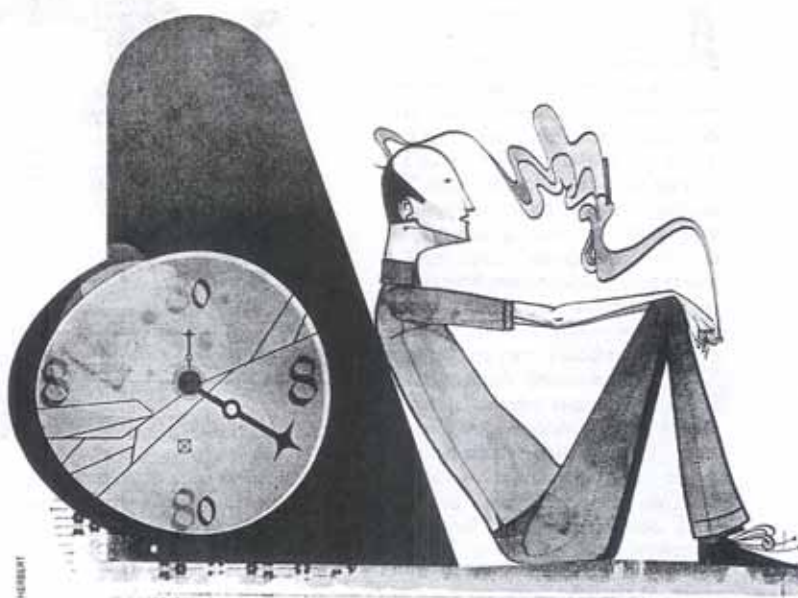
Às vezes, distanciar-se é a melhor coisa que você pode fazer

Eu compreendo se você estiver ensandecido de raiva ou imerso até o nariz numa vontade irreprimível de voar na jugular de alguém: já tive ímpetos parecidos. Várias vezes, aliás. Mas, antes de explodir feito terrorista árabe, dê uns passos pra trás e tente, com todas as suas forças, se colocar fora da situação por 2 segundos que seja. Analise a cena com distanciamento, como se você não fosse protagonista (ou não estivesse revoltado por ser coadjuvante). Posso dizer com segurança: momentos de recuo, na guerra ou na vida, são primordiais em qualquer boa estratégia. Ou simplesmente se fazem presentes, sem nenhuma educação, passando por cima de nossa vontade – mesmo assim, continuam sendo estarrecidamente úteis: nos forçam a ver a situação sob outro prisma, com menos bile e, por isso mesmo, mais fria e racionalmente.

Depois de um período no ponto morto, a retomada do movimento nunca é insípida: ou ela nos faz enxergar a placa de "rua sem saída" que teimávamos em não ver ou, feito polimento em prata, devolve o brilho ao que o tempo havia enegrecido. Talvez por isso alguns casais só se entendam realmente depois de um período separados: o lado frio na cama, a falta da recriminação pela maionese mal tampada na geladeira, a sensação estranha de chegar em casa e a luz da sala não estar acesa, o ritual matutino, tudo torna outra proporção. O que era cotidiano agora é saudade. Ficar um tempo sem quem se ama pode provocar verdadeiros milagres na dinâmica de um casal (e na solo também). Por isso, nunca mais critiquei esse papo de "dar um tempo": é incrível como, com o passar dos anos, passamos a usar cada vez menos a frase "que coisa ridícula"...

TENTE UM MONET

Depois de chorar afluentes e mais afluentes do Amazonas por encerrar tu-



do na base do 8 ou 80, fiz um pacto comigo mesma: toda vez que algo (ou, mais usualmente, alguém) está prestes a me enlouquecer, lembro-me do ditado chinês "O lugar mais escuro é sempre debaixo da lâmpada" e me retiro de mim por nanossegundos (o máximo que consigo). Vejo a cena de cima, como se fosse uma alma desencarnada observando os coitados presos ao corpo. E, na maioria das vezes, não é preciso mais do que um piscar de olhos para que eu perceba a estupidez da situação e me pergunte: "Isso vale mesmo uma úlcera?" A verdade é que nada vale. Nada é importante o bastante para nos tirar do sério. Relativize, torne sua existência e seu coração mais leves e trate de ser feliz, porque ninguém fará isso por você.

A "técnica" mais eficiente para lidar com situações adversas, eu aprendi

com um senhor que caminhava ao meu lado numa exposição do Monet. Enquanto eu passava, inquieta, de tela pra tela, ele se detinha longos minutos em cada uma, recuava alguns passos, mudava de ângulo, observava as cores, os traços. Calmamente. Pessoas passavam por ele, irritadas, comentando o que tanto o velhinho via naquele monte de borrões impressionistas. Enquanto os outros perdiam tempo criticando-o e reclamando da temperatura do ar condicionado, aquele senhor vivia sensações pessoais e intransferíveis, compartilhadas apenas pelos tons de Monet. Ele via o mesmo que todos, mas enxergava algo único.

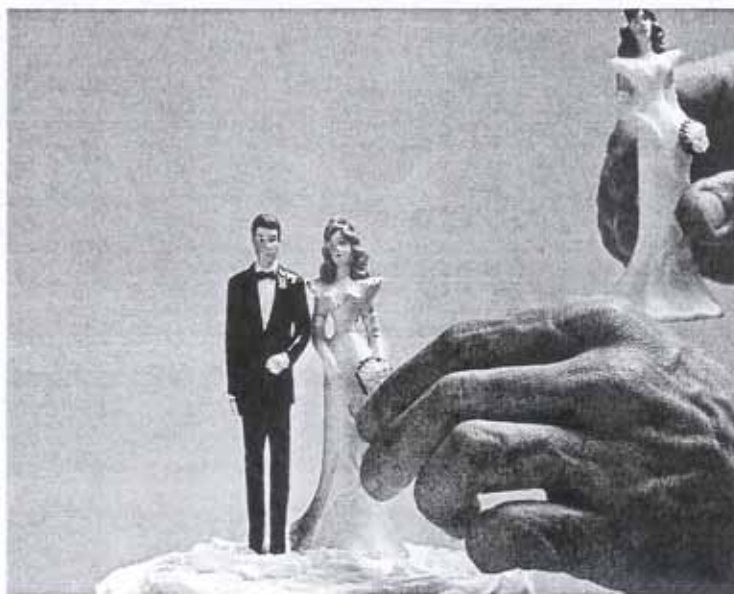
O negócio é o seguinte: o importante não é só para onde você olha, mas como olha. Porque ser feliz, no final das contas, não é questão de sorte ou azar. É questão de perspectiva. ■



:: A MULHER HONESTA POR ALIN ALEIXO alinaleixo@abril.com.br

GOL NO SEGUNDO TEMPO

PERDEU NO PRIMEIRO? CASE DE NOVO E VIRE O JOGO



Meu marido solta pêlo: os azulejos brancos do chão do banheiro ganham, toda manhã, desenhos abstratos feitos de pequenas espirais negras que insistem em grudar no meu pé (só ando descalça em casa e sempre termino com coisas estranhas entre os dedos). É tão peculiar que merecia ser instalação da Bienal.

Eu tenho mania de limpeza.

Uma das minhas gatas, toda vez que não posso (ou não quero) dar carinho a ela, vai direto pra pia do banheiro e, em ato de protesto, faz cocô. Daqueles inspirados.

Ele, até pouco tempo, desprezava felinos.

Ele tem um filho de pouco mais de 1 ano, que, de 15 em 15 dias, passa o final de semana com a gente.

Eu, até ontem, gostava de criança a cinco quarteirões de distância.

A família dele é grande e adora passar feriados na chácara, à beira da piscina, fazendo

churrasco e tomando cerveja.

Eu tenho tendência à solidão.

Ele ama carros, guitarra e motos.

Eu, televisão, livros e Woody Allen.

No carro, ouve Iron Maiden no último volume.

Eu ouço John Pizzarelli, baixinho.

Tínhamos tudo pra dar errado. No entanto, damos certo.

Tínhamos tudo pra nem pensarmos em uma vida em comum, mas ambos trazem algo em si que nos fez rir das (aparentemente) problemáticas diferenças e construir uma deliciosa vida juntos: estamos no segundo casamento.

A vitória da esperança sobre a experiência? Pode até ser, mas prefiro acreditar que se trata mais de ter aprendido, com o dia-a-dia, que se ater a detalhes dissonantes é um atalho bom à beça pro precipício. Viver com alguém é muito mais do que compartilhar experiências passadas comuns: é ter o desejo quase

incontrolável de ter experiências futuras comuns. Não é pensar ter encontrado quem louve tudo o que amamos e odeie tudo o que desprezamos — isso é narcisismo, não casamento. Estar casado é respeitar os maus humores, deixar passar comentários sabidamente imbecis ou atitudes impensadas. É gostar de acordar ao lado, respeitar o desejo de solidão ocasional (e não tomar isso como uma confissão de repulsa). Estar casado é saber a hora de prestar atenção e o momento de se fingir de morto.

Chinelinho zen

O segundo casamento é mais leve, apesar de ambos terem mais carga. Traz o medo de repetir os erros do primeiro, mas também a vontade de não os cometer. Aumenta a maleabilidade e diminui a petulância. Dá a dimensão exata do que é compartilhar a vida com alguém — e também a noção de que a mesma não acaba se essa pessoa for embora.

O segundo casamento ri de si mesmo porque sabe que isso é bem melhor do que chorar ou xingar.

Ele carrega o know-how do primeiro e preserva a inocência do "para sempre".

Jamais me casei pensando em me separar, nem sou daquelas que constroem muros emocionais para se proteger da vulnerabilidade que o amor carrega; apenas sou prática e crêdula o bastante pra sacar que, se uma coisa acaba, é porque outra vai começar. Outra melhor, mais completa. Não somos obrigados a acertar de primeira, e não é nenhum demérito tentar de novo. Não é nenhum pecado ser feliz, mesmo se a pessoa que viveu conosco ainda acreditar piamente nisso.

O segundo casamento me deu a lição que me fez uma mulher menos encanada e briguenta e muito mais zen: se ele solta pêlo, bem que eu posso calçar os chinelos.

A Mulher Honesta também está na internet.

Confira: <http://mulherhonesta.sites.uol.com.br>



:: A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@uol.com.br

MENINAS, BAIXEM A FACA!

FÊMEAS QUE PENSAM APENAS EM GUERREAR DEVIAM PERCEBER O QUANTO SÃO PATÉTICAS

Só há uma coisa mais ridícula do que fazer tudo para agradar: fazer tudo para desagradar. Parece estranho, mas está cheio de gente assim — mulher assim, principalmente. O que é uma tremenda babaquice: por que a necessidade de demonstrar, a todo instante, essa independência absoluta? Talvez porque o feminismo nos tenha feito acreditar que só somos dignas quando nos opomos integralmente às expectativas dos machos, quando deixamos bem claro que não somos cachorrinhos controláveis e estamos mais para gatos indomáveis. Porque a queima dos sutis incutiu a mensagem de que o poder (seja lá o que isso signifique) só será nosso quando oprimirmos quem nos oprimiu e, aí, riremos o delicioso riso do descaso. Enfim, porque o feminismo nos tornou idiotas extremistas, machistas às avessas.

Cansei de ouvir histórias de casamentos detonados pelo excesso de "masculinidade" feminina. Mulheres que se negavam a fazer um risotinho, mesmo adorando cozinhar: isso é coisa de Amélia. Recusavam-se raivosamente a transar quando ele tomava a iniciativa: isso é submissão. Gritavam de ódio com a mera menção "querida, traz uma cerveja?", mesmo se estivessem ao lado da geladeira: isso é coisa de empregada. Não cogitam a hipótese de criar os filhos sem babá full time: isso é coisa do tempo da avó. Ela tem muito mais a fazer do que trocar fralda, tem uma vida para ser vivida, cuidadosamente planejada, e não pretende interrompê-la por causa de choros histéricos nas madrugadas. E assim essas mulheres conseguiram uma façanha: congregar o pior dos dois sexos. Uniram o egoísmo masculino à mesquinha feminina.

Se é reconhecimento o que querem, mereciam mesmo ganhar um prêmio.

Paz e amor na Faixa de Gaza

Sou o protótipo de mulher independente: pago tudo o que consumo, cuido da minha vida financeira (mal, mas cuido), tenho minha carreira, projetos, objetivos. Jamais cogitei a hipótese de depender de marido ou lavar cueca, mas adoro quando cozinheiro e noto que ele curte meu tempero. Se ele quer transar e estou nos meus dias "putz, como sou gostosa" (não que isso ocorra muito...), viro uma devassa louca. Sabendo que ele gosta de determinada marca de cerveja, não me custa nada comprá-la quando vou ao supermercado. Não tenho filhos, mas curto brincar com meu enteado, fazer cócegas, dar banho e presenciar momentos e sorrisos que jamais voltarão. Gosto de ser mulher e não fico incomodada com minhas características intrínsecas; acho natural a tendência a ser emotiva, carinhosa, protetora, a gostar de mimo. Sinto-me à vontade com meu sexo.

Passou da hora de as mulheres ultrapassarem a crença burra de que só serão respeitadas ao se comportar como um exército sempre disposto a atacar. A vida não é a Faixa de Gaza. Os fatos me ensinaram (cedo, ainda bem) que só serei feliz no instante em que olhar para um homem e vir alguém com tantos defeitos, rancores, sonhos e encrencas quanto eu. Alguém de quem não preciso me defender porque não constitui ameaça (não os trato como carrascos, talvez por isso não seja tratada como presa). Alguém que pode estar comigo ou passar pela minha vida sem deixar vestígio. Simples assim.

Só uma coisa pode ser mais ridícula do que fazer tudo para agradar: repelir quem quer nos dar amor, seja lá pelo motivo que for.

A Mulher Honesta também está na internet.
Confira: <http://mulherhonesta.sites.uol.com.br>





:: A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@abril.com.br

QUILOMETRAGEM LIVRE

SUA NAMORADA RODOU MAIS QUE TAXISTA ENDIVIDADO? AGRADEÇA AOS CÉUS



Mulher que é mulher dá pra quem ela quiser. Aliás, nem perde tempo pensando nesse assunto, porque é algo tão natural e simples na sua vida quanto escovar os dentes ou ir ao cinema. Por isso, acho bem esquisito essas meninas (independentemente da idade que tenham, continuam meninas) cheias de preocupação, lendo livros e fazendo contas (primeiro encontro, terceiro, 12º?) para descobrir o momento ideal de arriar a calcinha de renda. Saturno e Vênus deverão estar alinhados conspirando para um acontecimento pós-transcendental. Parece que elas são oferendas pra Quetzalcoatl! Acorda, galera, é só sexo! Passional, carnal e intempestivo como deve ser. Deixem as contas pro IBGE, as regras de bom comportamento para os colégios de freira, e vivam. Compre camisinhas e mandem bala (desculpe discordar de você aí

do lado, Rao Rao, mas não acho que sexo tenha a ver com andar de mãos dadas, não).

Apesar da aparente modernidade, tem muita mulher regulada por aí. E não porque não sinta vontade de liberar: esse motivo é respeitável. É porque tem medo do que os outros vão falar, mesmo. Medo do que o cara vai pensar dela, vê se pode. Se uma garota teme o juízo que o cidadão vai fazer dela depois do bundalele, é um aviso dos céus de que não deve dar pra ele de jeito nenhum—a menos que goste de transar com babacas moralistas. Eu, hein!

Jamais me preocupei com o que o vizinho, o porteiro ou qualquer terceiro pensam de mim: se eles não têm nada mais importante pra fazer do que vigiar a vida alheia, pobres deles. O problema é que nossa sociedade é, feito lençol freático, permeada por um moralismo mais contaminador que dengue e,

quando você menos espera, se pega censurando a conduta dos outros igualzinho sua avó. Comportamento herdado, sabe? Pior que isso, comportamento arcaico. Ou patético.

Um namorado, há tempos, precisava de um bom advogado (não lembro mais pra quê). Indiquei um grande amigo meu. Ele foi ao escritório do cara, curtiu a postura profissional dele e acabou fechando negócio. Meses depois, vendo o álbum do meu aniversário de 20 e poucos anos, o cidadão teve um surto porque deparou com uma foto minha dando um beijão no meu amigo, agora seu advogado.

"Você deu pra ele?!"

"Ué, dei. Na época, claro."

"E ainda diz que é amigo?! Você fica trepando com tudo quanto é amigo, é? E me faz fechar negócio com um cara que te comeu?!"

Porrada! Porrada!

Olha, sinceramente, homem que fica encanado com a vida sexual pregressa da namorada precisa tomar surra de frigideira pra parar de ser besta. O mais engraçado é que os machos rodados se acham os Tiger Woods do sexo (acertam o buraco cada vez com mais distinção), mas as mulheres viram roupa comprada em brechó. Ah, faça-me o favor. Dou o que é meu e ninguém tem nada a ver com isso. E, aliás, o número de pessoas que passaram pela minha cama, ou pela dela, não te interessa, não altera a Bovespa nem a minha personalidade ou valor. Muda, isso sim, a experiência. O que é, a meu ver, ótimo: ter referencial é algo valiosíssimo nestes dias de propaganda enganosa...

Mas veja bem: dar pra quem quiser não significa passar o rodo no time de basquete inteiro ou em toda sua turma de amigos, não. Isso é falta de respeito consigo mesma. Porque, como disse Leila Diniz a um babacão que, depois de tomar um sonoro fora, a chamou de vagabunda: "Querido, posso dar pra todo mundo, mas não pra qualquer um".

Isso é que é mulher.



:: A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@abril.com.br

IMPERFEITO, GRAÇAS A DEUS

CHEGA DE ACREDITAR QUE SÓ É DIGNO DE ATENÇÃO QUEM RECORRE À LIPO PARA ESCULPIR O CORPO

Outro dia, vi aquele programa da MTV *I Want a Famous Face*. Dois irmãos gêmeos queriam ficar com a cara do Brad Pitt. Tudo o que conseguiram foi ficar com a cara do Brad Pitt – só que de um desenhado por uma criança de 3 anos. No outro episódio, o sonho da garota era virar a Pamela Anderson. Veja só: ela queria ter a fuça de alguém que já parece um genérico de fêmea produzido em laboratório. Mas, enfim, foi lá, colocou silicone, injetou gordura na boca para ficar com aquela expressão eterna de tédio de mulher em capa de filme pornô e saiu esfuziante. Finalmente, não era mais ela mesma.

Até onde vai chegar essa falta de amor por si próprio, essa negação de si mesmo?

Não existe mais lugar para o imperfeito.

Algo nos faz acreditar que só seremos dignos de atenção, de amor, se tudo em nós for acertado, milimetricamente dimensionado, duro e liso. A mentira das fotos de revista virou verdade: não importa que aquelas coxas magníficas da fulana e a barriga de tanque do sicrano foram resultado de horas e horas de correção por computador; o que importa é o que se vê. E isso assusta, porque é meio difícil ficar igual a algo que não existe. A realidade sempre estará aquém do referencial. Pior: o real esvaziou-se de importância. Não interessa se você tem dinheiro, cultura, sucesso. Interessa, isso sim, se aparenta ter.

Cada vez mais gente troca a individualidade pela aprovação dos outros e se torna um clone fajuto de seres pré-aprovados pela pla-

téia ou uma versão mentirosamente melhorada de si mesmo. Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento.

Bocona da Angelina

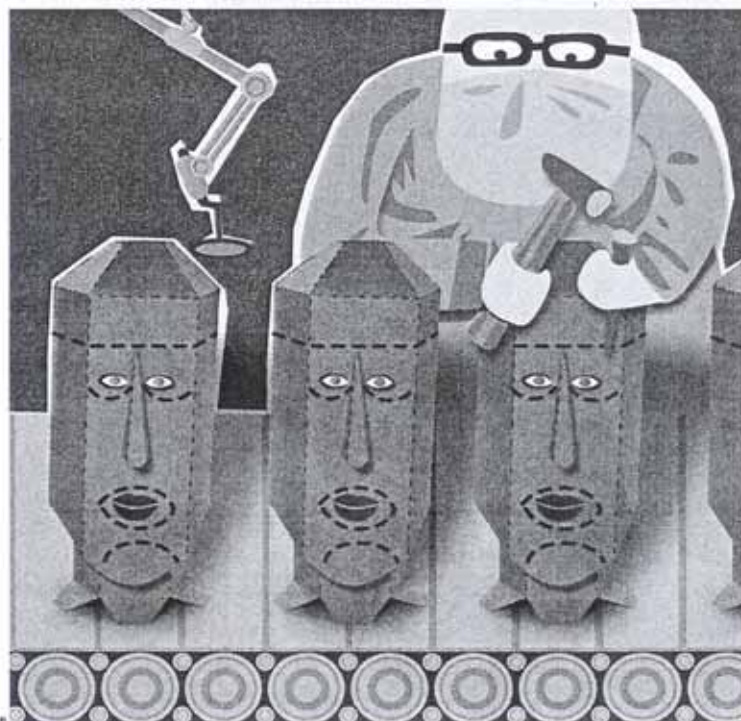
Não vejo problema algum em acertar um nariz torto, levantar peitos caídos. O que me amedronta é essa insanidade que leva a um tipo inêdito e estúpido de mutilação, a mutilação pró-fama. O que são dores, anestesia, o período angustiante de recuperação perante a cara de espanto dos amigos, o despeito das amigas, os futuros flashes? Nem para os índios na época do descobrimento o espelho era tão fascinante. Eles trocavam ouro para ter um pedaço de si refletido. Hoje em dia, troca-se de rosto, de corpo, por elogios, muitas vezes fajutos.

Jamais fomos tão carentes de aceitação. Nunca fomos tão egocêntricos.

Adoraria perder uns quilos. Chegando aos 30, também seria legal dar uma levantada no que a gravidade insiste em abaixar. Mas não deixo de me sentir interessante, sexy, digna de receber carinho e dar amor porque a calça, ocasionalmente, não fecha. Não me acho um lixo porque comprovo diariamente a existência de mulheres muito mais gostosas do que eu. Gosto de ser quem sou e prezo quem tem a mesma relação consigo mesmo – pobres (e chatas) as pessoas que se odeiam por não atender às expectativas alheias.

As débeis que vendem até a alma para ter a bocona da Angelina Jolie ou a cintura da Halle Berry deveriam saber que a primeira se divorciou porque o marido transava até com a fruteira e a segunda vive sozinha porque não controla o próprio ciúme. Ter dimensões e formas idealizadas não livra ninguém da infelicidade. Apenas o transforma num infeliz bonito na foto.

Uma coisa é certa: seríamos muito mais felizes se investíssemos em terapia o que gastamos sugando banha e esticando a cara. ::





:: A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@abril.com.br

PODE XAVECAR. MAS COM CLASSE, PLEASE

NÃO HÁ AFRODISÍACO MELHOR QUE UMA CANTADA CRIATIVA E ELEGANTE



Os homens não sabem mais seduzir. Sei lá se isso é culpa do excesso de praticidade da época na qual vivemos ou se é inaptidão pura. O fato é que aquelas deliciosas meias-palavras, intenções sabidas e não explicitadas, o cuidado de criar algo interessante pra ser dito e feito estão mais raros de encontrar do que corvo albino. Tá tudo muito pá-pum: olhou, se apresentou, elogiou a bunda ou a boca (depende do nível do cidadão) e já vai botando a mão. Putz, coisa tosca! Mulher não é mamão pra se escolher apalpando. Que decepção teria Vinicius de Moraes se visse os marmalhões de hoje em dia... Em vez da *Garota de Ipanema*, a Popozuda. De "teu corpo dourado é mais que um poema, é a coisa mais linda que já vi passar" pra "bate na palma da mão, bate na palma da mão e

rebola o popozão". Uma desgraça completa. E o que aborrece não é a intenção por trás da corte, a mesma para os raros românticos ou os abundantes broncos: traçar a fofa. Isso não tem problema. É, inclusive, divertido – poucas coisas fazem uma cidadã mais feliz do que saber que está matando alguém de tédio mesmo sem fazer nada. O ruim é que o jogo ficou escancarado demais, babacão, sem sal, sabe? O excesso de pragmatismo nessas horas tem o mesmo efeito de parar de blefar no pôquer – retirado o suspense, perde-se toda a graça. Se esperamos brilhantismo chicobuarqueano numa cantada? Ih, não nos resta esperança suficiente pra isso. Basta não sermos surpreendidas por atos estapafúrdios, português assassinado e cérebro vazio. E não se trata de romantismo: queremos é a

inteligência agindo em prol da libido, sabe como é? Coisinhas simples e especiais que fazem um homem sair da multidão para se instalar na nossa cama e, às vezes, na nossa vida. Porque é muito fácil disparar por aí um "sabia que você é gostosa, gata?", mas muito difícil fugir do óbvio – e, quando você faz isso, é sinal de que matou pelo menos um neurônio no processo. Sinal de que ela importa mais do que qualquer uma, ou qualquer outra. É um sinal, e mulheres adoram sinais.

Lírios-brancos

Há muitos anos, fui apaixonada por um cara que trabalhava comigo e, confesso, jamais fui boa em abordagens *tête-à-tête*; sempre preferi as vias indiretas. Depois de algum tempo, e um longo trecho de via indireta, começamos a sair juntos, completamente sem pretensões ou conjugação de verbos no futuro, mas fiquei apaixonada – só que, parecia, estava sozinha nessa. Então, 16 horas antes do Dia dos Namorados, mandei entregarem a ele um lindo e imenso buquê de lírios-brancos com um bilhete: "Quase um presente, quase amanhã, para alguém que é quase meu namorado". Não casamos nem nada, mas tivemos dias deliciosos e até hoje, todas as vezes que nos encontramos, ele relembra o episódio – me instalei definitivamente em sua memória. Não foi no coração, mas já é alguma coisa. Pare para pensar um minutinho só e talvez você chegue à conclusão de que as mulheres estejam partindo pro ataque não apenas por compulsão para seduzir mas também por não serem adequadamente atacadas, por quererem situações como essa para lembrar. É o triunfo da velha regra: se quer que algo saia bem-feito, faça você mesmo. Porque é imensamente mais gostoso deixar um homem abobado do que suportar um bobo bancando o homem. ::



:: A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@abril.com.br

TUDO SOBRE MEU PAI

ERA UM CARA FRIO. NÃO NOS DÁVAMOS BEM. MAS HOJE SEI QUE FIZ POUCO PARA APROXIMÁ-LO DE MIM

Meu pai está morto. Durante 26 anos, nunca tivemos um diálogo decente. Jamais pairou a possibilidade de, com ele, dividir meus sonhos e aspirações – nossa diferença de idade, quatro décadas, aumentou ainda mais a fossa que nossas personalidades e pontos de vista abriram, a marretadas, desde que nasci. Seu jeito autoritário e rude me fez, quantas e quantas vezes, sair chorando e perguntar aos céus por que nada em mim estava à altura dos seus anseios. Só expressava carinho dando dinheiro. Ficava bastante em casa desde que se aposentou, mas era tão presente em nossas vidas quanto o abajur da sala.

E, no meio de uma tarde de setembro, enquanto assistia a seu jornal na TV, ele entrou em coma diabético. Passou semanas no hospital, delirando, amarrado à cama para não se machucar, emagrecendo

assustadoramente, sussurrando palavras incompreensíveis. Eu, meus irmãos e minha mãe nos revezávamos para observá-lo durante a noite, cuidar dele – coisa que ele jamais admitira que alguém fizesse. A primeira vez que passei a madrugada segurando sua mão frágil, olhando seus olhos baços e fundos, foram meus momentos mais repletos de infelicidade e desespero. Ele estava morrendo, e eu nunca havia conseguido expressar o que sentia. Nunca relevei a minha amargura doida pelos seus olhares cortantes e palavras duras. Ele estava morrendo, e só então percebi que tinha um pai de carne e osso, com todas as falhas e virtudes que isso acarreta.

Ele não seria uma presença eterna, sempre ali no sofá a falar mal da humanidade e torcer pelo Palmeiras; era apenas um homem que viveu seus dias da maneira que conseguiu e

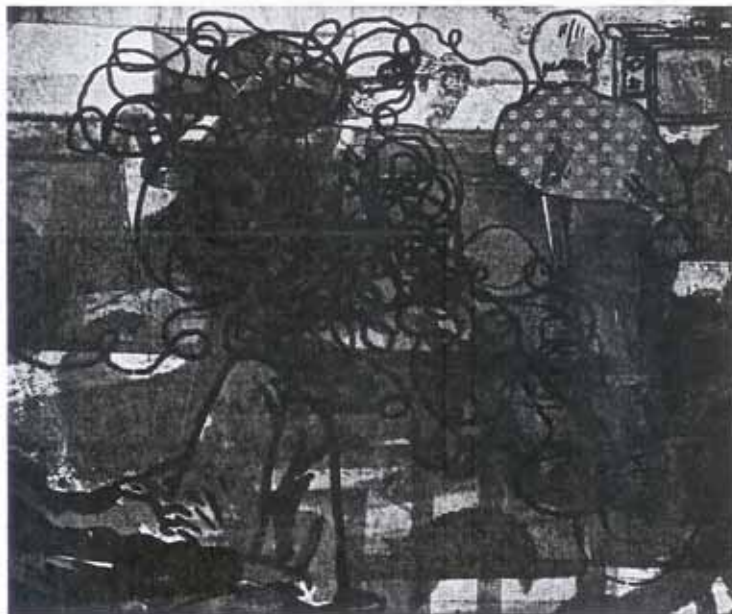
agora definhava, sofria. Apenas meu pai, de quem passei muito tempo desgostando por me censurar em vez de tentar compreender sua forma de amar. Estranha a mim, torta para alguns, mas sua forma.

Sem volta

É triste perceber o que temos só quando já não temos tanto assim. Gastamos o tempo acusando e aborrecendo o outro como forma de punição por ele não ser aquilo que queríamos, mas o tempo não dá *rewind* para que possamos, depois de adquirida certa autocritica e uma visão menos maniqueísta, consertar as burradas. Depois que o relógio marcou meio-dia, esqueça o que você deveria ter feito às 11 horas. E não se trata de ser perdoado ou recordar os instantes mágicos e coisa que o valha: não são placebos que resolvem a vida – e, às vezes, os instantes mágicos nem são tudo isso. Falo sobre olhar para as relações como são de fato: algo construído, ou implodido, a dois. Nunca a culpa ou as bênçãos são de um só. Nunca.

Desde criança, aprendemos a passar a culpa para a frente: foi o irmão mais novo, o amigo, o cachorro. Ninguém gosta de resolver as próprias questões porque isso exige algo bem mais dolorido que uns tapas na bunda; exige olhar para si mesmo e procurar as razões dos atos e omissões, às vezes bem menos coloridas e bem mais enterradas do que parecem. Meu pai era frio e distante, mas será que eu realmente fiz algo para trazê-lo pra perto? Ou me defendi sendo ainda mais arredia do que ele?

Já faz dois anos que ele se foi. Hoje sei, o amo, mas não sinto mais falta do que costumava sentir quando vivo nem visito o cemitério como forma de catar-se pessoal. Não nos dávamos bem e isso não mudou magicamente com sua partida. Mas ele me ensinou a maior lição de todas: palavras de amor nunca são demais. ::





|| A MULHER HONESTA POR AILIN ALEIXO ailin.aleixo@pabril.com.br

HERMETICAMENTE FECHADO

CONSIDERAÇÕES NADA TÍMIDAS SOBRE O TÍMIDO INTESTINO DAS FÊMEAS

Mulher vive com prisão de ventre. Laxantes representam para nós o que revista de sacanagem representa para meninos púberes e perebentos: o único método de aliviar o que a natureza se incumbiu de produzir. A questão é tão grave que, ultimamente, a televisão foi invadida por propagandas de cereais, iogurtes e gororobas que prometem deixar nossa vida no reservado menos traumática. Os anúncios são repletos de mulheres sorridentes, com pele linda, finalmente respirando sem medo de produzir sons naturalmente mixados.

E, vou te contar, intestino feminino é um inferno: saiu de casa, trava. É só comer um torresminho, trava. Viajou com o namorado e a pousada tem parede fina entre o quarto e o banheiro, trava (aliás, de quem foi a idéia estúpida de fazer banheiros sem porta nos hotéis?). E daí a pança cresce, nos sentimos

umas Dona Juras antes da metamorfose, entupimos de tal forma que só Diabo Verde resolve, e o péssimo humor se instala. Mas o pior não é ficar com barriga de habitante da Somália nem fugir da possibilidade de sexo por medo de um vexame de proporções inimagináveis. O pior é agüentar os homens perguntando a razão da nossa cara fechada (e, geralmente, amarela). Sabe a razão? Cocô.

Barbie transgênica

Vou ser clara: acho que a culpa pelo funcionamento precário do nosso aparelho digestivo é de vocês, homens. Toda de vocês. Desde pequenininhas nossos papais e mães nos disseram para jamais soltar pum sonoro, sair à francesa para ir ao banheiro (como se fosse algo tão secreto e obscuro quanto os bastidores do PT) e deixar cheiro de lavanda no ar depois da nossa

passagem. E vocês acreditaram que somos assim, perpetuando essa atrocidade peristáltica! Para alguns marmarjos, mulher é uma espécie transgênica de Barbie que não secreta. Preste bem atenção na sua reação quando ela fizer a menor menção, ou careta, de dor de barriga. Provavelmente seus olhos se arregalarão, em choque: "Meu Deus, ela caga!" Sim, queridos, nós fazemos cocô. Nós temos catota de nariz, suamos e babamos quando dormimos. Tudo que entra no nosso corpo sai, igualzinho acontece com vocês. Mas, enquanto meninos foram incentivados pelos amigos espírito de porco a fazer campeonato de arrote e descobrir quem peidava mais alto, nós tínhamos que inventar um método de o xixi não fazer barulho quando batesse na água. Tantos anos depois da liberação feminina, e a bendita ainda não chegou aos irmãos Grosso e Delgado. É, eles são mesmo meio lerdos.

Esse tema pode parecer repugnante aos mais sensíveis, mas é, antes de tudo, humano. Não estou falando para os casais partilharem de mãos dadas a hora da evacuação (sou da teoria que, para sobreviver, uma relação não precisa de algumas imagens, como a do outro limpando o traseiro; realidade demais, realidade demais), mas seria bem bacana se admitíssemos as funções corporais alheias como algo natural e, algumas vezes, incontrolável. Se é normal nos entregarmos a beijos, lambidas e chupadas em zonas recônditas e reentrantes, por que é tão esquisito aceitar o corpo do outro por inteiro? Menos frescura diminuiria a venda de derivados de ameixa e mamão e traria um tremendo alívio de tensão.

Então chega de repressão: romântico ou não, bonito ou asqueroso, meninas também têm direito aos pessoais, intransferíveis e sublimes momentos no vaso sanitário. ||



MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

PELO DIREITO DE NÃO EJACULAR

JÁ TENTOU GOZAR (A VIDA) SEM GOZAR (NA TRANSA)? NÃO IMAGINA O QUE ESTÁ PERDENDO

Quando o assunto é sexo, e hoje em dia duas entre três conversas passam por esse tema, tenho uma frase pronta que, dita no momento certo, sempre causa o maior rebuliço: "Amigos, sabemos tudo sobre o Tratado de Tordesilhas e nada sobre o sêmen!" O espanto que a frase provoca provém, primeiro, da inusitada comparação entre um episódio histórico oriundo de um passado pra lá de remoto e o mais candente e importante dos assuntos contemporâneos, que é o sexo. Mas, mais do que um espantoso jogo de palavras, a frase é ferozmente crítica quanto à alienação do nosso próprio corpo a que somos submetidos na família em que vivemos e na escola onde estudamos. Tanto em uma quanto em outra instituição, fala-se muito sobre o Tratado de Tordesilhas e praticamente nada sobre o sêmen.

Digo isso porque prevejo que, passada essa febre alucinante que anuncia o sexo como uma espécie de Deus pós-moderno, algo que todos querem e buscam incessantemente como fonte de prazer e transcendência, haveremos de cair num enorme vazio. Posso perscrutar uma multidão berrando em uníssono numa praça pública no ano de 2090: "Devolvam nossos corpos, seus impostores!!!" "Fomos enganados pelo Deus pós-moderno!" E por aí afora. É inexorável que isso aconteça. Se é que já não começou a acontecer.

Hoje, para um cidadão comum, não há muita escolha em relação ao que fazer com seu sêmen: ou ele o ejacula por meio do sexo com um(a) parceiro(a) ou o faz manualmente. Não existe nenhuma possibilidade de convivermos com um "excedente seminal" dentro de nosso corpo. No começo dos anos 90, quando o budismo tibetano engatinhava em nosso país, fiz um retiro de três meses num monastério do Rio de Janeiro. Entre as práticas diárias — mantras, meditação, oferendas —, submeti-me a uma particularmente interessante: a prática da retenção seminal. Por

meio de várias técnicas iogues e de meditação, em que a respiração cumpria um papel preponderante, retive meu sêmen durante dois meses e meio. A (poderosíssima) energia seminal era canalizada para outros pontos ou chacras, e recordo-me de que durante aqueles dois meses e meio fui possuído por uma alegria e uma disposição infinitas. É claro que o jogo de sedução sexual praticamente inexistia na vida monástica, o que tornou essa prática, até certo ponto, mais fácil do que se estivesse na chamada vida ordinária.

Furto de sêmen

Lembro-me de que, quando voltei à vida normal (ou à louca vida, como queiram), estava com meus nervos eróticos à flor da pele. Mais: parecia que emanava uma espécie de química que ia direto à sexualidade das pessoas. E, vejamos bem, com certeza não era nem delírio nem ego inflado. Dois dias depois do

fim do meu retiro, fui a uma festa de aniversário no apartamento de um amigo em Laranjeiras. A festa já tinha acabado e, ao meu lado, duas garotas disputavam o meu sêmen mantreado. O fato é que, quando dei por mim, estava com uma delas no sofá da sala do apartamento. Foi uma transa rápida, furtiva (no sentido de furto; ela furtou o meu sêmen) e sem graça. Ela com muita sede, e eu com muita água. Mas tudo pareceu ter acabado num insólito deserto...

Não estou aqui para ser exemplo de nada nem de ninguém. Mal existo, se querem saber. Mas, sinceramente, acho que está na hora de trocarmos alguns pilares da sociedade em que vivemos. Do contrário, corremos o risco de rastejar indefinidamente e jamais deixar de ser esses répteis com contas bancárias e sobranças. E que ficam repetindo roboticamente a data do Tratado de Tordesilhas.

Evoluir é abrir os olhos.



MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

CALE A BOCA

AVENTURE-SE NO REINO DA SOLIDÃO E FIQUE CINCO DIAS SEM DIZER UMA ÚNICA PALAVRA

Em junho, mais precisamente numa terça-feira, comecei a sentir um cansaço inexplicável. Como sou um tipo que gosta de entender tudo o que se passa em meus domínios interiores, pus-me a observar e refletir sobre o tal cansaço.

A princípio, presumi que ele estivesse ligado ao malfadado estresse de trabalho. Mas não, definitivamente minha cabeça não estava debilitada pelo excesso de compromissos. Tampouco era um cansaço da rotina sentimental. Rotina que, aliás, não tenho tido por razões que não cabem explicar aqui. Enfim, tudo indicava que era um cansaço. Um cansaço simplesmente inexplicável.

Foi somente no fim da tarde de terça-feira, depois de um diálogo de quase uma hora no telefone com uma pessoa diretamente ligada aos meus problemas mais cotidianos e profundos, para quem tive de explicar pela centésima primeira vez o porquê das minhas atitudes, que percebi a verdadeira natureza da minha fadiga: estava cansado de falar. Sim, caro leitor, na realidade eu estava praticamente morrendo de tanto falar.

Naquela noite, antes de dormir, lembrei-me de uma prática que aprendi num monastério budista no começo dos anos 90: o voto de silêncio. "Eureca!", sussurrei para mim mesmo. "Amanhã, faço voto de silêncio de cinco dias..."

Tagarelas compulsivos

Na manhã de quarta-feira, logo ao despertar, tornei algumas providências, necessárias para que a prática pudesse ter um bom andamento. A principal delas foi ligar para as pessoas mais próximas, aquelas com quem costumo falar diariamente. Evitando explicações minuciosas, limitei-me a lhes dizer: "Olha, vou ficar fora até domingo. Sendo urgente, deixe recado na secretária eletrônica ou na caixa de e-mail". Desliguei o telefone e pronto: estava logisticamente preparado para a maravilhosa

viagem ao Reino do Silêncio e da Solidão.

Durante os meus cinco dias de expedição nesse mundo praticamente desconhecido para nós, ocidentais, descobri o quanto falamos sem a mínima necessidade. Somos, por assim dizer, uma espécie de tagarelas compulsivos, que sempre têm sobre tudo e sobre todos uma opinião, uma interpretação. Descobri, por extensão, que não opinar sobre coisa alguma nem ter de dar explicação oral sobre seus atos ou os atos alheios produz uma sensação tão boa quanto sonhar que se está transando com a pessoa amada no paraíso. E, principalmente, pensei muito sobre uma frase de Buda: "Certamente, nós nascemos com um machado na boca e acabamos nos cortando com ele quando dizemos palavras tolas".

É claro que no domingo, quando quebrei o

voto, tive de consertar alguns estragos produzidos durante a minha jornada silenciosa. Por exemplo: pessoas para quem não avisei que estava de partida e que me procuraram durante toda a semana acharam que eu estava magoado com elas. Um recado de uma amiga, com a voz ligeiramente chorosa, dizia: "Tá legal, Mantraman, você não quer mais falar comigo, mas ao menos me explique o que foi que eu fiz..."

Sei que, para quem trabalha num escritório, tem família morando na mesma casa ou é adepto da psicanálise, deve ser muito difícil fazer um voto de silêncio. Mas, leitor, quer um conselho? Assim que entrar em férias, compre um bilhete de ida e volta para o revigorante e maravilhoso Reino do Silêncio e da Solidão. Mantraman garante: é uma viagem inesquecível.





MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

ME, MYSELF AND I

JÁ FUI FELIZ COM ALGUÉM. HOJE ENCARO O FRIO PICOLÉ DA SOLIDÃO E... SOU MAIS FELIZ AINDA!

Foram exatos 732 dias tentando esquecer uma pessoa. Durante esse tempo, a sociedade – que, para mim, se resume a alguns membros de minha família sanguínea, dois ou três filmes e meus poucos e queridos amigos – parecia me dizer em coro que o nosso amor era autodestrutivo, doentio e sem futuro. E que esquecê-lo era o mais sensato, o melhor a fazer. “Olha, Mantraman, e nem amor era...” Para esquecer, lancei mão de todos os artifícios que estavam ao meu alcance: falar com Deus, consultar oráculos, meditar, ir uma vez por semana ao zoológico, psicoterapia, antidepressivos, vida regrada, outra pessoa, tudo em vão.

Acho que já falei isso aqui, não lembro. Em todo caso, vou repetir: o verdadeiro herói se diverte sozinho. A solidão é a nobre arte de saber como lidar com os nossos mais íntimos e sagrados excrementos – as lágrimas, o sangue menstrual, o sêmen. É não esperar

que ninguém venha arrumar sua cama, lavar sua louça, pagar suas contas, dividir suas intransferíveis dúvidas.

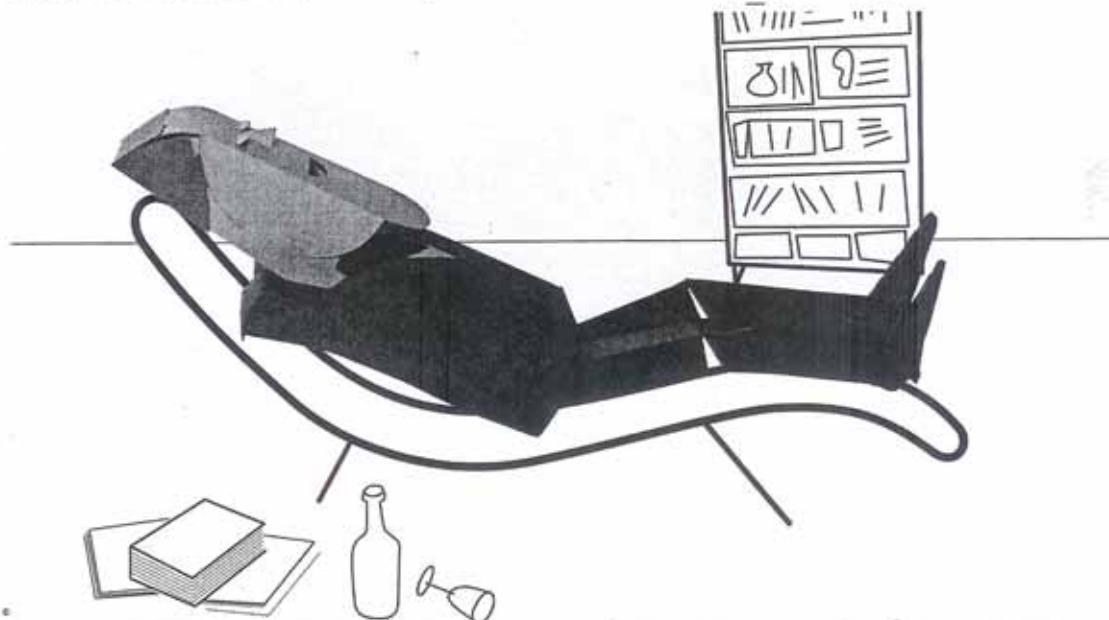
Depois de viver aquele amor inesquecível, estou comigo mesmo e, querem saber?, enquanto Deus não se comunicar, vou seguir por essa estrada, me contentando em não ter de responder a perguntas como “aonde é que você foi ontem?”

Suflê de queijo

Algumas pessoas parecem preocupadas comigo. Não sabem da intensa felicidade que é a solidão. “Ah, Mantraman, não acha que é uma opção meio amarga?” Não sabem. Fui feliz um dia com alguém. Foram, na verdade, alguns dias. Em todos os outros dias, me imaginava sozinho. E era um doce filme, cheio de esperança e luz, que se passava na tela de minha cabeça. Hoje estou nesse filme, e ele tem se mostrado muito mais se-

dutor e surpreendente do que o havia imaginado. É claro que, vez por outra, recebo a visita da dúvida: por que não me apaixonar por alguém, viver feliz para sempre e ter um cachorrinho chamado Totó? Uma das respostas que sempre vêm é que, apesar de o amor ser lindo e tudo mais, ele dá muito trabalho. Atualmente, estou à procura de um ócio sereno, de uma preguiça miope.

Só os escassos de imaginação e os pobres de espírito perdem tempo à procura de uma felicidade estável, permanente. Eu procuro sofrer menos e sempre me consulto: “E aí, Mantraman, pipoca no abismo ou caramelo no paraíso?” Sei que é pouco provável que consiga esquecê-la. Ou que o nosso amor volte. O tempo é um deus que sabe muito bem como deixar o passado em seu devido lugar. Enquanto espero por sua passagem, procuro uma receita de suflê de queijo. Alguém sabe alguma? ::

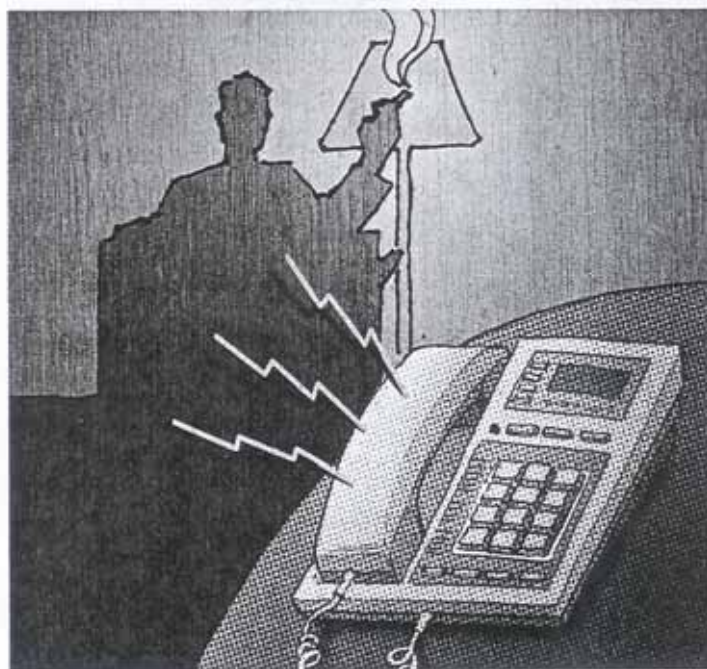


Aitude::

:: MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

O TELEFONE TOCOU? NÃO ATENDO

BREVE TRATADO SOBRE A ARTE DE COLECIONAR MENSAGENS NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA



Poderia enumerar aqui dezenas de razões, das mais óbvias às mais exóticas e extravagantes, para explicar por que não costumo atender ao telefone de minha casa. Mas vou resumir todas as minhas razões numa só: sou um adepto ardoroso da caixa postal. Acho que quem tem algo de urgente a dizer sempre sabe como deixar um recado. E recado urgente não é só aquele que informa a morte de um familiar – fato, aliás, que costuma acontecer de dez em dez anos. Existem outros (são poucos, é verdade) tipos de recado urgente.

Separei aqui algumas espécies que venho estudando/catalogando/arquivando ao longo destes dois anos e quatro dias de

“romântica revolta” com a aclamada invenção de Bell. Como esta, aparentemente banal, que recebi há pouco: “Senhor Mantraman, seu jantar com o papa foi cancelado para o dia 9, quinta-feira, às 18h45. Caso sua agenda não esteja livre nesse dia, por favor entrar em contato com a freira Carmela através dos seguintes telefones...”. Muitos leitores já devem ter recebido mensagens semelhantes em sua caixa postal. A voz é sempre a mesma, o que varia é o conteúdo.

Trote

Dias atrás, recebi um raríssimo espécime de recado urgente. Uma voz lânguida e sedutora me convidava para ir a uma festa:

“Mantraman, o lugar é maravilhoso, um palácio circundado por quatro montanhas transparentes. Só vai ter gente linda e iluminada. Se você quiser, passo aí. O importante é você ir. Me liga...” Esse é um tipo de mensagem que, se não vier com o nome da pessoa e o número do telefone, pode soar como um “trote em secretária eletrônica”. Eu mesmo já fui alvo desse atentado e posso afirmar que gera uma mistura de raiva e frustração sem limites.

Meu amigo Fratello especializou-se num tipo de recado que não cobra retorno. Este é recente: “Mantraman, meu querido, saudade de você... (a voz é grave e, neste momento de introdução, sempre há um silêncio). É o seguinte: solidão com auto-suficiência. É a única saída. Um beijo. Fratello”.

Esse meu amigo – grande amigo, diga-se de passagem – consegue manter uma qualidade de texto em suas mensagens que é realmente assombrosa. Sempre há uma afirmativa desconcertante no final (“é o seguinte: solidão com auto-suficiência”) e seu recado resume-se a essa afirmativa. Jamais pede para ligar de novo nem pretende me avisar sobre algum evento ou coisa que o valha.

Mas o mais sublime e urgente dos recados eu ainda estou esperando. Não, não tem nada a ver com ganhar na loteria ou receber herança. Nada a ver com dinheiro. É um recado dela. Sabe ela? Toda vez que meu telefone toca, acalento uma esperança intensa e secreta de que sua mensagem finalmente tenha sido deixada na minha caixa postal. Não ter recebido esse recado até hoje (e olha que lá se vão dois anos de espera) é a única e real explicação para todas as horas de ansiedade que tenho vivido nos últimos tempos.

Quero dizer com isso tudo que admiro os seres humanos que conseguem encontrar a felicidade na solidão. ::

Atitude::

:: MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

TÔ DOMINADO!

CAÍ NAS GARRAS DE UM LOUCO AMOR E ME SINTO COMO UMA CABANA SOB A TEMPESTADE



O mundo, na verdade, divide-se entre os iludidos pelo amor e os desiludidos dele. É evidente que me classifico na primeira categoria, a dos iludidos. Mesmo sabendo que a ilusão é uma verdadeira fonte de infelicidade e sofrimento. Iludir-se é igual a enganar-se.

Concordo. Sou um tipo que se engana o tempo inteiro. Em raros momentos do dia (raríssimos, aliás), tenho consciência absoluta dos males da ilusão. E, sempre que a tenho, faço questão de fechar os olhos e negá-la até o âmago do meu ser.

Sou completamente apaixonado por uma pessoa. É um amor daqueles de fazer o mar se acalmar quando está irado e crispá-lo quando está um lago. Ou seja, um amor incontrolável, insano, quase bestial. Esse

amor, veja bem, me domina de tal forma que, mesmo eu sendo uma pessoa dotada de inteligência, sensatez e todos os artifícios decorrentes dessas características, me arrastou e me possuiu de uma maneira irremediável. Não tenho nenhum domínio sobre ele. Não que eu não quisesse ter. Mas é que se tornou impossível controlá-lo. Sou uma vítima da natureza. Uma choupana que é irremediavelmente arrastada por uma tempestade.

Mosca zonga

Impossível enumerar aqui todas as virtudes do meu objeto de paixão. Fiquemos com duas: beleza e humor. Quanto aos seus defeitos, impossível enumerá-los também. E, diga-se de passagem, são terríveis. Um deles: ela é

egoísta num volume ensurdecedor.

E é inconcebível para mim estar apaixonado por uma pessoa com essa característica.

Mas estou. Completamente. Não é louco?

(Às vezes, em meus profundos momentos de reflexão, arrisco teorias eivadas de uma evidente "psicologia barata", como estar na verdade apaixonado pelo meu lado mais obscuro e desconhecido. Seria eu um megassovina enrustido? Talvez, talvez. Mas, graças a Deus, ainda estou muito longe da verdade.)

Soma-se a isso tudo o fato de ser um amor completamente perseguido pela sociedade. É claro, já temos um boletim de ocorrência bastante extenso. A mãe dela não quer me ver nem pintado de ouro. Mas isso, em vez de ser um obstáculo, acabou por se tornar um grande estímulo. É óbvio que a mãe não entende nada de amor. Vê de fora com os seus binóculos desfocados, é uma pessoa que tem noções absolutamente equivocadas sobre a vida. Para mim, a mãe não passa de uma pequena mosca zonga à procura de algum piquenique desativado. Mas a verdade é que tem uma baita influência sobre ela. E não é só a mãe a perseguir o nosso amor onde quer que ele tente se instalar. É toda uma sociedade. Uma humanidade que opina e interfere incessantemente e que, no entanto, está apenas engatinhando em seus bárbaros valores.

Nunca ouvi alguém me dizer: "E vocês, como estão? É tão lindo vê-los juntos! Que grande amor, hein?" Pelo contrário: "E ela? Você ainda está com ela?" A voz denotando preocupação, medo. Em outras palavras, tudo conspira contra. Ela própria, às vezes, passa para esse lado, o dos conspiradores. Eu não. Sou fiel à nossa insana ilusão.

Eis o ponto a que cheguei. Pela lógica — e esse é um artifício que a natureza do amor rejeita com veemência —, sou um sério candidato à desilusão. A menos que algum milagre aconteça. Como ela morrer para mim. Difícil. Mas não impossível. ::

Atitude

MANTRAMAN POR TENZIN CHOPELL mantraman_25@hotmail.com

E A CHUVA TROUXE REGINA DE VOLTA...

ENCONTREI-A NA RUA, DE SURPRESA, EMBAIXO DE UM TORÓ. DESDE ENTÃO, FESTEJO OS CAPRICHOS DO ACASO

O fato, aparentemente banal, se deu há pouco tempo. Eram 6 horas da tarde de uma sexta-feira chuvosa, e a situação na avenida Paulista estava absolutamente de acordo com o dia, a hora e a atmosfera: pedestres maratonistas tentando se esquivar da tempestade, uma clássica e dissonante sinfonia de buzinas, caravanas de ônibus desalinhados e, é claro, um mar disforme de carros de todas as marcas e cores com seus motoristas de todas as raças, formatos e humores.

Do alto do meu apartamento e da minha nascente dor de dente, projetei um caminho que me levaria são e seco até a farmácia mais próxima, a menos de uma quadra, na esquina da rua Bela Cintra. (Não, não tinha um guarda-chuva, esse objeto criado com tanta engenhosidade, mas com a estranha sina de ser esquecido pelo seu dono em algum lugar sempre que a chuva acaba. Aliás, onde vão parar todos os guarda-chuvas que perdemos durante nossas existências?) Assim, em menos de dois minutos, lá estava eu envolto na luminosidade fria da farmácia, tentando me lembrar do nome do antiinflamatório.

Quando me preparava para atravessar a então caótica e inundada Bela Cintra, escutei uma voz vinda de um dos carros que passavam chamar pelo meu nome. A minha memória, tão precária para nome de remédios, imediatamente associou a voz ao rosto, o rosto ao corpo e, finalmente, o corpo a um sentimento que se manifestou com a velocidade de um raio nos meandros da minha alma e que atende pelo nome de amor. Era Regina, a bela Regina.

Um deus pagão

Regina e eu tínhamos tido um breve e intenso romance de cerca de dois dias tempos atrás. E como todo romance de dois dias não



chega a se configurar como um romance propriamente dito, sobreviviam em mim algumas dúvidas ou esperanças de que um dia voltaria a encontrá-la. E lá estava ela, trazida pelas misteriosas mãos do acaso, em pleno dilúvio de sexta-feira. Uma aparição, uma miragem, em meio aos milhares de seres humanos que transitavam naquele quarteirão. Enquanto a observava manobrar seu carro, pensei, de maneira surpreendentemente lúcida para o momento, que a possibilidade de encontrar alguém casualmente em São Paulo, mesmo que esse alguém more no mesmo bairro (o que não é o caso de Regina, que mora do outro lado da cidade, na zona leste), era entre ínfima e nula. O que dizer, então, do encontro casual com uma pessoa que está habitando seu imaginário amoroso? Se eu tivesse saído de casa 30 segundos antes ou 30 segundos depois, certamente não estaria hoje tão bem disposto para a vida e para o trabalho. Quero

dizer, não estaria nem feliz nem com Regina.

Há muito venho refletindo sobre esse deus pagão, essa entidade, esse enigma chamado acaso. Creio que não seria de todo insano ou absurdo inferir que toda a criação, das galáxias às formigas, é uma mera obra do acaso. E mais: confesso que, em certos momentos, chego a sentir uma fervorosa devoção por ele e por tudo que o rodeia – sua absoluta autonomia, sua selvageria, sua falta de lógica, de ética, de humanidade e, sobretudo, de religiosidade. Segundo definição do poeta francês Mallarmé, um notório aficionado pelo tema, “o acaso realiza a sua própria idéia, afirmando-se ou negando-se. Frente à sua existência, a negação e a afirmação acabam de fracassar. Ele contém o Absurdo...”

Regina e eu estamos de pleno acordo com Mallarmé. E já elegemos o Sr. Acaso como nosso mentor. O problema, agora, será conseguir encontrá-lo de novo. ::



::O HOMEM SINCERO POR FABIO HERNANDEZ fabio.hernandez@uol.com.br

OS AMIGOS

DEUS DEVERIA SER PROIBIDO DE NOS TIRÁ-LOS

Então uma canção me faz pensar nos amigos. Está num dos CDs da Antologia dos Beatles. Chama-se *Yes It Is*. A versão que me emociona é uma sublimemente tosca. John Lennon ainda não tem a letra pronta: enrola algumas frases. Na primeira parte, ali estão ele, seu gênio e seu violão, nada mais. (Você devia parar de ler este texto já e ouvir a música de que falo.) Na segunda parte, entram os amigos, Paul, George e Ringo, com suas vozes de apoio e seus instrumentos. A primeira vez que ouvi essa versão de *Yes It Is* tive vontade de chorar. Porque ali, naquela melodia ingenuamente romântica, tão típica dos Beatles jovens, está representada a força descomunal da amizade. Sozinho, Lennon parece clamar por uma mão dos amigos. Ela vem, e se instala então um som coletivo que deslumbra. A amizade tudo pode. A amizade é maior que tudo. Maior que a vida e maior que a morte. Montaigne. Acho que foi Montaigne que escreveu que uma amizade é como a união de dois tecidos tão bem-feita que você nem sequer nota a costura. Montaigne sofreu barbaramente quando morreu seu melhor amigo. Registrou isso em seus clássicos *Ensaio*. (Atenção: atribui a frase acima a Montaigne, mas posso estar enganado. Sempre posso estar enganado. É um direito de escritores baratos como eu.)

Arma quente

Deus deveria ser proibido de nos tirá-los. Os nossos amigos deveriam estar protegidos de todos os males. Deveriam viver felizes para sempre. Ouso dizer que não deveriam sequer envelhecer. Um amigo perdido é uma dor que lateja eternamente. Penso agora no Marcão. Não tinha nem 20. Inteligente, sensível, meigo. Ruivo e cheio de sardas. Tinha sido namorado da Laura, uma morena esplêndida. Marcão. Sabia enrolar bagana com grande categoria. Um dia avisaram: ele

apontou um revólver para a cabeça e disparou. (E então me ocorre outra canção do Lennon, já da fase adulta. *Happiness Is a Warm Gun*. Felicidade é uma arma quente.)

Para o Marcão, não sei se a arma quente foi a felicidade. Foi a retirada, com certeza. E ele não tinha nem 20. Durante muito tempo, nós, os amigos, nos perguntamos toalmente por quê. Ainda hoje, anos depois,

de vez em quando falamos dele. Marcão. Sua memória esgarçada nos traz sorrisos tristes e questões antigas para as quais não haverá jamais resposta. Marcão, de alguma forma, viveu nos amigos que o amaram, entre os quais um certo escritor barato. Por nossos olhos cansados e envelhecidos, ele pôde ver a miserável beleza de cada passo da longa caminhada sobre esta terra. ::





11 O HOMEM SINCERO POR FABIO HERNANDEZ fabio.hernandez@abril.com.br

MINHA TIA AMADA

COM ELA APRENDI O SIGNIFICADO DA FÉ

"Enfim te vejo. Enfim repousa em ti o meu olhar cansado." Esses versos de Bandeira me ocorrem quando entro na velha cidade em que vivi alguns verões na adolescência. Rodo em meu carro pelas ruas em que caminhei garoto. Não fui eu quem levou o carro. Foi o carro que me levou: eu era como um passageiro entregue à visão de uma paisagem fascinante e fugidia. Alguns lugares marcam a vida de um homem por diversas razões. Aquela cidade selou minha passagem para a vida adulta. Ali terminou a minha era da inocência. Foi nela que as mulheres passaram a despertar um interesse bem mais concreto e menos ingênuo em mim. Lembro uma visita, a primeira em minha vida, à zona. Era convenientemente afastada do centro, e as mulheres sabiam como lidar com garotos inexperientes como eu.

Na minha lembrança, a cidade estava sempre ensolarada. E assim sempre será. Paro em frente à casa dos meus tios, onde ficava hospedado. É numa esquina de um bairro de classe média. Nenhuma das pessoas que tanto amei está lá, mas ainda assim fico tocado. Olho para a casa com uma espécie de desespero mudo como se, por um milagre, aquele mundo perdido pudesse se refazer. Primeiro morreu meu tio; depois, minha tia. Outra tia, agregada, uma adoravelmente rabugenta solteirona, também morreu. Meus dois primos deixaram a cidade, cada qual para um canto. Mas, de alguma forma, naquela casa de esquina, a família desfeita está viva e unida. O piano em redor do qual todos se juntavam ainda toca.

Naquela casa tive uma lição de fé. Eu tinha tomado um porre, o primeiro de minha vida. Tinha 16 anos, a noite tépida convidava um garoto virgem de álcool a tomar um copo de batida, e depois outro, e mais outro. Convidava, não; ordenava. Ao deitar, no

quarto imaculado da casa de meus tios, o mundo girou alucinadamente. Não havia nada que eu pudesse fazer senão vomitar. Foi um tumulto num lar sereno. Aleguei depois que tinha me dado mal com alguns amendoins. Meu tio, com sua voz estentórea, comentou, longe de mim, mas não o suficiente para que eu não ouvisse: "Isso tem cheiro de cachaça". Meu tio conhecia o assunto.

Buraco e pôquer

Somente a tia solteirona acreditou. Durante anos, depois, sempre que me via esticar a mão para um amendoim, ela me lembrava de que não me fazia bem. Minha tia solteirona. Minha amada tia solteirona. A gente coleciona coadjuvantes ao longo da vida. São raros os protagonistas. Minha amada tia solteirona foi protagonista em minha vida. Foi ela quem me ensinou a jogar baralho, uma virtude que cultivo desde então. Primeiro, o buraco; logo e sempre, o pôquer. Escritor barato e jogador igualmente barato.

Mas ela me ensinou sobretudo o significado da fé. A fé só é fé quando é cega e desafia a lógica. Ela acreditou no sobrinho bêbado a despeito do cheiro de cachaça facilmente identificado por meu tio. Minha amada tia rabugenta. Estou ali, na frente da casa, tantos anos depois. E me ocorre que poucas vezes em toda a minha vida alguém acreditou tanto



em mim como ela, a amada tia solteirona. Se eu pudesse recompor aquele mundo perdido, acho que a primeira coisa que faria seria correr até ela e abraçá-la tão forte para que ela jamais fugisse de mim. Eu mesmo não acreditei em mim, no correr dos longos dias, como ela. Minha amada tia solteirona apostou num cara errado, eu, por amor. Simplesmente por amor. Tia Tetê, eis o nome, para mim tão poético quanto os versos de Bandeira. ::

ATITUDE

O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE

POR JUAN IGLESIAS jiglesias@abril.com.br

A pinça e o macaco

Como levar a sério quem faz as sobrancelhas?

Eu não suporto mais essa discussão efeminada em torno dos metrossexuais. Francamente: não dá pra levar a sério homem que faz a sobrancelha com pinça como se fosse uma debutante, o rosto embevecido diante do espelho indefeso. David Beckham como símbolo sexual de uma geração apenas depõe contra o bom gosto e a virilidade dessa geração. Zeca Pagodinho nos representa como classe com mais dignidade que aquele inglês amaneirado que deve disputar o esmalte com a mulher com mais empenho do que disputa bolas contra zagueiros adversários. O cara pelo menos não parece ter vergonha de parecer homem. Mesmo que numa noite inspirada tomasse todas as cervejas, tenho certeza de que não correríamos o risco de ver o Zeca Pagodinho depilado.

As mulheres já estão ficando perigosamente parecidas conosco. Muitas chefes são mais duras e ríspidas que os homens. Dão a impressão de que não concederiam a esmola miserável de um sorriso nem se assistissem a uma temporada inteira de *Friends*. E demitem com a frieza cruel de um mercenário. Não mandam embora: executam. Não há sentido em que também nós nos tornemos parecidos com elas. Quero partilhar muitas coisas com as mulheres, mas não, decididamente, a roupa de baixo ou o rímel. Ao eliminar as diferenças entre elas e nós, a metrossexualidade rebaixa ao mesmo tempo o homem e a mulher.

Eu gosto de filme antigo. Sou um maníaco do preto-e-branco. Outro dia vi, mais uma vez, *Casablanca*. E fiquei pensando que a substituição de Humphrey Bogart por David Beckham como modelo sexual masculino é talvez a prova maior de como nós, homens, involuímos. Bogart, para começar, tinha voz e roupas claramente masculinas. Ele sabia ser romântico, extraordinariamente romântico, na hora



certa. Numa cena do filme, em que se ouve o eco de bombas na Paris ocupada pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, ele diz à mulher amada, e assustada, que aquele talvez fosse o som do coração dele diante da presença intensamente perturbadora dela.

Mas uma mulher que o esbofeteasse recebia o troco antes mesmo que tivesse tempo de recolher as mãos atrevidas. Nos jogos amorosos, feliz ou infelizmente, a lei de talião é imprescindível: olho por olho, dente por dente. O homem que oferece a outra face entrega a alma e a felicidade, além da própria face que ficara momentaneamente a salvo.

O VALOR DO PNEU FURADO

O metrossexual é a rendição do homem como entidade única e intransferível. Simula um avanço que na verdade é um retrocesso. Já somos escravos de demasiadas coisas, como as contas no

final do mês, ou os almoços nos fins de semana na casa da sogra maledicente, ou ainda os pedidos de empréstimo dos queridos amigos eternamente insolventes, para que nos deixemos algeimar também por um jogo de bator e pó-de-arroz. Ou pela imagem desvirilizada de nós mesmos.

O mundo será melhor, ou pelo menos não tão ridículo, enquanto os homens parecerem homens e as mulheres, mulheres. Elas, loiras ou morenas, baixas ou altas, atléticas ou sedentárias, atiradas ou tímidas, recatadas ou desinibidas, já embelezam suficientemente o mundo e a nossa vida para que ofereçamos concorrência nesse papel de trazer graça e encanto ao dia-a-dia. É melhor, para um homem, se ocupar de um pneu furado do que de uma sobrancelha que não se pareça com a de Gisele Bündchen. O macaco, entre os homens, tem que triunfar sobre a pinça. □



:: O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE POR JUAN IGLESIAS jiglesias@abril.com.br

RECEITAS NO LIXO

MACHO E CULINÁRIA SIMPLEMENTE NÃO COMBINAM

Eu não suporto mais essa história de homem na cozinha. Francamente: não nascemos para colocar aventais. Um homem de avental é algo tão esdrúxulo quanto uma mulher de paletó e gravata. Mas infelizmente muita gente acredita que um homem capaz de preparar uma sopa impressiona as mulheres. Atenção, senhores editores de revistas masculinas: não quero receitas. Quero mulheres, futebol, carros. Quero colunistas mulheres (gostasas, sempre que possível) que desvendem a alma feminina e me ajudem com seus conselhos sagazes a garantir minha fama de Garanhão do Milênio. Quero roupas que provem que minha beleza não é apenas interior, gadgets, cervejas e até livros. E aceito indicações de filmes iranianos e indianos, mesmo que jamais vá vê-los. Mas decidi rasgar as páginas que trazem receitas.

O homem na cozinha contraria a natureza. Nosso papel original era pegar a clava e enfrentar as feras na luta pela sobrevivência. Consumada a caça e abatido o mamute, o resto competia às mulheres. Mas eis que se torna "bonito", no mundo masculino, ter habilidades na cozinha. Que as mulheres incentivem essa coisa ridícula, admito e entendo. No fundo, é uma tarefa a menos para elas. Presumo que mais "completo" ainda, sob esse aspecto, seja o homem que não apenas cozinhe como, depois, faça o resto do serviço. Lave e seque a louça. Só não compreendo como nós mesmos nos entregamos a uma atividade tão desinteressante e tão efeminada. Dispensio mulheres que me achem ou finjam achar interessante pelo talento culinário. Se o preço para ter Nicole Kidman nos meus braços musculosos e viris de cubano expatriado fosse o avental, eu convictamente não pagava.

Escrava no amor

Um homem na cozinha é um ser deslocado. Perdido. Em perigo, como alguém no meio de uma rua de trânsito intenso. A proximidade



do fogão não nos favorece. Em compensação, a mulher na cozinha resplandece. O mais caro dos colares não a deixa tão sedutoramente mulher como o mais banal dos aventais, e é inacreditável que elas não se dêem conta disso. A fêmea porta a vassoura com a mesma classe natural e enfeitadora com que o samurai portava a espada. A zona erógena da mulher, na fantasia de todo homem, não é o clitóris, o místico ponto G, o mamilo ou o que quer que seja. É a cozinha. Ali ela é única, ali ela é a rainha das rainhas, ali jamais será destronada. Ali jamais lhe será oferecida competição ameaçadora. Morro de fome se acabarem todas as pizzarias que entregam em casa e se nenhuma mulher se dispuser a me fornecer comida, mas ninguém haverá de me ver de avental.

Uma vez, quando ainda morava em Havana, disse basicamente tudo isso, numa fes-

ta de boêmios desocupados, a Mercedita, uma mulher capaz de fazer um monge virar a cabeça na rua e atropelar um poste. Mercedita era jornalista e escritora. Uma mulher à frente de seu tempo, como gostava de dizer. Lia Sartre, tomava antidepressivos contrabandeados e falava mal de Fidel, ainda que sexualmente fascinada pela barba que cheira a charuto do ditador. Mercedita me ouviu sem uma única interrupção. No fim de minhas considerações, me tomou pelo braço e me levou ao primeiro quarto disponível que encontrou. Depois, me confessou que fazia anos que não ouvia palavras tão excitantes. Foi minha escrava no amor até o dia em que fui forçado a deixar Havana. Tenho aqui, ao lado de meu computador, uma foto de Mercedita que me remete a noites excepcionalmente calientes em Havana. Ela veste, majestosamente, um avental.



:: O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE POR JUAN IGLEZIAS jiglesias@uol.com.br

QUEREMOS MULHERES!

ATÉ QUANDO VAMOS AGÜENTAR MARMANJOS COM PLACAS NOS INTERVALOS DO FUTEBOL?

Eu não suporto mais os intervalos de jogo de futebol na Globo. Francamente. Aquelas imagens de desdentados, malucos e bizarros de variados gêneros e cantos do país segurando placas com saudações hipócritas à Globo e a Galvão Bueno são agressivas à vista, ao humor e ao bom gosto. Vou fazer um apelo a quem orienta a atuação dos homens que comandam as câmeras: chega, ou todos seremos obrigados a trocar de canal durante os 15 minutos do intervalo.

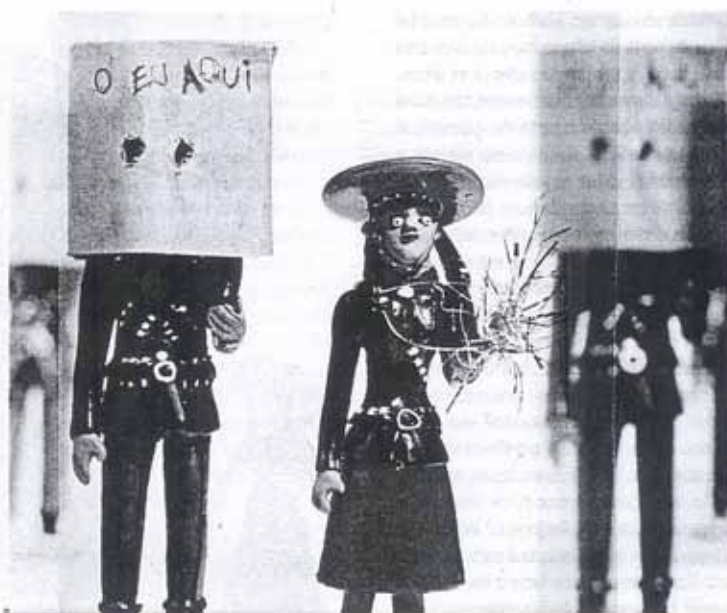
Tenho a esperança de que um dia, e em breve, o festival de horrores a que somos condenados terminará. Mas bem pode ser o que aquele frasista francês classificou como triunfo da esperança sobre a experiência. Na minha Cuba natal, fico pensando que talvez alguém sugerisse o *paredón* para os autores desse crime constante contra a audiência.

Compare o que fazem as emissoras que transmitem outros esportes. Vale a pena ver as enfadonhas trocas de bolas entre tenistas argentinos ou espanhóis apenas para admirar por instantes a beleza flagrada das mulheres que estão na platéia. Loiras, morenas, ruivas. Cabelos presos, soltos. Sérias, sorridentes. Jovens, maduras. Magras, cheias, no ponto. Atentas ao jogo ou apenas a si mesmas. Em sua esplêndida diversidade, elas são sempre um brinde, um prêmio ao telespectador. Fiquei muito mais tempo com a televisão ligada durante o recém-encerrado torneio de Roland Garros em parte pelo trabalho dos câmeras, a quem dou meu *merci* de todo o coração.

Quem vê esporte na televisão é homem. E homem, quando a cena não é de jogo, quer ver mulher.

Cabeça acelerada e criativa

Agora os americanos da NBA. Para começar, eles não dão chance para esquisitices. As cenas de intervalo são preenchidas por danças suavemente provocantes e razoavelmente



sincronizadas de garotas recrutadas pelo time da casa para animar a torcida. Nenhuma possibilidade de um exibicionista invadir a casa do espectador com a arma canhestra de uma placa em que apareça o nome do locutor ou da emissora. Nos jogos dos Lakers, em Los Angeles, você pode ver atrizes gostosas de Hollywood. Tudo bem, Jack Nicholson, fanático pelos Lakers, também entra no pacote: de pé, atrás do banco de seu time ou aplaudindo com um sorriso uma entrada de Shaquille O'Neal ou xingando com uma careta o juiz ladrão. Mas mesmo um cubano à antiga como eu tem de admitir que esse gringo tem seu charme. E, além do mais, é comum ele levar acompanhantes maravilhosas aos jogos. O velho garanhão de Hollywood mostra ao mundo, nas partidas dos Lakers, que o tempo não diminuiu sua capacidade de se servir com categoria.

Tenho um amigo brasileiro chamado Danilo. Um cara acelerado. O Danilo é daqueles pibes que você sabe que jamais farão uma sessão de meditação ou de ioga. Sempre em movimento, mente em turbilhão contínuo. Estou rindo aqui comigo mesmo agora imaginando o Danilo dizendo "ommmmmmm" num mantra. Mas por trás daquele giro incessante está uma cabeça criativa. Uma vez estávamos vendo juntos um jogo, e ele disse que ia levar uma placa para o estádio, na qual escreveria o seguinte: "Te odeio, Galvão!" Talvez fosse essa a solução, placas assim por todos os estádios, em todos os jogos. Uma alternativa menos raivosa do que a de meu amigo acelerado seria encher os campos com cartazes com um apelo cândido: "Queremos mulheres!" O mundo ficará melhor, e eu menos irado, quando a Globo trocar os desdentados pelas belas torcedoras.



|| O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE POR JUAN IGLESIAS jiglesias@atril.com.br

TRIÂNGULO SAGRADO

A DEPILAÇÃO ESTÁ ACABANDO COM UM PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Eu não suporto mais essa mania de depilação total, avassaladora e antinatural das mulheres. Francamente. Mataram o Triângulo Sagrado, que nos deslumbrou, enfeitiçou e enlouqueceu desde Eva. A mais perfeita criação da natureza foi exatamente o Triângulo Sagrado. E ei-lo morto, a golpes de cera pérfida e de uma moda que vai transformando todas as mulheres em réplicas umas das outras. Agora é o mesmo cabelo, o mesmo peito com silicone, a mesma dentição artificialmente esbranquiçada. E a mesma ausência dolorida da forma eternamente bela, fascinante com que foram ordenados os pêlos públicos femininos. Passear os dedos mansamente pela maciez dessa pelagem, uma das mais interessantes atividades masculinas em todas as épocas, vai-se tornando uma impossibilidade. O que era um passeio incrivelmente erótico pela imensidão capilar das mulheres virou uma volta ligeira e sem graça por uma paisagem árida ou, na melhor das hipóteses, semi-árida.

Meu amigo Mantraman sempre disse que mais difícil que meditar num bordel é compreender a cabeça das mulheres. À luz da lógica, não dá para entender a cera ubíqua que pôs fim ao Triângulo Sagrado. Fora uma minoria numericamente desprezível, segundo as mais acuradas pesquisas já feitas sobre o gosto masculino, o homem ama a forma triangular. E sempre amará. Confrontado com a visão do Paraíso e a do Triângulo, o olho do homem escolherá instantaneamente a segunda opção. E lá se deterá, indiferente às curiosidades do Paraíso.

É um impulso irresistível que resiste à ação do tempo. Mas que talvez não resista à ação da cera e da moda. Sou novo aqui na VIP. Mas vou me atrever a perguntar às minhas colegas colunistas o que faz as mulheres desfigurarem sua exuberância florestal. Para agradar ao homem, definitivamente, não é. Para agradar a si mesmas é a hipótese com a qual



trabalho. Ailin, Gisela, digam a todos nós com a sinceridade desconcertante que é a marca de vocês: por que esse absurdo está ocorrendo?

Ganha-ganha

Se estou certo, é um ato de raro egoísmo. É até pecado. As pessoas foram feitas para a cooperação, no trabalho, no amor, em tudo. Assim como o sentido das pernas está em uma complementar a outra, tanto quanto os braços ou os dentes de cima e os de baixo. Na minha Cuba natal, meus antepassados diziam que a mais nobre ação de uma mulher está em perceber o que interessa a seu homem e ajustar-se a isso. É um ato em que a

mulher se dá e, ao mesmo tempo, ganha com isso. Ganha um amante ardoroso, insaciável, pouco disposto a investir em outras mulheres. Trava-se aí o que, no jargão do mundo dos negócios, se chama de relação ganha-ganha.

A mulher que finge escravizar-se a seu homem ganha um escravo de verdade. Foi assim que Cleópatra conquistou César e Marco Antônio. Foi assim que Helena conquistou Páris e Menelau e todos os que a viram atuar ao lado de Brad Pitt em *Tróia*. Muitos se preocupam com a Amazônia, patrimônio da humanidade. Declaro aqui publicamente minha angústia em relação a outro patrimônio que vem sendo devastado, o Triângulo Sagrado.

A

:: O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE POR JUAN IGLEZIAS jiglesias@abril.com.br

SEXO ZEN

OS MANUAIS DE PRELIMINARES SÃO UM PERIGO PARA O NOSSO PRAZER

Eu não suporto mais essa conversa toda sobre preliminares. Francamente. A preliminar ideal é a de Marlon Brando em *Último Tango em Paris*. "Pega a manteiga", ele diz à amante. Nem uma palavra mais. A ordem a deixa num estado de completa excitação. Mil contorcionismos não valem aquela ordem. Sei que vou receber cartas de leitoras indignadas. Vão dizer que sou um infeliz no amor. Que jamais consegui agradar genuinamente uma mulher. Antecipadamente, aviso: muchachas, não foi à toa que, em minha Cuba natal, conquistei a fama de garanhão entre os garanhões. Fui, modéstia à parte, um dos mais generosos provedores de orgasmo que a ilha já conheceu. Minha generosidade foi amplamente recompensada, posso garantir.

As receitas severas de preliminares se tornaram sinônimo de práticas extenuantes e enfadonhas. Viraram manuais repletos de regras impostas por mulheres incapazes de chegar ao orgasmo pela via rápida e simples. E por isso acabaram matando a espontaneidade que torna o sexo interessante. Não sei se já disse, mas sou zen. O mundo acelerado me atirou ao zen. Nas práticas meditativas do zen, desacelero. Respiro fundo e relaxo. Auto-defesa. Você é zen quando faz as coisas com naturalidade. No grande jogador de tênis, a raquete como se incorpora a seu corpo. Ele não tem que pensar nos seus movimentos ao sacar. Ele simplesmente saca. Na célebre história do arqueiro zen, acontecia a mesma coisa. O arco estava integrado ao arqueiro.

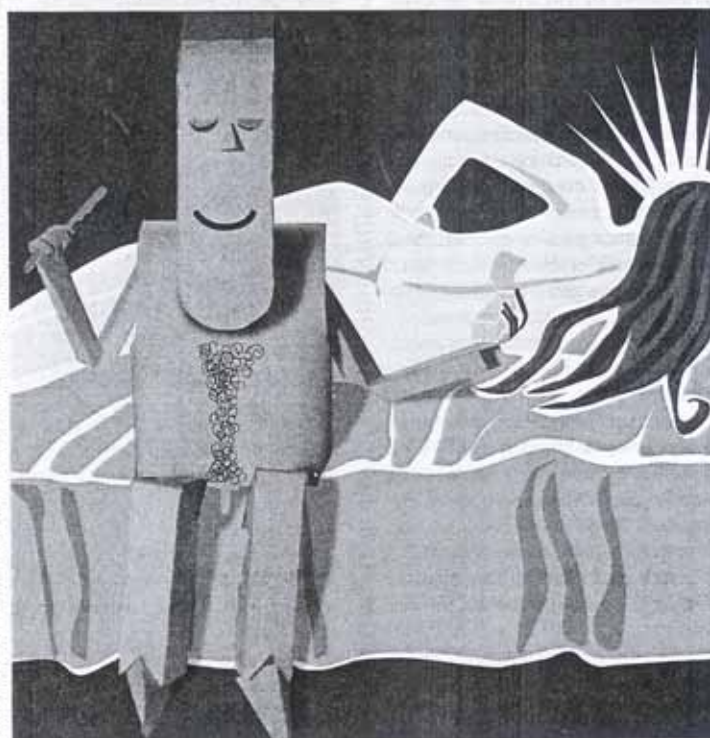
O sexo zen é sublime. Completa integração. Absorção um no outro. Mente livre para a entrega recíproca. O manual de preliminares mata o sexo zen. Elimina, como um pistoleiro de aluguel, as chances de espontaneidade. E o sexo, quando não é espontâneo, é desprezível: duas pessoas em poses estranhas e emitindo sons igualmente esquisitos. Plasticamente é indefensável. O sexo não

admite cálculo. O sexo não admite reflexões sobre quantas etapas você já percorreu no manual de preliminares. Se você espera dela, ansioso, a autorização para enfim entrar no templo das delícias, você perdeu o melhor. Você foi robotizado.

Tagarelize zero

No sexo zen, ninguém cobra e ninguém é cobrado. Não existem roteiros impostos. Tudo flui como num improviso. As coisas acontecem apenas porque acontecem. Nada é programado e nada é artificial. Não há por que perder tempo na busca de explicações. O sexo zen é a negação dos manuais de exigên-

cias. E exatamente por isso é tão bom. Se não bastasse tudo isso, o sexo zen exclui tagarelize. Isso quer dizer que ninguém é obrigado a discutir a relação depois da cópula. É mais uma grande virtude. O sexo zen dispensa, no silêncio, a pergunta mais tola que se pode fazer e também a mais comum: "Foi bom para você?" Se foi bom, a pergunta é desnecessária. Se não foi, induz à mentira. E então volto a Brando e ao filme *Último Tango em Paris*. Brando foi zen, foi natural. Não maquiou, não calculou. E sua amante fez o mesmo. E por isso, livres de receitas escravizadoras, construíram a maior cena de sexo da história do cinema. ::





::O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE POR JUAN IGLEZIAS jglezias@abril.com.br

A MULHER E A NATUREZA

POR QUE ELAS NÃO QUEREM SER ELAS MESMAS?



Eu não suporto mais a indústria que floresce em torno do assassinato da beleza natural das mulheres. Francamente. Outro dia vi um cartaz em que uma mulher linda, axilas à mostra, vendia desodorante. É uma aberração. Não existe nada mais enfeitador, para homem que é homem, que o cheiro da mulher. Meu amigo e conterrâneo Fabio Hernandez, o homem sincero, uma vez escreveu um texto sobre esse assunto. (Ouvi dizer que Fabio virou um monge suplicante na Índia, mas pode ser apenas mais uma teoria conspiratória. Acabei de ler *O Código Da Vinci* e suspeito que toda a realidade aparente seja, na

verdade, uma imensa teoria conspiratória.)

O perfume da mulher embriaga, enleva, conforta. Traz alento, traz esperança. Você fecha os olhos, aspira aquela fragrância incomparável e chega à conclusão de que o mundo não é tão mau assim. Existem ladrões, assassinos, crianças de pé descalço nas ruas. Existem terroristas, doenças, animais maltratados. Mas também existe algo de inebriante beleza, o cheiro feminino. Há salvação.

Napoleão. O baixote francês conquistou o mundo, mas foi subjugado pelo cheiro fescenino de Josefina, sua mulher. De volta de suas campanhas militares, Napoleão

mandava emissários para a corte. A ordem era avisar Josefina de que ele chegaria dali a alguns dias. No código íntimo do casal isso significava que ela, a partir do aviso, não tomava banho até o marido chegar e carregá-la para a cama imperial. Napoleão, como todo grande general, era fascinado pelo cheiro da pólvora. Mas o cheiro de mulher tinha ainda mais poder sobre ele. (Algumas revistas estrangeiras trazem, como brinde, amostras de perfume. Tenho certeza de que, se a VIP um dia oferecesse uma amostra da essência natural de uma mulher, bateria o recorde de vendas. Atenção, editor.)

Recuerdo de Havana

Mas eis que neste mundo artificial em que vivemos as mulheres vão se tornando mais e mais, também elas, artificiais. São os peitos de silícones. Os cabelos de múltiplas cores. As bochechas que se inflam ou se desinflam ao sabor da moda. Os dentes mentirosamente certos e exageradamente brancos. Tudo em ordem. Portanto, tudo enfadonho e monótono. Tudo igual. A natureza é obliterada pelos arranjos e pelos artifícios. E assim o perfume de fêmea se esvai, tragado pelas fragrâncias adocicadas do momento.

Deus fez a mulher como ela é. E a mulher desfez a mulher. Mas nem todas. Não Paloma, um dos meus melhores recuerdos de Havana. Em seus vestidinhos leves e simples de cubana batalhadora, Paloma tinha um porte de rainha de todas as França. Duvido que a visão deslumbrante de Paloma não desviasse a atenção de um bispo compenetrado. Paloma sabia como agradecer seu homem. Em tardes quentes e preguiçosas, éramos Josefina e Napoleão, imperadores da paixão abrasiva, ela com seu cheiro não corrompido, eu com o ardor obstinado que é a recompensa suprema que ofereço às mulheres que insistem em ser mulheres.

ATITUDE

A CÚMPLICE POR CYNARA MENEZES cynaram@uol.com.br

Que venham as burrinhas!

Ela pensa que parapeito é sutiã? Relaxe e se delicie com os dois neurônios da gata

Ah, as burrinhas... Generalizadas no imaginário como louras, podem ser morenas, gordas, magras, altas – as combinações são incalculáveis, principalmente para o cerebrozinho delas. E podem ser deliciosas. Três vivas às mulheres burras, que delas será o reino dos céus.

Imagina que na tua rede, numa festa, caiu um peixão. Vocês nem conversaram ainda, só estão curtindo aquela de “não pense, dance”. Logo, resolve levá-la até o balcão do bar. Nessas horas, o homem quer impressionar com o que tem de melhor: o papo. Sim, me desculpem, rapazes, mas em vocês a burrice é imperdoável. Alguém disse, com sabedoria, que o ponto G, tão arduamente procurado nos recônditos femininos, na verdade está no ouvido.

Não há nada pior, até para uma burrinha, do que escutar algo do tipo: “Está desacompanhada?” Tampouco funcionam frases do gênero “Você já leu *Palmeiras Selvagens*, de William Faulkner?” no exato instante em que o DJ ataca de Sex Pistols. Aconteceu comigo, juro. Para minha sorte, ele destuiu no terceiro “Como?”

Mas ela transpira no vestido negro e te inspira. A música nem está tão alta assim, por que não arriscar uns versinhos? Ela te lembrou Rimbaud: “A estrela banhada de rosa tuas orelhas...” Orelhinhas lindas, aliás. “Você conhece Rimbaud?” E a gata: “Adoro as pinturas dele!” É então que você repara na pintinha.

De que vale um intelecto diante de uma pintinha grudada pouco acima do lábio superior de uma boca carnuda? A pintinha, para começar, é muito menos previsível. Que caprichos da genética fizeram-na pousar justamente ali? Você conclui que clonar pintinhas deveria ser mais importante do que replicar ovelhas, e fala para ela. Que sorri.

Bingo: um homem que sabe divertir as mulheres está com a vida ganha. Lembra de Jessica, a pin-up de *Uma Cilada* para



Roger Rabbit? A certa altura, o detetive do filme pergunta o que uma gostosa daquelas faz com um coelho baixinho feito Roger. Jessica responde: “Ele me faz rir”. O que nos leva de volta às mulheres burrinhas: elas gostam de sorrir. Algumas, inclusive, são engraçadíssimas.

HOBSBAWM E O ESCAMBAU

Na verdade, quem mais odeia as burras são as próprias mulheres. E não acho difícil que, por mais inteligente que seja uma mulher, no fundo sinta uma pontinha de inveja delas. Talvez, ao querer ser sabida demais, a mulher perca um pouco daquela inocência, tão graciosa, que todas um dia tivemos.

Sabe-se lá por quê, todo homem gosta de ensinar coisas à sua parceira. É uma vantagem da burrinha: com ela, se tiver paciência, o cara tem um mundo de ensinamentos pela frente. A linha que separa a inteligência da cultura é muito tênue. Até que descubre se ela é de fato burra ou apenas inculta, já se passaram noites ótimas.

Apresentei a teoria dessa mulher naïve como a companheira ideal para um amigo. Ele ponderou que não dura

muito tempo. E que virtuosismos cerebrais podem garantir que uma relação seja longa? Intensa enquanto dure, dizia o poeta que, antes de mim, argumentou ser a beleza fundamental, não os miolos.

Pegue uma burrinha para cuidar de vez em quando. Apresente-lhe Gilberto Freyre, Hobsbawm, o escambau. Leve-a para ver uma ópera e ache graça quando ela confundir o libreto com o menu. Dê a ela um intensivo de conhecimento, entre um beijo e outro na tal pintinha. Se não conseguir, pode deixá-la. Se conseguir, ela pode deixá-lo. Faz parte do jogo.

Quanto às mulheres, elas que se virem para resgatar essa burrice perdida. É preciso se desbeauvoirizar: Simone de Beauvoir, idola das feministas, se roía de ciúmes ao ver o velho caolho do Sartre bancar o pé-de-valsas com suas pupilas. Sabiam?

Agora, se você topa com uma mulher linda e de Q.I. mais alto que o salto plataforma, está perdido, irmão. E se, além de tudo, ela ainda souber reconhecer, com seu olhar mais temo: “Não, não sei nada de Rimbaud...” Cuidado, você acaba de encontrar a mulher ideal. Nem Casanova resistiria ao aconchego. ☒



:: A CÚPLICE POR CYNARA MENEZES cynaram@uol.com.br

PELO DIREITO DE EJETAR A PATROA

SE O AVIÃO VIROU ZEPELIM, O NEGÓCIO É DEVOLVER O TRAMBOLHO E ALEGAR PROPAGANDA ENGANOSA



Eu não acredito no casamento. Para mim, é possível amar alguém a vida toda, mas é impossível amar alguém todos os dias. Até a si mesmo. Acaso você, leitor, acorda diariamente in love com a sua pessoa? Pensa que é um sujeito genial, boa-pinta, ao fazer a barba a cada manhã? Duvido.

No entanto, acho que duas pessoas podem realmente estar apaixonadas a ponto de querer dividir a cama todas as noites, compartilhar as agruras da vida e rachar as contas do mês, vá lá. A gente nasce tão só... É bom ter companhia. Resultado: pelo menos uma vez na vida, todo mundo tenta deixar de ser ímpar. Encontra a pessoa que julga certa e comete o passo incerto, ops, se casa.

E vira par: não é mais eu, somos nós. Duas pessoas razoavelmente parecidas – esse negócio de opostos que se atraem só serve para a física, é papo furado –, que caminham juntas, respeitando a individualidade do parceiro. Cada qual rumo a seu objetivo, mas com o suporte amigo do outro.

Só que, na real, na imensa maioria das vezes o que acontece não é nada disso. Depois

de algum tempo, às vezes nem muito, a gente vai se distanciando da tal metade da laranja. Olhando com a lupa do dia-a-dia, começamos a observar estranhas nuances. Ou será que o amado mudou mesmo? Casamentos, antes de tudo, deveriam vir com uma cláusula em relação ao cônjuge: em caso de defeito, aceitamos a devolução do produto.

TPM gigante

Outro dia, encontrei um motorista de táxi atormentado. Daquelas pessoas que, a gente percebe, precisa abrir o coração para alguém. O trajeto era longo; me escolheu. Contou que estava casado desde os 20 anos – tinha 45. E estava louco de vontade de se separar, de experimentar um pouco a liberdade, saber como é ter uma casa só para ele. Sair e chegar a hora que quisesse, ver TV, se esparramar numa cama. “Não ter ninguém para encher o saco.” Coisa simples hoje em dia para qualquer um. Para ele, um drama. Muita culpa.

Eu só pensava: “Caramba, 25 anos já deu, está bom, cai fora. O cara casou novinho, é natural que deseje viver diferente; e é egoís-

mo alguém prender outra pessoa assim”. A gota d’água: a mulher simplesmente virou evangélica radical. Nada contra os evangélicos, mas ninguém tem o direito de se casar e, da noite para o dia, decidir que sua nova religião não permite tudo o que antes era normal, até uma cerveja.

Você provavelmente já viu ou viveu algo parecido. Foi só casar e aquela menina divertida se transformou em um tema para a ciência: tem a maior TPM do mundo – digamos que a fera menstrua entre as TPMs. O.k., as pessoas mudam, mas tudo tem seu limite. Inclusive fisicamente. Não dá para casar com um avião e, de repente, ela se transformar num zepelim. Não dá para escolher um bailarino e ter de, logo depois, se conformar com um tenor. Veja bem: se a gente tiver se apaixonado pelo zepelim ou pelo tenor, é outra história. A metamorfose é que incomoda.

O marido vive bebem? A patroa não corresponde? Devolve. Podia-se criar uma repartição pública para atendimento do cônjuge ludibriado. O sujeito chegaria e diria para o barnabé: “Olha só, quando eu peguei essa pessoa, ela prometeu me amar e respeitar, e agora a única coisa que faz é reclamar”. O homem preencheria um formulário, abria uma sala e jogaria o produto lá, com o rótulo: “Propaganda Enganosa”.

Na solidão da prateleira, ao lado de liquidificadores sem pá e telefones mudos, os parceiros avariados poderiam repensar seu excesso de mau humor e sua escassez de amor. Poderiam verificar dentro deles onde, afinal, está seu verdadeiro eu: naquela pessoa apaixonante dos primeiros tempos ou no mutante que resmunga mesmo dormindo? Poderiam até malhar um pouco – cuidar-se para o outro também é amar.

Tai: o ideal seria um misto de spa e depósito do Procon. O único cuidado a tomar, então, é que o devolvido não seja você.

ATITUDE

O MAPA DAS MINAS POR MARCELO RUBENS PAIVA paivinha@ig.com.br

Viajando no silicone

Linda, cheirosa, tudo de bom. Mas quer turbinar os seios. Vai entender...

A dúvida de Kafka? Nadica. É de Nina. Ou Talita Castro, personagem teen da novela *Metamorphoses*, a conturbada produção da Casa-blanca, exibida pela Record – ou, como se dizia antigamente, pelo 7. O mundo é uma barata! E há sete pecados.

Nina entra na clínica de cirurgia plástica, chamada Clínica Metamorphoses, para fazer a sua o quê? Metamorfose, claro. Ela tem uns peitos lindos, gata, mas, numa cena real, vida como ela é, o apelo da novela: Nina vai anestesiada para a cirurgia, leva dois cortes na linha de baixo do peito e coloca silicone. Tudo em cores e em alta definição. Na TV do bispo. O Brasil só não é impossível porque existe. Vaidade é qual dos sete pecados: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho, preguiça ou nenhum dos anteriores?

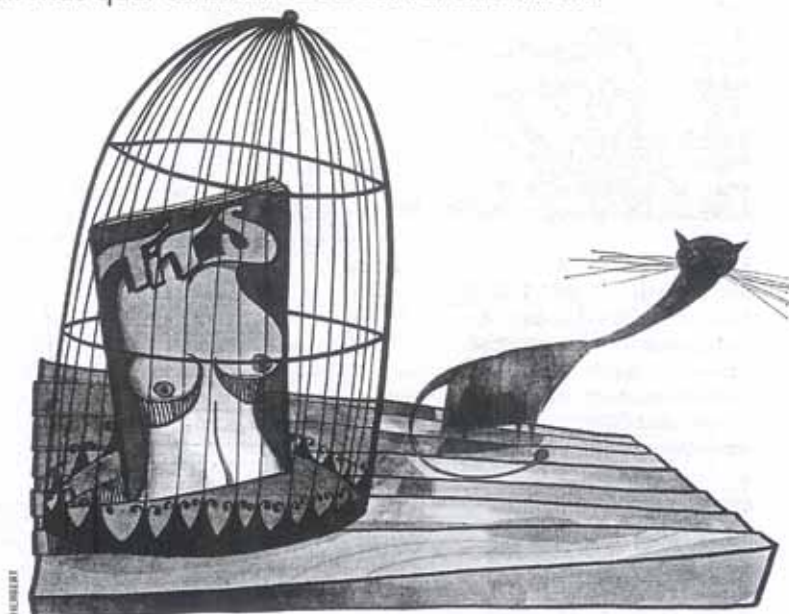
O diferencial da novela faz a festa das muitas clínicas do gênero. Rola já-bá? Quem saberá? Choca, choca... Não as imagens, habituais hoje em dia na TV. Tem até um canal, Discovery Health, só disso. É chocante uma garota – atriz, linda e com um corpo teen – submeter-se a tal metamorfose. Por quê?

Bem, uma atriz, em começo de carreira, topa qualquer parada. Já a menina que mora na atriz...

Essa pergunta leva a um dos grandes dilemas femininos: para quem as mulheres se produzem? Uma resposta possível: para elas mesmas. Uma resposta de botequim: para competir com as outras.

NÃO OLHE AGORA

Na estatística de boteco, nove entre cada dez homens brasileiros afirmam que não gostam de peitos de silicone. Não sabem o que fazer com eles, como manipulá-los, se doem, se elas sentem prazer mesmo com o plástico em torno e, seguramente, preferem *al naturale*, sem cicatrizes, sem traumas.



Se isso é um fato nunca apurado por institutos de pesquisas, mas que gera muitos debates entre alguns chopos, por que as mulheres colocam silicone?

Volto à pergunta: para quem as mulheres querem ser belas? Para quem elas alisam os cabelos, pintam as unhas, fazem botox, lipo, serram narizes, lixam queixos e ficam histéricas com uma tal celulite? Sendo que nove entre dez homens nem sabem o que é essa gordura localizada, nunca repararam, a não ser quando a amada se levanta nua da cama e exclama, contorcendo o corpo: "Não olhe para as minhas pernas agora!"

Tenho uma hipótese: mulheres adoram revistas. E a maioria delas foram feitas para elas. Desde as leitoras de Machado de Assis e Flaubert – muitos deles pagavam as contas colaborando em revistas femininas –, mulheres passam horas com uma revista no colo.

Numa banca, lá estão elas, as revistas, em penca. Algumas publicações,

para as mulheres conservadoras. Outras, para as mulheres com vida sexual insatisfatória. Outras, para as que querem detalhes de pontos alfabéticos e zonas obscuras. Tem as revistas das gatinhas. Tem as revistas das gatinhas românticas. Tem as revistas das gatinhas iradas. Tem revistas para todos os tipos de gatinhas, das liberadas às neuróticas pela aparência. Sem contar um sem-número de revistas com detalhes da vida íntima do artista preferido, e se faz o círculo fechado do mundo da fama: Senna, que namorou Galisteu, que se casou com Justus, que namorou com Fabi, que saiu com Szafir, que teve uma filha com Xuxa, que namorou Senna.

Minha tese: mulheres querem ser iguais às de suas revistas, por acreditarem que assim é que são elas, assim elas devem ser. Mas quem sou eu, nesta revista masculina, para metodizar sobre assuntos que nem as baratas explicam? Bem, tentei. E vou pagar minhas contas... 

Aitude::

:: O MAPA DAS MINAS POR MARCELO RUBENS PAIVA palvinha@ig.com.br

YEESSS! OOHhh! UHHH!! (VERSÃO SEXO FRÁGIL)

A INDÚSTRIA DO PORNÔ FATURARIA AINDA MAIS SE PRODUZISSE FILMES PARA O PÚBLICO FEMININO



Mulher gosta de filme pornô? Assiste para aprender uns truques? Sente prazer? Há diretoras atrás das câmeras da indústria do pornô? Não ouvi falar. Se houvesse, tais filmes seriam diferentes dos dirigidos pelos homens? Com certeza.

Alexandre Frota apareceu outro dia na Rede TV!, no programa de João Kleber, para falar de seu novo ofício: atuar em filmes pornôs. O salvador. Algumas cenas de seu desempenho foram exibidas. Nada explícito. Beijos, lambidas e agarros, numa cela. Aparentemente, ele faz um preso atormentado sexualmente por suas algozes. Atormentado? O filme, aliás, o DVD é um campeão de vendas, falam por aí. Estão todos curiosos. A notícia se espalhou. E sempre acompanhada de espanto: "Sabia que o Frota está fazendo filme pornô?", "O Frota está fazendo filme pornô?!?", "Sim, sabia?"

Frota, ou Frotinha, é um dos caras mais

simpáticos do mundeco do entretenimento brasileiro. Tem o corpo malhado de quem pega ferro, uma voz gutural, parece um pit-boy insano e brigão. Nada disso. É puro e ingênuo, quase assustado. Gente finíssima.

Começou como ator de primeiro time. Namorou grandes estrelas. Fez teatro de qualidade, como *Blue Jeans*, em que dividiu o palco com o grande Fábio Assunção e outros, como Maurício Mattar. Foi pra geladeira e reapareceu na emblemática primeira edição de *Casa dos Artistas*, para salvar a audiência.

O salvador? Sim, está tatuado em seu braço: "Jesus, o Salvador", e nas cenas exibidas de seu DVD pornô ele aparece agarrando uma atriz por trás, com a tatuagem do braço em primeiro plano: "Jesus, o Salvador".

Sete minutos de bandalheira

João Kleber diz, em entrevista reproduzida no site *Eu Odeio João Kleber* (www.euodeio

joaokleber.blogger.com.br), que seu programa agora é visto pelas classes A e B. Eu não odeio João Kleber. Ele é parte de uma máquina que precisa de Joões para se sustentar. O problema não é o João, mas o Zé que está diante da telinha. Esse mesmo Zé também sustenta a rica indústria do filme pornô. E a Maria? No *60 Minutes*, sim, no prestigioso programa da CBS, afirmou-se que neguinho fica apenas entre 3 e 7 minutos assistindo a um filme pornô. É o tempo. E a mulher, por quanto tempo assiste?

Já vi mulheres vendo filmes pornôs. A primeira coisa que elas observam: as celulites, estrias e afins das pernas das atrizes. Sempre comentam: "Como podem escolher uma atriz com pernas tão feias?!" Analisam o volume dos seios, perguntam se os delas são maiores ou menores do que os das atrizes. Ironizam seios caídos. Criticam os gemidos e gritinhos, "aiiii..." Quebram uma dúvida masculina: "Claro que estão fingindo, mas podem até estar gostando". Não se assustam com o tamanho desproporcional do falo de atores e lembram: "Já catei um cara assim, é horrível". Mas não escondem o orgulho de já terem experimentado um falo gigante. E aí é nossa vez de perguntar: "O meu é grande, pequeno, médio? Faz diferença ser grande, largo?" Elas, maternalmente, sempre dizem, para o alento do homem médio: "Não faz diferença, anjinho..."

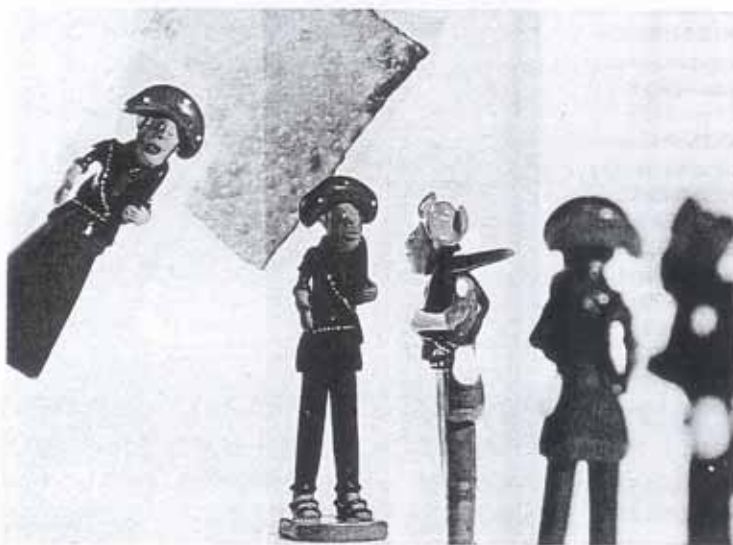
Frota aponta na entrevista quem aluga seus filmes: homens, hêteros e gays, e casais. Mas é sempre o homem. Por que nunca as mulheres? Problema cultural? Nadica. Porque tais filmes são feitos por eles, para eles. Se alguém quer faturar bastante, uma dica: comece a produzir filmes dirigidos por mulheres, para elas. Esses, sim, serão "os salvadores" de muitas noites tediosas, porque já é hora de a mesmice dos filmes pornôs ir para o ralo. Nem Frota nos salva dessa falta de criatividade.

Aitude::

:: O MAPA DAS MINAS POR MARCELO RUBENS PAIVA paivinha@ig.com.br

O HOMEM QUE ENTENDIA AS MULHERES

A HISTÓRIA DE ARNALDO, O MONSTRENGO QUE DISTRIBUÍA CONSELHOS SOBRE A ALMA FEMININA



Tá certo. Há uma tremenda incoerência neste título. Com a idade, descobre-se que as dúvidas existenciais não têm solução e persistem, que os dilemas da humanidade permanecem dilemas, e as mulheres, quem as entende?

Arnaldo. É, Arnaldo. O homem que entendia as mulheres. Ninguém sabe de onde ele veio nem quando apareceu. Arnaldo, uma aberração da natureza: baixo, com o pescoço mais largo do que a cabeça, mas magro de doer, vesgo, com os dentes tortos e as mãos peludas. Era quem preparava o caldo de cana de uma pastelaria da rua 15 de Novembro, em Santos. Era quem cuidava da ressaca de muitos homens intrigados.

Começou assim, chegou um bebum e lamentou: "Cara, ela disse que não me quer mais, foi para a casa da mãe. Insisti, volta, chorei, pedi desculpas, já faz 20 dias, e ontem me avisou, mandou eu fazer uma caixa com as coisas dela, é o fim, terminou, e ainda amo aquela mulher, não sei o que faço..."

Arnaldo ouviu, apesar do barulho da máquina de moer cana, serviu uma dose com limão e aconselhou: "Faz a caixa, mas só com a metade das coisas dela. Vai por mim. Quando ela pedir o resto, pede para ela ir buscar pessoalmente. Então, jogue todas as fichas, declare seu amor, implore para ela ficar. Quando uma mulher pede suas coisas, ela não quer ir definitivamente, quer apenas uma prova de amor".

Outros clientes discordaram, disseram que homem não pode ceder, que mulher é problema, essas coisas. Mas o bebum, sem ter em que se apegar, seguiu os conselhos e reapareceu, três dias depois, sóbrio, de barba feita e com uma garrafa de vinho de presente, que entregou a Arnaldo: "Isto é para você, que salvou meu casamento. Segui seu conselho, e funcionou. Voltamos. Estamos apaixonados..."

Outro freguês ouviu aquilo e disse: "Já que, pelo visto, você entende as mulheres, me explica uma coisa. A minha todo dia chega em casa e diz que foi cantada por alguém, do chefe ao cobrador, e isso está me matando de ciúme,

tenho medo de perdê-la, não sei o que fazer".

Arnaldo nem parou para pensar e respondeu de imediato: "Ela só está chamando sua atenção. No fundo, quer muito você, só quer você, acha você o tal, acha que não é mulher para você. Fique tranqüilo e seja amoroso".

Um rapaz que escutou emendou uma pergunta: "Conheci uma garota, me apaixonei, mas ela não dá para mim. Ela não tem tesão por mim?" Arnaldo, com a paciência de um sábio, disse: "Ela o adora. Até demais. Tem medo de dar para você e de você não gostar. Só há um jeito. Dê um anel de presente. Fique noivo dela".

Expulsem o picareta!

Os dois casos acima se confirmaram. A notícia se espalhou. Em dias, havia uma fila na pastelaria. Queriam caldo de cana e conselhos. "Ela acha que sou mulherengo, mas só tenho ela, só quero ela, apesar de ela reclamar de tudo." "Então, nas próximas semanas, broxe. Diga que você era, sim, mulherengo e que ela o fez perder o interesse pelas mulheres. Então, milagrosamente, cure-se quando ela estiver nua no banheiro. E faça amor com ela seguidamente, durante dias, agradecendo por ela existir."

Pessoas de toda a Baixada vinham se consultar. Em meses, o trânsito da 15 de Novembro foi desviado, devido à multidão que se acumulava na porta. Tumultuou a rotina do centro. Na reunião da Câmara de Comércio Santista, o presidente foi à tribuna e proferiu: "Não queremos ninguém que entenda as mulheres. Queremos a paz de volta à cidade". Já a presidente da Associação de Mulheres do Bem, esposa do presidente da Câmara de Comércio, exigiu: "Expulsem agora esse falso conselheiro da cidade. Queremos continuar confundindo, para o bem da família santista!"

Assim foi decidido. Arnaldo fez suas malas. Partiu numa madrugada. E fez-se a paz.

Atitude::

:: O MAPA DAS MINAS POR MARCELO RUBENS PAIVA paivinha@ig.com.br

O OUTRO

O PAU COMEU. ELA SAIU DE CASA, NUNCA MAIS VOLTOU. E O CULPADO É VOCÊ

Eu queria de qualquer maneira: "Ali está, a minha mulher. É ela!" Mas ela, nada. Eu já andava sem esperanças, me dediquei ao trabalho, até comecei a sair com umas garotas bizarras, quando ela chegou de surpresa com uma mala: "Me separei, vim morar com você!" Eu, deslumbrado. Amar...

Meus amigos repararam: "Como você está diferente, mais jovem". Compramos livros, lemos poesias juntos. Trepávamos na cozinha, no banho, na varanda. Como ela é sensual, gostosa. Iamos a todos os filmes e peças. Mas começaram aqueles telefonemas no celular dela, ou umas surtidas. Eu ligava, ela não atendia, depois dava aquela desculpa: "Deixei no silencioso..." Comecei a ter um ciúme como nunca tinha tido. Especialmente quando ela começou a me tratar mal na frente dos amigos.

Um dia, tinha uma caixa de camisinhas no carro dela. Ela disse: "Deve ser do meu irmão, eu emprestei o carro pra ele à tarde". A garota provocava, gostava de mostrar que era assediada. Merda! A vida é uma merda! Por que algo não pode dar certo? Num jantar com nossos amigos, ela não apareceu. Chegou tarde em casa. Disse que tinha passado mal no trabalho. Dei um basta: "O que está acontecendo?" Brigamos. Ela saiu e nunca mais voltou. Na nossa primeira e única briga.

Liguei, liguei, e ela não atendeu. Depois, mandou eu fazer umas malas com suas coisas. Mandou o irmão vir pegar. E, então, o verdadeiro pesadelo começou. "Vem, garota, volta pra casa, nossa casa." Ela, nada. Um dia, ligou, que tinha sido assaltada. Caiu a ligação. Liguei desesperado, procurei-a em todas as delegacias. Nada. Até um amigo encontrá-la na mesma noite, numa festa, dançando com você, linda. Nos vimos depois, trepamos, ela dizia que ainda me amava. Mas sumia. Estava com você, óbvio. Mas nunca assumia.

Passávamos uma noite de amor, e ela ia embora. Porque ia pra você. Começou o jogo. Eu tentava, em cada e-mail, decifrar cada



frase, cada palavra, até a pontuação, para ver o que estava acontecendo, se íamos voltar. E ficava horas decidindo a resposta, cada linha, cada palavra, para fazê-la se apaixonar por mim novamente. Dava certo. Saíamos. Ela sugeria o restaurante mais charmoso. Era aquele papo maravilhoso. Trepávamos depois. E sumia de novo.

Bebaça, às 3 da matina

Emagreci. Um caco. Ela confessou, estava com você, que estava uma merda, vocês só brigavam, que detestava sua mania de ficar em casa o dia inteiro, mas estava com você. "Vamos voltar, garota." Ela dizia que estava pensando, mas sumia. Então, inverti. Passei a sumir, a sair com outras mulheres. Daí, ela pirou, veio atrás, deixava recados assim: "Saudades, quero te comer agora". É, a tua mulher.

Uma vez, me ligou bêbada de uma festa às 3 da manhã. Disse: "Está tocando nossa música". Eu falei: "Vem pra cá já!" Ela só disse: "Não posso!" E desligou. Devia estar com você. "E aí, garota, o que você quer?" Ela disse que gostava dos dois, se era possível isso, alguém gostar de dois. Ela queria tudo.

Fiquei doente. Ia a médicos, eles não sabiam o que eu tinha. Eu sabia. Minha doença era tristeza. Eu sabia, não adianta mais viver, ela é a mulher, pra que seguir adiante?

Quando acordo, penso que ela está encolhidinha, dormindo ao meu lado. Quando saio de carro, finjo que ela está ao meu lado e ligo o rádio e canto pra ela. Você já amou alguém assim? Ofereci tudo. Tínhamos planos. Mas você apareceu. O que você tem? Ela te ama, cara, mais do que tudo. Ama muito. Só pode ser. Você é o homem da vida dela. Não eu. Você não quer muito. É duro ser abandonado. É duro ter que esquecer. Amor... Achem que todos os males são curados por ele. Toda burrice, ganância e exploração serão esquecidas diante de um casal apaixonado numa cabana de felicidade. E se acabam os problemas. Outros dizem que amor não existe. Desculpe. Vou acreditar que existe. É possível. Mergulhei. Não deu. Mas ele existe, eu vi. Esteve próximo, na palma da mão. E agora me sinto um pregador. O amor existe. É a janela para outro mundo. E é inesquecível. Transforma alguém em outro mais vivo.

Atitude::

:: O MAPA DAS MINAS POR MARCELO RUBENS PAIVA paivinha@aig.com.br

UM DE 40 OU DOIS DE 20?

SUJOU! ELAS RESOLVERAM IR À FORRA E ESTÃO TROCANDO HOMENS MADUROS POR GAROTÕES



E ela diria: "Mas é isso mesmo o que quero. Caviar não é tudo na vida. Enfie seu champagne na geladeira. E rafting é mó barato".

Professora em cana

Mas os estereótipos estão em mutação. Alguns homens não têm mais trocado suas mulheres por garotinhas mais novas. Muitos deles partem para uma aventura mais perene e serena e escolhem mulheres mais velhas, tipo aquela que quer acertar, já foi casada, já teve seus filhos, já jogou para baixo da cama o relógio biológico, ganha o próprio soldo, sabe o que quer da vida, conhece as neuras masculinas, viajou o suficiente, experimentou de tudo, foi hippie, punk, yuppie e grunge, enterrou seus Édipos, deu pra Deus e o mundo, dançou "você não soube me amar" na adolescência e adora um bom filme da TV.

Já muitas mulheres estão indo atrás de seus garotinhos, seus rapazinhos. Querem o frescor, o vigor, ensinar, indicar, sugerir, transformar, moldar, o licor, a ansiedade, a paixão, as novas bandas, as novas trilhas, acampar, andar de jipe na lama, escalar, caneta bic e rock pesado.

Foi lá, nos Estados Unidos, que uma professora casada, de 35 anos, assediou um garotão, aluno seu, de 15 aninhos. Os diretores da escola denunciaram. Ela foi em cana, tadinha. O marido a largou. Ela viu o sol quadrado por uns anos. Ganhou liberdade condicional, por não representar mais perigo à sociedade, contanto que mantivesse distância do rapazinho. Foi presa de novo um dia depois. Flagraram ambos transando num carro, num estacionamento. Mais. Ela engravidou. O juiz, furioso, reclamou da quebra de confiança. Sua justificativa chocou: "Mas eu o amo!"

Isso não muda. O homem com a garotinha pergunta maliciosamente aos amigos: "Não é uma coisinha?" Já as mulheres com seus garotinhos continuam dizendo: "Mas eu o amo!"

Faça rapidamente as contas: quantos casais você conhece cujos membros têm a mesma idade?

Se você não agüenta a garota com chiclete de morango, bolsa verde-limão, gírias como "mó legal", "sussu", "belê", que não sabe quem foi a banda Blitz, que acha que Fernanda Montenegro é apenas a mãe da Fernandinha, se não agüenta escutar "fiquei com fulano, sicrano", e lembra que na sua época ficar era estar ao lado de alguém, se você é daqueles que têm vergonha das besteiras que ela fala diante de seus amigos, que detestam quando ela pede suco e diz que está gorda, apesar de ser magra como um papel, e não conseguem acompanhar as evoluções dos novos DJs, se você, sim, homem brasileiro, largou sua mulher para estar com uma mais jovem, encan-

tou-se com a carinha de anjo, o corpinho de revista, saiba que elas dão o troco.

"Não quero saber de homens mais velhos. Eles são chatos, mal-humorados. Um tem problema de joelho, outro tem dor nas costas. Nada disso. Prefiro ser babá a ser enfermeira", disse Ivana Trump, de 44 anos, a ex-mulher do magnata Donald Trump, que atualmente namora um italiano mais jovem, Rossano Rubicondi, de 32 aninhos.

Penso que Donald responderia: "Tudo bem, mas ela vai ter de trocar o caviar por granola, o champagne por Pepsi Light, as viagens na primeira classe por rafting, a sabedoria pela esperança, a experiência pela alternância, a paciência pelo precoce, o meio pelo começo, o restaurante pelo botequim, o cartão de crédito pelo pagamento in cash. Boa sorte".

ATTITUDE

MULHER MARAVILHA

POR GISELA RAO giselaraio@uol.com.br

Costurar pra fora

Por que as moças de fino trato não se contentam mais com comidinha caseira?

Engraçado esse negócio de sexo... É uma coisa que nunca sai de moda e, ao mesmo tempo, ninguém inventa novas tendências como fazem no terreno fashion. No máximo, alguém cria um design novo de vibrador ou abre uma loja cult de lingerie para as patricinhas da Vila Nova Conceição.

Uma coisa que nunca sai de moda no sexo é a traição, experimentar a rúcula da horta da vizinha. Quantas e quantas vezes não acusamos os homens de serem umas grandes pestes puladoras de muro? Quantas e quantas vezes não fuçamos os bolsos do paletó deles em busca de bilhinhos e surtamos à procura de marcas de batom na camisa branquinha?

Pois é. Parece que, agora, a coisa se inverteu. Não que as mulheres estejam traindo mais que os homens, mas que estão traindo cada vez mais, ah, estão, sim. A diferença é que elas não alardeiam tanto o crime quanto eles. Além disso, um homem perderia uns cinco dias para achar um bilhete do amante na bolsa de uma mulher... Hahaha.

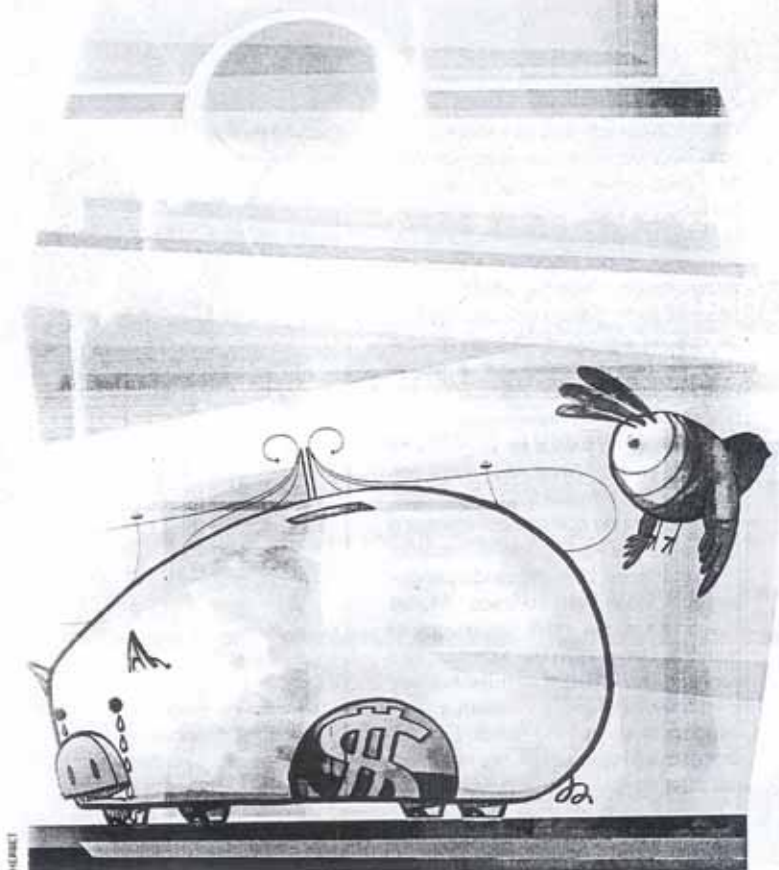
Trair hoje parece tão banal quanto comprar esmalte rosinha na farmácia ou pagar conta pela internet.

O TAMANHO DO TRECÃO

Putz, não teve jeito, acabou acontecendo também com o meu amigo Rocha. Logo ele, que achava que esse negócio de traição era como a gripe do frango: só acontecia com os outros. E ele descobriu por acaso, por uma dessas bobearas astronômicas, tipo amazing. A noiva dele, ruim de manual de instruções, não conseguiu apagar do celular um recado do segurança do carro-forte com quem ela estava saindo.

Rocha se descontrolou. O casamento desmoronando. Encostou a mulher na parede e só conseguiu dizer: "O pin-to dele é maior que o meu?"

Ficou sem resposta. E sem a mulher.



Mas continuou com a amiga aqui e me ligou, manguaçado, sem falar coisa com coisa, a não ser: "Vai, me responde – por que as mulheres traem?"

Nesse momento, minhas cordas vocais entraram em greve e não consegui responder nada, mas resolvi dar uma de Mulher Discovery e sair à caça da resposta. Conversei com antropólogas, psicólogas e até com enólogas e descobri que as mulheres traem porque:

■ "Pra se acharem de novo interessantes, bonitas, queridas... E porque querem fazer um exercício de liberdade, já que não estão mais economicamente

presas ao homem."

■ "Descobriram que sempre é tempo de ser feliz."

■ "Não são casadas com o Gianecchini."

■ "Os homens são umas lesmas e só ficam espertinhos na hora H, mas aí já estamos brochadas..." Uii!

■ "Só o espelho não resolve. A gente precisa buscar no outro a confirmação do nosso poder de beleza e sedução."

■ "Agora temos dinheiro para pagar o motel."

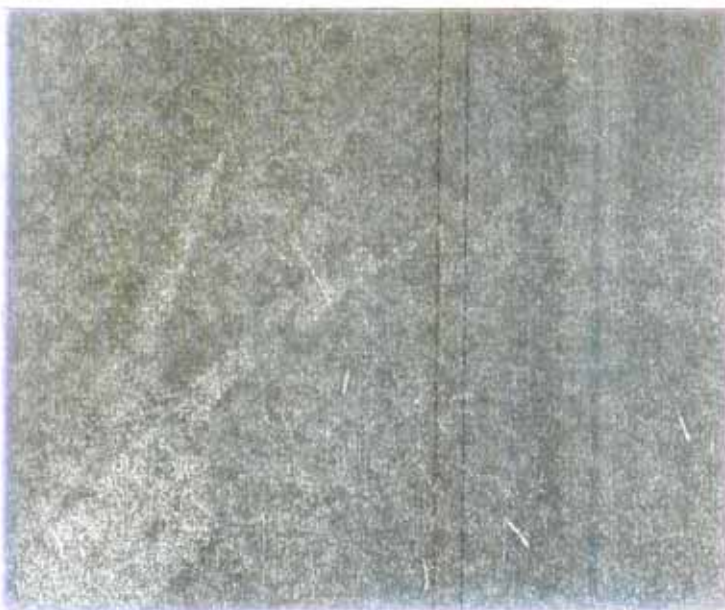
Eu, humildemente, já acho que elas pulam a cerca porque a oferta tá maior. E a culpa, bem menor... Hehehehe. ☒



:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO giselarao@uol.com.br

POR QUE PAROU? PAROU POR QUÊ?

CONHEÇA AS RAZÕES DE ELA QUERER SEMPRE DAR A SEGUNDA



Sim, sim, concordo com você: mulheres nunca estão satisfeitas. É o que chamo de "síndrome de Eva".

Deus deu o paraíso inteiro para o casal, um verdadeiro resort cinco estrelas, sem aqueles caras chatos (GOs) que ficam tentando te convencer a fazer aula de hidroginástica quando você quer mesmo é entornar uma caipirinha. Eva tinha todas as frutas do mundo à sua disposição: morango, uva, jaca, caju... Mas quem disse que ela se contentou? Mandou ver na maçã. Resultado: teve que usar folha de parreira na periquitis. E não pense que essa insatisfação só vale para as frutas, não. Pode incluir nessa listinha: roupa, maquiagem, cabelo, limite do cartão de crédito, corpo e, claro, sexo!

Meu amigo Carvalho que o diga. Ficou gamadão na loira do 47. Tingida, claro, mas com uns fardis de milha de fazer inveja a

qualquer Land Rover. Resolveu investir e fez tudo direitinho: levou a restaurante "tai", mandou narcisos, cozinhou nhoque à romanesca, e tal e tal e tal. A moça caiu que nem patinho nesse lago de sedução e ficou toda derretida pelo Carvalho. Um belo dia, chegou a grande noite. Carvalho se arrumou todo, passou gumex no cabelo, perfume nos lóbulos das orelhas e talquinho no bilau. Foi pra casa dela. Som romântico no CD player. Vinho tinto de boa safra. Lingerie La Perla. E a coisa começou a esquentar, e o cara caprichou mesmo, usando todas as 23 posições que aprendeu no *Kama Sutra* e até bússola pra encontrar o ponto G.

Morte súbita X disputa de pênaltis

Terminada a noite de prazeres infundáveis, Carvalho caiu morto como um corpo morto

cai. Suspirou de contentamento e cansaço, olhou para o lado achando que a loira estaria à beira do desfalecimento, mas, para sua surpresa, encontrou aquela cara de "Querido, isso foi só o primeiro tempo. Quero prorrogação e até disputa de pênaltis". Sim, ela já tinha renascido das cinzas tal qual fênix, e ele ainda estava o próprio pó. E pior é que o cara só tinha uma camisinha na carteira. Pior ainda é que ele já tinha dado folga pro trabuco – que, nesse momento, o olhava com aquela cara de "Misericórdia, senhor. Misericórdia..."

Carvalho me mandou e-mail no dia seguinte, querendo saber por que, com mil diabos, as mulheres sempre querem dar a segunda. Humildemente, sabendo que de nada sei, fui atrás das respostas:

- "Porque nós somos insaciáveis."
- "Porque todas as boas refeições começam sempre pelo aperitivo, passam pelo prato principal, pela sobremesa e depois vem o indispensável digestivo."
- "Eu já economizo no desodorante. Por que vou economizar no sexo?"
- "Porque achamos (pobres de nós!) que a segunda vez é o tiro de misericórdia e que eles ficarão completamente apaixonados."
- "Porque faz bem pra pele."
- "Elas sempre querem dar a segunda por causa da vantagem e desvantagem da primeira. Vantagem: não precisam levantar nada e, quando acaba a primeira, já estão prontas para outra. Desvantagem: geralmente não ficaram satisfeitas com a primeira porque o mocinho só pensa no próprio prazer. E querem tentar a segunda pensando que, talvez, consigam chegar ao orgasmo (se é que eles sabem o que é isso)."

Não sei, não. Minha opinião já é mais simplista. Acho que as mulheres sempre querem dar duas porque a primeira faz tchum, a segunda faz tchan e... tchan-tchan-tchan-tchan! Hehehe...

:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO giselarao@uol.com.br

TARADAS À SOLTA

DESCUBRA POR QUE ELAS PARTEM CADA VEZ MAIS PARA O ATAQUE

Fala sério, amigo. Você não é o rascunho da porta do inferno, mas também está longe de ser um daqueles caras lindos. Aí, chega o sábado, e você resolve tomar um drinque lá no barzinho perto de sua casa. Já na porta, sete loiras pulam no seu pescoço, e não estou falando de cervejas voadoras. Você vê aquilo e pensa que deve ter sido engano, que elas devem ter te confundido com algum produtor da Rede Globo. Você entra, encosta no balcão, e cinco morenas lhe encoram. É, rapaz, a coisa é com você. O que te vem na cabeça é: será que é o desodorante novo? Seu estômago ronca e, do barzinho, você vai para uma cantina comer um capelleti in brodo. Quando ele chega, você vira e diz: "Garçom, tem uma ruiva me dando sopa". E não é só a ruiva. Várias mulheres também estão lhe comendo com os olhos. Mesmo assim, sua auto-estima lhe joga na lona e você não consegue acreditar que é com sua pessoa. Você começa a suar frio e a ter a síndrome de Lawrence da Arábia. Não, você não está no deserto, e isso não é miragem. É a mulherada que anda tarada mesmo, partindo para o ataque e deixando a defesa descoberta. Mas por quê? Por quê???

Fantasminha Pluft

Eu me embrenhei nas selvas da psique feminina para buscar as respostas. O trabalho foi árduo, mas aí está:

"Será que a mulher está tarada mesmo ou são os homens que não estão sabendo lidar com essa nova mulher, que a cada dia descobre mais seu corpo e suas formas de sentir prazer?"

"Porque elas estão se conhecendo melhor e aprendendo a feliz arte do gozo (antes dominada apenas pelos homens)."

"Porque elas sacaram que é ótimo perder tempo pensando em sexo e não em coisinhas pequenas que só fazem as mulheres ficar mais irritadas e mais neuróticas."



"Porque estão em busca do tempo perdido."

"Porque, agora que os homens começaram a nos manusear direito, queremos é mais!"

"Pode ser tamponamento de carência, para aquelas mocinhas que têm uma vida uó, um trabalho chato, uma família que nem merece comentários e um hétero que só pensa em futebol e usa meias brancas com sapato preto. Alguma coisa ela tem de ter, né, meu bem? Outra coisa que torna as mocinhas taradas é deparar com bofes tudo-de-bom... Sabe aqueles mocinhos perfeitos, com corpo lindo e que não abrem a boca

para nada? Pois bem... E ainda pode ser fogo interno mesmo. Sabe aquelas mocinhas acaloradas e aquelas não muito mocinhas perto da menopausa? Pois é..."

"É porque a mídia metralha sexo o tempo todo na nossa orelha. Veja o – arghhhh – fenômeno *Big Brother*, por exemplo: sempre tem um casal metido debaixo do lençol, e garanto que eles não estão brincando de Fantasminha Pluft."

Eu, humildemente, acho que as mulheres andam muito taradas porque tem filme novo do Brad Pitt na praça. Hahaha.

:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO giselarao@uol.com.br

FÊMEA GAMA. E PONTO FINAL

ENTENDA POR QUE ELAS NÃO CONSEGUEM SEPARAR SEXO DE AMOR

Vai ter briga de mina aqui na redação da VIP, porque a Mulher Honesta, à minha esquerda, acha que a mulherada não tá nem aí pra essa coisa de sexo com amor. Eu discordo da colega. E tem mais: desafio a amiga colunista a assumir, publicamente, que nunca deu e se arrependeu porque o cara não ligou no dia seguinte, nem nunca mais. Eu digo aquele cara com um bom potencial pra ser namorado, claro, pra andar de mãos dadas na sessão de cinema do shopping.

Tomamos muitas cacetadas, mas acabamos finalmente compreendendo e aceitando que, sim, os homens têm um compartimento cerebral que separa amor de sexo maior que o nosso. É por isso que você, amigo leitor, tem a capacidade de abater aquela morena que você conheceu na balada com o mesmo sentimento com que rega uma samambaia de plástico ou aperta um tubo de pasta de dente.

Confessa: quantas vezes, depois da transa,

você olhou pra mina e se arrependeu de não ter instalado uma catapulta ao lado da cama? Um botão de eject? Pois é, e a coitada achando que a coisa era séria, te ligando no dia seguinte, mandando e-mail, sem nem ao menos imaginar que era só uma aventura, uma coisa Indiana Jones básica...

Yes, nós, mulheres, somos diferentes. Não adianta. Você bem conhece o provérbio do "Amor de pi... é o que fica", não conhece? Mulher beija, gama. Mulher anda de mão dada, gama. Mulher ganha flanelinha no posto de gasolina, gama. Não adianta, é da natureza. Somos românticas e queremos AMOOOR! O.k., queremos sexo também, mas queremos tudo junto que nem aquela embalagem executiva de fast-food chinês, que vem o arroz de um lado e o frango xadrez do outro. E, quando vocês não ligam pra gente no dia seguinte, é tão frustrante quanto comprar raspadinha e não dar nada, nem um bonequinho do Ronaldinho.

Poodle e Dalai Lama

Mas eu sei, amigo, eu sei que você não entende e que rola na cama se perguntando: "Por quê? Por quê? Por que não posso só dar uma bimbadinha e sumir sem que ela espalhe pra todas as amigas que sou um canalhão e que valho menos que uma aranha de plástico da banca de jornal?"

Gisela Rao, a colunista profissional, está aqui para desvendar esse dilema que te tira o sono e foi descobrir por que, com mil raios e trovões, a mulher quase nunca consegue separar sexoo de amor. Veja o que apurei fuçando nos recônditos do universo feminino:

— "Quem separou o amor do sexo foi o homem. Na verdade, o belo está justamente em os dois andarem juntos. Talvez por isso o homem nunca se satisfaça e procure sempre mais e mais."

— "Por ter necessidade de proteção, de segurança, de continuidade. Vai que a gente engravida nessa noite. Quem vai assumir? O pé da cama?"

— "Acho que a mulher não tem tanto tesão no cara se não estiver envolvida. É diferente dos homens."

— "Porque homem faz carinho pra ter sexo e mulher faz sexo pra ter carinho. No fundo, é carência mesmo. E não adianta dar um poodle pra gente que não resolve."

— "Porque as mulheres são muito apegadas. Elas se apegam até à personagem boazinha da novela. Quando acaba, é aquele drama. E nem o Dalai Lama pregando o desapego consegue mudar isso."

— "Ah, porque transando sem amor a gente se sente usada. E ainda por cima de graça."

— "Se a mulher quisesse só sexo, namorava um vibrador, já que o índice de orgasmo é de 100%. E dá pra dar várias sem tirar."

Na minha sempre humilde opinião, é porque sexo sem amor é que nem milk-shake do McDonald's: é legal, mas não tem gosto. Hehehehe.



:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO giselarao@uol.com.br

TEATRINHO NA **CAMA**

FICOU TODO PIMPÃO PORQUE A FOFA GOZOU? MÁS NOTÍCIAS, DARLING: A SACANA FINGIU

Sim, amigo, você finalmente conquistou aquela gata. Aquela morena que tratava você e uma correia dentada sem distinção. Aquela que te fazia sentir como um anão de jardim, como a mosca tsé-tsé, como um saquinho de mostarda do McDonald's. Você batalhou, criou estratégias, enterrou o sapo com a boca costurada e agora, finalmente, ela é toda sua.

Vocês vão ao motel El Casco celebrar a união. Você compra um cuecão novo, champagne e escolhe a suíte mais cara.

O bububu no bobobó começa. Você faz de tudo pra controlar o trecão, que tá com aquilo engasgado até o pescoço. Afinal, você quer que ela goze primeiro. Aí, a gata, como que ouvindo suas preces, começa a ofegar e a gemer, gemer e gemer num gozo ma-ra-vi-lho-so.

Você se acha. Sim, você se acha... E vai todo se achando tomar um banho de chuveirão. A gata resolve brincar na banheira de hidromassagem. Afinal, ela adora espuma. No meio do banho, você ouve um grito de prazer. Sim, ela gozou na banheira... Mas, peraí, com você foi diferente. Mas... Mas... Mas... Sim, com você ela... FINGIU! FINGIU!!! "Banheira ordinária", você pensa.

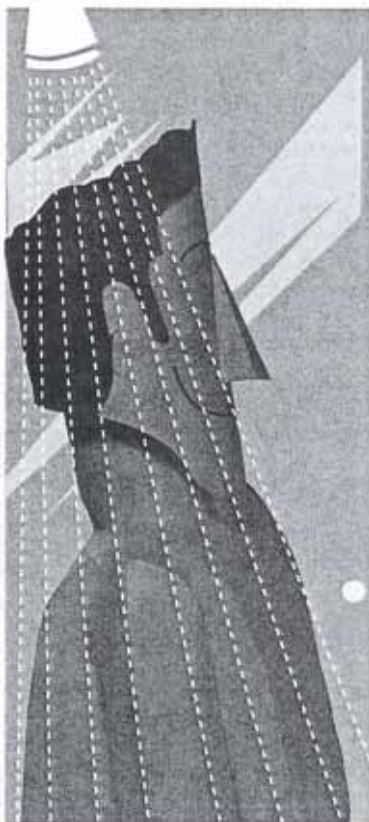
Um furo, dois furos, três furos...

Mas nem tudo está perdido. Afinal, você ainda pode levar de lembrança o pentinho e o xampusinho do banheiro do motel. Você mira o espelho, com a touca ainda na cabeça, e se pergunta: "Dúvida dos infernos! Por que, com mil caracóis, elas fingem que gozam?"

Gisela Rao, a Mulher Discovery, trouxe as respostas pra você de mão beijada. Sim, sou legal...

— "Pra dar ao homem a sensação de que está fazendo o trabalhinho dele direito."

— "Só fingi dois orgasmos na vida. O primeiro foi porque o cara tinha um trecão



pequeno e nada do que ele fizesse poderia me satisfazer. Mas ele percebeu. E o outro porque eu sabia que ele ia me encher tanto o saco querendo saber por que eu não tinha gozado que dava menos trabalho fingir. Mas só que ele também percebeu, e a coisa ficou bem pior. Ou seja: sou péssima atriz!"

— "Pra não ter que passar o resto da noite contando furo no teto."

— "Porque a gente precisa fingir alguma coisa na vida."

— "Porque elas já estão com câibra ou dor nas costas. Hahaha..."

— "Porque não têm coragem de pedir para os homens fazerem o que elas gostam. São umas goiabas."

— "Porque, às vezes, o homem quer de qualquer jeito, e a gente não quer de jeito nenhum. Aí acaba dando uma cancha."

— "Pra não perder o bofe. Elas querem dizer que têm prazer, principalmente se o bofe for rico. Perder a mordomia e a academia não dá, né, meu bem???"

Segundo a "eu", é porque a mulherada acha que, para o homem, sexo é igual futebol. Ou seja: se não tem gol, não tem graça. ::

:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO gisela.rao@uol.com.br

ADÃO, EVA E EVELYN

SONHA EM FAZER UM MÉNAGE À TROIS? VAI FICAR SÓ NO SONHO, BONECO!

Tô ligada, colega leitor. Tô ligada que você morre de tara de passar uma noite daquelas de sexo selvagem com sua namorada e mais uma mina. Não adianta negar, porque fiz uma pesquisa na internet e foi confirmado: essa é a segunda maior tara dos homens. A primeira? Bububu no backstage, claro.

E tudo começa muito lindo no reino da sua fantasia. Você liga pra sua gata e a convida pra pegar um cineminha.

– Quero ver filme de amor!

– Claro, linda.

– Quero ver filme de amor e sentar bem lá na frente.

– Claro, linda.

– Quero ver filme de amor, sentar bem lá na frente e vou ficar perguntando tudo o que eu não entendo, tá?

Você engole seco, lembrando-se do último filme de suspense que vocês viram juntos. Ela não entendeu nada e perguntou, e você atrapalhou todo mundo tentando explicar e quase apanhou. Ainda assim, você continua:

– Cla-claro, linda.

Vocês vão ao cinema e, quando ela tá lá toda sensível, você vem com essa verdadeira bomba Hiroshima-Nagasaki na cabeça da moça:

– Sabia que tenho uma fantasia de transar eu, você e mais uma mina?

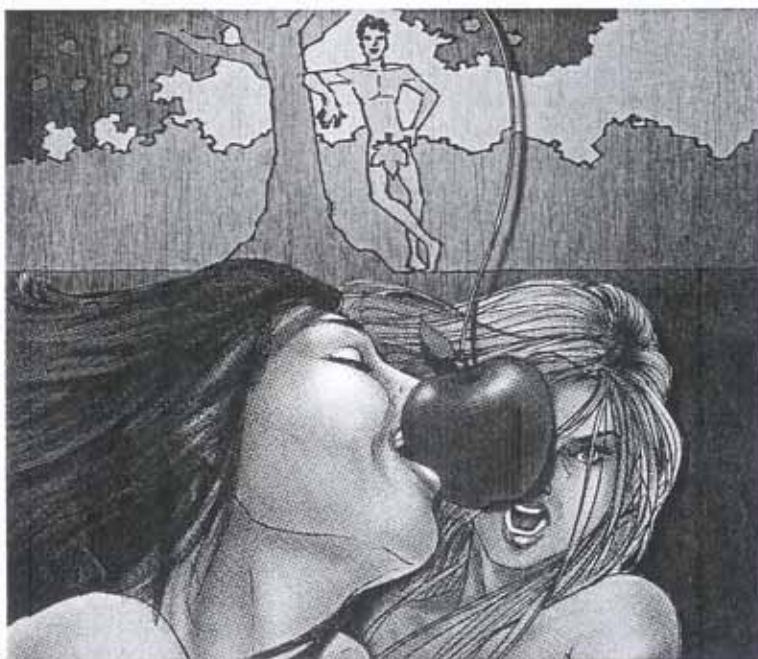
Tua sorte, leitor, é que pipoca não é bolo Pullman, porque, com certeza, você seria esfaqueado com a faquinha de plástico.

Sutil como um pequinês

Mas por quê? Por quê? E por que a mulherada prefere escutar um CD-solo do Júnior do que ouvir uma proposta dessas? Pois é, sua Colunista-Mulher-Discovery foi descobrir. E trouxe algumas respostas ainda quentinhas:

– “Porque é nojento.”

– “Porque, se eu quisesse sentir um peito



roçando em mim, virava lésbica.”

– “O problema é dividir o prazer do cara com outra mulher. Não consigo imaginar o trecão em que passo Hipoglós com tanto carinho roçando em outra...”

– “Porque Deus criou Adão e Eva. Não criou Adão, Eva e Evelyn nem outros figurantes.”

– “Porque começamos dividindo nosso homem com a fulana e, quando menos esperamos, estamos dividindo o nosso nécessaire. Nem pensar...”

Bom, na opinião de Gisela Rao por ela mesma, acho que as mulheres detestam transar a três por causa da “Síndrome do Eu Tenho, Você Não Teeeeem”. Ou seja: pura posse! O homem é meu, ninguém tasca, eu vi primeiro. E a coisa foi piorando com o tempo, porque cada vez tem mais mulher

pra cada homem. Então é aí que as comprometidas demarcam mesmo território. Só que a gente faz isso com a sutileza de um pequinês que levanta a perninha pra dizer que aquele pedaço do sofá é dele. Uma dessas formas, por exemplo, é não deixar o cara entrar no Orkut, onde a franga rola solta. E a outra é não querer transar a três nem por um cacete. Acaba sendo uma mistura de posse com insegurança e baixa auto-estima. Porque, se a mina escolhida for mais gostosa que a gente, o cara – que não é bobo nem nada – ficará doidão. O que é péééssimo. Afinal, só tem uma saída honrosa pra essa cena de ver o homem que a gente ama (desesperadamente) se derreter todo por uma loira, uma ruiva ou uma asiática: se enforcar no banheiro... com a camisinha. ::



:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAO giselarao@uol.com.br

WC, VULGO WOMEN CONFERENCE

POR QUE, COM MIL PERQUITOS DE RABO GRENÁ, ELAS VÃO SEMPRE JUNTAS AO BANHEIRO?

Pois é, leitor, essa resposta vale 100 real mais a grana do busão. Tá uma coisa que você vai morrer sem entender, né? Concorro que é mais fácil encontrar o dalai-lama na padaria do que desvendar tal enigma. Mas pra gente também é difícil que é o cão entender por que vocês sentem tanto calor, só dormem se a TV estiver ligada e têm essa mania – tiranossauro rex – de empurrar a cabeça da gente pra baixo na hora do boquete.

A coisa é assim mesmo: você mais a mina saem pra balada com mais dois casais. Você enche a lata de cerveja e, discreto como um ninja, vai ao mictório SO-ZI-NHO tirar a água do Joelho, guardando devida distância do macho ao lado. Sim, pode ser que ele tenha um trecão avassalador e que, em vez de urinar, tenha levado a bestia pra tomar água, mas você fica lá, totalmente na sua, *low profile* no último. Já a sua mina, não. Ela levanta da mesa, avisa pra danceteria inteira que vai fazer xixi e parte gloriosa pro WC – vulgo Women Conference – com um séquito de amigas atrás puxando a saia pra baixo. Você olha pro seu amigo, que olha pro seu outro amigo, e faz aquela cara de “com mil macacos de bunda rosada, por que essas mulheres vão sempre juntas ao banheiro?”

Não perde o sono, não, amigão, porque a sua Colunista-Mulher-Maravilha vai decifrar esse mistério milenar. Você vai ver: *O Código Da Vinci* é fichinha perto disso aqui.

— “A resposta é simples: toda mulher tem um pouco de MacGyver. Na nossa bolsa tem de tudo – canivete, maquiagem, absorvente, guarda-chuva, soco-inglês, barra de cereais, sutiã, camisinha, agulha e linha, lenço, tesourinha, trim, consolo branco e negão... A gente tá sempre pronta pra ajudar uma colega que tá precisando de alguma dessas coisas.”

— “Depende... Se estiver passando filme novo do Antonio Banderas, com certeza é pra falar das pernonas dele.”



— “Porque, segundo as pesquisas, as mulheres falam de 3 mil a 5 mil palavras a mais que os homens por dia. Então a gente aproveita até a hora de fazer xixi pra desovar o falatório.”

— “Onde você quer que a gente mostre a nossa lingerie pras amigas? Na padaria?”

— “Bem, se as minas forem saps, é pra dar uns malhos mesmo.”

— “Pra comentar sobre as *blue chips* da Nasdaq é que não é, meu bem. A gente gosta de fofoca, e o banheiro é o melhor lugar pra isso porque sempre checamos se a mina em que estamos descendo a lenha não está sentadinha por perto. Mas veja bem: gostar de fofoca não quer dizer que sejamos fofoqueiras, entende? Quer dizer apenas que somos superiores à baranga em questão.”

Fio terra

Bom, leitor, já que você quer a minha humilde opinião, eu vou dizer a verdade, nada mais que a verdade. Basicamente, as mulheres só falam de um assunto: homens! No banheiro, elas não fogem à regra, com uma diferençazinha: lá rola uma certa “hora

da verdade” e elas contam tudo, tudo mesmo. O “contar tudo, tudo mesmo” significa que, se você gozou, abraçou o travesseiro, dormiu e ainda babou, no dia seguinte a internet inteira vai saber, porque a sua mina vai contar pras outras no banheiro. Se você é chegado num fio terra, então, tu tá aniquilado! Prepare-se pra ver um monte de mulher saindo do toalete olhando pra você e dando risadinha. Se o seu trecão não nasceu com essa bola toda, ela também vai contar no WC que não sabe se você tá transando ou apontando o lápis...

Mas isso tudo não quer dizer que ela não te ame. Ela só tá dividindo com as amigas aquilo que você mais preserva nessa vida fora o seu time: sua intimidade. O meu conselho é: ou você capricha e manda sempre bem ou faça chantagem, do tipo: “Se você contar que eu broxei, conto pras suas amigas que você usa meia-calça um número a menos pra espremer os pneuzinhos...” Pronto: a boca da mina vira um túmbalo.

Mande e-mails pra sua querida colunista e tenha um bom dia! ::

A

:: MULHER MARAVILHA POR GISELA RAD gisela@uol.com.br

CUCURUCUCU, PALOMA

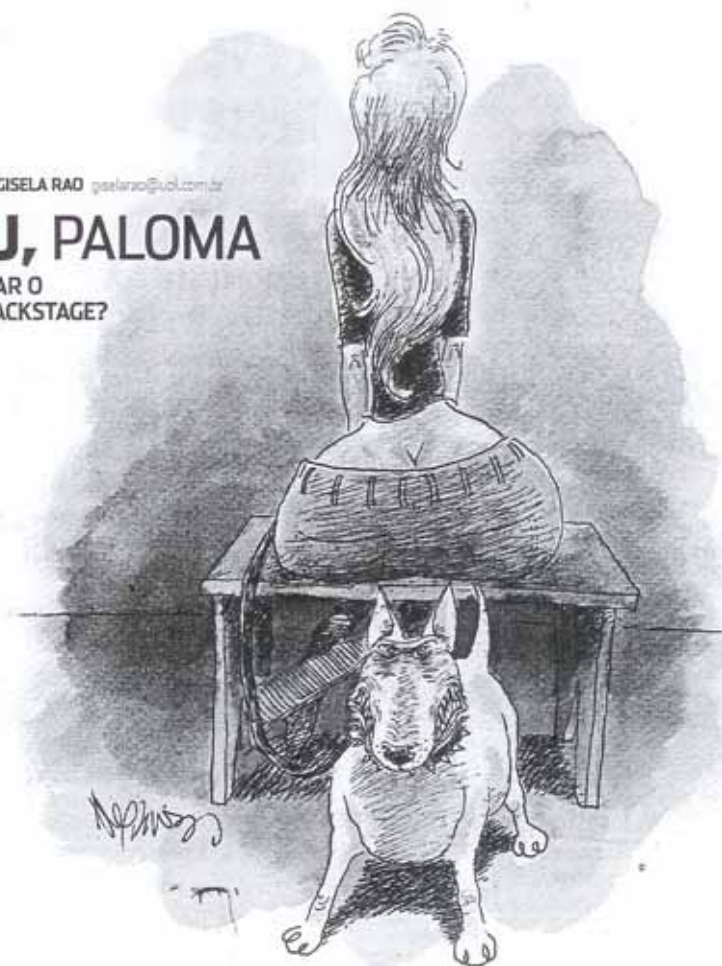
POR QUE ELAS PREFEREM ABRAÇAR O
FREDDY KRUEGER A LIBERAR O BACKSTAGE?

Larga de ser tarado, amigão! É só falar essa palavra aí de cima (backstage, claro) que você fica com os hormônios alvoroçados e o treção ensandecido? Que coisa doida... É por isso que a mulherada regula, fica com meda. Sim, a gente sabe que essa é uma das suas grandes fantasias e que, quando você fala a frase mágica – “Vamos variar um pouquinho hoje?” – num tom aveludado, com certeza vai querer a nossa traseira. Aí é um Deus nos acuda.

Liberar o backstage é assim: dói tanto nos primeiros minutos que a facanha deve se restringir a momentos especiais, como o Natal, a Páscoa e o Dia do Índio. Ai, Cacilda, o Natal tá chegando. Ferrou...

Bom, mas voltando ao mistério de hoje – o porquê de o mulherio entrar em pânico toda vez que você quer dar uma de Borba Gato, o desbravador –, vamos pensar juntos. Se você realmente não entende o motivo de receber tanto “hoje não!!!”, vá até o banheiro, abaixe o cuecão, folheie uns calendários de borracharia, arranje uma régua, meça a criatura em estado de Vigilante-Carlos-Sempre-Alerta (se é que você já não fez isso centenas de vezes, que eu sei), vá até a cozinha e pegue um legume ou fruta proporcional ao tamanho da encrenca: tomatinho, cenoura, pepino, berinjela, jaca... Enfim...

Em seguida, olhe para a fruta ou legume, olhe para o local onde mamis passava Hipoglós e **VOCÊ VAI ENTENDER, PÔ!** E vai entender também por que, nessa hora, não adianta virar pra moça e falar: “Mina, isso vai doer mais em mim do que em você. Mas, no futuro, você vai me agradecer”. Vá, sim, principalmente quando ela estiver na farmácia comprando pomada pra aliviar a situação.



Átila e Barrichello

“Ah, mas tem mina que gosta...” Tem mesmo (20%, segundo as pesquisas), mas também tem mina que gosta do Maníaco do Parque e do Fernandinho Beira-Mar. Bom, então você já sabe um dos motivos da negação ao “berimbau”. Agora vamos ouvir outras explicações das especialistas:

- “Porque os homens têm essa mania de Átila, o Huno e querem dominar tudo. Eu não abro os portões, não adianta...”
- “Porque pinto não é tatu para entrar em qualquer buraco que encontra.”
- “Porque os caras não têm nada que relembra os tempos de troca-troca da infância comigo.”
- “Acho nojento.”
- “Porque o sonho de uns é o pesadelo

de outros.”

– “Deus botou campainha na porta da frente, não na de trás.”

Já sua colunista, na alegria e na tristeza, tem a seguinte opinião: sexo é que nem jogo de War. Depois que você consolida um território, pode partir para o próximo. Ou seja: aprenda a manusear o clitoris direitinho. Use o estilo Barrichello – nem muito rápido nem muito lerdão. A seguir, aprenda a aumentar o timing do treção antes de estrebuchar e pedir clemência. Quanto mais você demorar, mais a mina tem chance de atingir o pico do Kilimanjaro.

Eis aonde eu queria chegar: assim que você dominar a África, amigão, pode partir pra conquistar a Oceania numa boa. Qualquer coisa, tamos aí, herói. Mande seu e-mail ::